



WAKE

LISA McMANN



Janie uma garota de dezessete anos, é sugada para dentro dos sonhos de outras pessoas. Especialmente os sonhos de perdas, os de nus, mas ninguém nota, e os sonhos de sexo selvagem. Janie já vira fantasias o suficiente para uma vida toda.

Ela não poderia contar a ninguém sobre o que ela era capaz. Eles nunca acreditariam nela, ou pior, eles pensariam que ela é uma aberração. Então Janie vive a margem, amaldiçoada com a habilidade que não quer e não pode controlar.

Então ela se vê em um terrível pesadelo, um que a apavora até os ossos. Pela primeira vez, Janie é mais do que uma espectadora nos sonhos tortuosos na mente de outra pessoa. Ela é uma participante.

Seis minutos

9 de Dezembro, 2005 – 12:55

O livro de matemática de Janie Hannagan escorregou de seus dedos. Ela agarrou a borda da mesa na livraria da escola. Tudo ficou escuro e silencioso. Ela suspirou e descansou a cabeça na mesa.

Suas tentativas de sair daquilo falharam miseravelmente. Ela estava cansada demais hoje. Faminta demais. Ela realmente não tinha tempo para isso.

E então.

Ela está sentada nas arquibancadas do estádio de futebol, piscando debaixo das luzes, quieta entre o rugido da platéia.

Ela olhou para as pessoas sentadas na arquibancada ao seu redor(companheiros de classe e pais) tentando identificar o sonhador. Ela podia sentir que esse sonho era sobre medo, mas onde ele estava? Então ela olhou para o campo de futebol. E o encontra. Ela revira seus olhos.

É Luke Drake. Sem dúvida sobre isso. Ele é, afinal, o único jogador nu no campo do jogo de volta pra casa.

Ninguém parecia notar ou se importar. Exceto ele. A bola é jogada e os jogadores colidem, mas Luke esta se cobrindo com as mãos, pulando de um pé para o outro. Ela podia sentir seu pânico aumentando. Os dedos de Janie começaram a formigar e ficaram insensíveis.

Luke olha para Janie, seus olhos imploravam, enquanto a bola vinha em sua direção, um projétil em câmera lenta. – me ajude; ele disse.

Ela pensou em ajudá-lo. Se perguntando o que aconteceria se ela mudasse o curso do sonho de Luke. Ela chegou a considerar que uma injeção de confiança na estrela do time recebida um dia antes do grande jogo, poderia colocar Fieldridge High na corrida para o campeonato da primeira classe.

Mas Luke era um idiota. Ele não saberia apreciar isso. Então ela se resignou a observar o espetáculo. Se perguntando se ele iria escolher o orgulho ou a gloria.

Ele não era tão grande como ela pensou que seria.

E era uma maldita verdade.

A bola quase havia alcançado Luke quando o sonho começou novamente. “Oh, vamos logo com isso”, Janie pensou. Ela se concentrou em seu banco na arquibancada e lentamente conseguiu ficar em pé. Ela tentou caminhar de um lado para o outro embaixo das arquibancadas pelo resto do sonho para que não tivesse que olhar, e surpreendentemente, desta vez, ela fora capaz.

Isso era um bônus.

13h01min

A mente de Janie se catapultou de volta para o corpo, ainda sentado em seu usual lugar na mesa do quanto na biblioteca. Ela flexionou os dedos doloridos, levantou à cabeça, quando sua visão retornou, e olhou pela biblioteca.

Viu o culpado em uma mesa a cerca de quatro metro e meio de distancia. Ele estava acordado agora. Esfregando os olhos e sorrindo sem graça para os outros dois jogadores de futebol que estavam perto dele, rindo. O empurrando. E lhe dando tapas na cabeça.

Janie sacudiu a cabeça para clarear-la e levantou seu livro de matemática, que estava virado na mesa onde o havia largado. Embaixo dele, ela encontrou uma barra de Snickers*. Ela sorri e olhou para a esquerda, entre as fileiras de estantes.

Mas não havia ninguém ali para ela agradecer.

*Snickers é uma barra de chocolate feita pela Mars, Incorporated. Consiste em torrão (nougat) de manteiga de amendoim coberto com amendoins e caramelo com chocolate ao leite.

Quando tudo começou.

Tarde, 23 de dezembro, 1996.

Janie Hannagan tinha oito anos. Ela usava um vestido vermelho fino e desbotado, com mangas curtas demais, meias calças que apertavam entre suas pernas, botas cinza lua, e um casaco marrom, com dois botões faltando. Seu longo cabelo loiro escuro estava elétrico com a estática. Ela estava em um Amtrak* com a mãe indo de sua casa em Fieldridge, Michigan, para Chicago, visitar a avó. A mãe lia O Globo no banco em frente ao dela. Tinha uma figura na capa, um homem enorme usando um terno azul. Janie apoiou a cabeça contra a janela, observando sua respiração formar uma nuvem nela.

A nuvem embaçava a visão de Janie tão vagamente que ela não percebeu que estava acontecendo. Ela flutuou na neblina por um momento, e então estava em uma sala larga, sentada em uma mesa de reuniões, com cinco homens e três mulheres. Na frente da sala estava um homem alto, e careca com uma pasta. Ele estava apenas com as roupas de baixo, fazendo uma apresentação e nervoso. Ele tenta falar, mas não consegue, nenhuma palavra saía de sua boca. Os outros adultos estavam todos usando ternos. Eles riam e apontavam para o homem careca com sua roupa de baixo.

O homem careca olhou para Janie.

E então olhou para as pessoas que estavam rindo dele.

Seu rosto se torceu em derrota.

Ele segurava sua pasta em frente as suas partes privadas, e isso fazia com que os outros rissem ainda mais. Ele correu para a porta da sala de conferências, mas a fechadura está emperrada, alguma coisa no mecanismo da porta de correr. Ele não conseguia abrir a porta; a porta rangia e

chacoalhava em suas mãos, e as pessoas na mesa se dobram de rir. A roupa de baixo do homem era folgada cinza e branca. Ele virou para Janie novamente com um olhar de pânico e implorou.

- trem de passageiros.

Janie não sabia o que fazer.

Ela ficara petrificada.

Os freios do trem gritaram.

E a cena ficou enfumaçada e se perdeu na neblina.

- Janie! A mãe de Janie estava inclinada na direção de Janie. Seu hálito cheirava a gin, e seu cabelo amassado caía em frente a um olho. – Janie, eu disse, que talvez a vovó leve você até aquela loja de bonecas grande e chique. Pensei que você fosse ficar animada sobre isso, mas acho que não. A mãe de Janie bebeu de uma garrafa em sua bolsa velha.

Janie olhou para sua mãe e sorriu. – isso parece ser legal. Ela disse, mesmo sabendo que não gostava de bonecas. Ela preferiria ter meias novas. Ela se remexeu no acento, tentando ajustá-las. Os fundilhos apertavam suas cochas. Ela pensou sobre o homem careca, e esfregou os olhos. Estranho.

Quando o trem parou, elas pegaram suas malas e caminharam para a plataforma. Em frente à mãe de Janie, um desarrumado homem careca emergiu de seu compartimento.

Ele limpava seu rosto com um lenço.

Janie olhou para ele.

Sua boca se abriu. – uau. Ela sussurrou.

O homem olhou para ela de forma indiferente quando a vê encarando, e se vira saindo do trem.

6 de Setembro 1999.

15h05min

Janie correu para pegar o ônibus depois de seu primeiro dia do sexto ano. Melinda Jeffers, uma das garotas no lado norte de Fieldrífge, esticou seu pé, mandando Janie deitada no cascalho. Melinda ri por todo o caminho até o brilhante Jeep Cherokee de sua mãe. Janie lutou contra a urgência de chorar, e limpou sua roupa. Ela entra no ônibus, se ajeitando no banco da frente, e olha para a sujeira e sangue na palma de suas mãos, e para o rasgo no joelho de sua já surrada calça.

A sexta serie fazia sua garganta doer.

Ela reclinou a cabeça contra a janela.

Quando chegou em casa, Janie caminhou passando por sua mãe, que estava no sofá assistindo Guiding Light* e bebendo de uma garrafa clara de vidro. Janie lavou suas mãos latejantes com cuidado, as secou, e sentou ao lado da mãe, esperando que ela a notasse. Esperando que ela falasse alguma coisa.

Mas a mãe de Janie estava dormindo agora.

Sua boca estava aberta.

Ela roncava levemente.

A garrafa ainda em sua mão.

Janie suspirou, colocou a garrafa na desgastada mesinha do café, e começou sua lição de casa.

Na metade de seu trabalho de matemática, a sala ficou escura.

Janie esta seguindo por um túnel brilhoso, como um caleidoscópio multicolorido. Não havia chão, e Janie estava flutuando enquanto as paredes giravam ao redor dela. Isso a fazia sentir como se fosse vomitar.

Próximo a Janie no túnel estava sua mãe, e um homem que parecia como um Jesus Cristo loiro. O homem e a mãe de Janie estão de mãos dadas e voando. Eles pareciam felizes. Janie grita, mas nenhum som sai. Ela queria que aquilo parasse.

Ela sentiu o lápis cair de seus dedos.

Sentiu seu corpo escorregar do braço do sofá.

Ela tentou se sentar, mas com o redemoinho de cores ao seu redor, ela não podia dizer qual lado era o certo. Ela puxou seu corpo com muita força e caiu para o outro lado, sobre sua mãe.

As cores pararam, e tudo se tornou negro.

Janie escutou a mãe, resmungar.

Sentiu seu empurrão.

Vagarosamente a sala entrou em foco novamente, e a mãe de Janie lhe deu um tapa na cara.

- sai de cima de mim. A mãe dela disse. – o que é de errado com você?

Janie sentou e olhou para a mãe. Seu estomago se revirava, e ela se sentia tonta por causa das cores. – estou me sentindo mal. Ele sussurra, e então levantou e saiu tropeçando para o banheiro para vomitar.

*Guiding Light é um programa de televisão dos Estados Unidos da América, creditado como a mais duradoura série dramática pelo Guinness World Records, estando em atividade desde 1952.

Quando ela conseguiu sair, pálida e tremendo, sua mãe havia saído do sofá, indo para seu quarto.

Obrigado deus. Janie pensou. Ela jogou água fria em seu rosto.

1 Janeiro , 2001.

07h29min

Um caminhão da U-Haul parou em frente a casa ao lado. Um homem, uma mulher, e uma menina da idade de Janie saíram e se afundaram na neve que cobria a entrada da casa. Janie os observa da janela do quarto.

A garota tinha cabelo escuro e era bonita.

Janie se pergunta se ela iria ser pretensiosa, como todas as outras garotas que chamam Janie de lixo branco na escola. Talvez, já que essa garota morava na casa ao lado, no lado errado da cidade, eles a chamassem de lixo branco também.

Mas ela era realmente bonita.

Bonita o suficiente para fazer a diferença.

Janie se vestiu rapidamente, colocou suas botas e casaco, e caminhou para a casa ao lado para ter a chance de conhecer a menina antes que as garotas do lado norte a conhecessem. E Janie estava desesperada por uma amiga.

- vocês precisam de alguma ajuda? Janie perguntou com uma voz mais confiante do que se sentia.

A garota parou em seu caminho. O sorriso aprofundava as covinhas nas bochechas, ela inclinou a cabeça para o lado. – oi, ela disse. – sou a Carrie Brandt.

Os olhos de Carrie brilhavam.

O coração de Janie pulou.

2, Março, 2001.

19:34

Janie tinha treze anos.

Ela não tinha um saco de dormir, mas Carrie tinha um extra que Janie poderia usar. Janie colocou sua sacola plástica no chão perto do sofá na sala de Carrie.

Dentro da sacola:

Um presente feito a mão para Carrie.

O pijama de Janie.

Uma escova de dente.

Ela estava nervosa. Mas Carrie, conversava o suficiente pelas duas, esperando que a outra amiga de Carrie, Malinda Jeffers aparecesse.

Sim, aquela Melinda Jeffers.

Dos Jefferses do lado norte de Fieldridge.

Aparentemente, Melinda Jeffers também era a presidente do clube “Fazendo Janie Hannagan infeliz”. Janie limpou suas mãos suadas nos jeans.

Quando Melinda chega, Carrie não se atira sobre ela. Janie acena um ola.

Melinda sorri. Tenta sussurrar alguma coisa para Carrie, mas Carrie a ignora e diz. – ei! Vamos arrumar o cabelo de Janie.

Melinda jogou um olhar afiado para Carrie.

Carrie sorriu para Janie, perguntando para ela com seus olhos se estava tudo bem.

Janie tenta sorrir e Melinda bufa e finge que ela afinal das contar não ligava.

Mesmo Janie sabendo que aquilo a estava matando.

As três garotas lentamente ficaram mais confortáveis, ou talvez apenas resignadas uma com a outra. Elas colocaram maquiagens e assistiram vídeos de antigas comédias que eram as preferidas de Carrie, algumas Janie nunca ouvira falar antes. E então elas brincaram de verdade ou desafio.

Carrie alternava: verdade, desafio, verdade, desafio.

Melinda sempre escolhia verdade.

Janie sempre escolhia desafio.

Ela era a garota dos desafios.

Dessa maneira ninguém via o que havia por dentro.

Ela não podia se permitir deixar ninguém entrar.

Eles poderiam descobrir sobre seu segredo.

As risadas se tornaram histéricas quando Melinda desafiou Janie correr na rua sobre a neve de pés descalços, ao redor do quintal, tirar as roupas, e fazer um anjo de neve nua.

Janie não teve problemas em fazer isso.

Por que na verdade, o que ela tinha a perder?

Ela escolheria aquele desafio á contar seu segredo a qualquer hora.

Melinda observava Janie, os braços cruzados no ar frio da noite, e com zombaria em seu rosto, enquanto Carrie ria e ajudava Janie colocar sua camiseta e jeans de volta em seu corpo molhado. Carrie pegou o sutiã de Janie encheu a taça de neve, e os jogava como bolas de neve em Melinda.

- eca, nojento. Melinda zombou. – onde você arranhou essa coisa velha. Exercito da salvação?

O sorriso de Janie desapareceu. Ela agarrou seu sutiã de Carrie e os socou dentro do bolso de seu jeans, envergonhada. – não. Ela disse hostil, então riu novamente. – é da boa ação. Por que, parece familiar?

Carrie bufou.

Ate mesmo Melinda relutantemente ri.

Elas voltam para dentro, para comer pipoca.

23:34

O nível de barulho na sala da casa de Carrie diminuiu junto com as luzes depois que o Sr. Brandt, pai de Carrie parou no corredor e mandou que as três meninas calassem a boca e fossem dormir.

Janie puxou o zíper de seu saco de dormir cheirando a mofo e fechou seus olhos, mas ela estava muito excitada para dormir depois daquele emocionante anjo de neve. Ela tivera uma noite divertida apesar de Melinda. Ela aprendeu como é ser uma menina rica(pareceu legal por cerca de um dia, mas havia muitas lições mau cheirosa) e que Luke Drake é supostamente o cara mais quente da classe(na menta de Carrie), e o que pessoas como Melinda fazem quatro vezes por ano(eles tiram férias em lugares exóticos). Quem diria?

Agora os risos diminuía ao redor dela, e Janie abriu seus olhos e encarou o teto escuro. Ela estava feliz por estar ali, mesmo sabendo que Melinda implicava com ela por causa de suas roupas. Melinda até mesmo tivera a

coragem de perguntar para Janie por que ela nunca usava nada novo. Mas Carrie a calou com uma exclamação.

– Janie, você parece simplesmente incrível com seu cabelo para trás desse jeito. Não é mesmo, Melinda?

Pela primeira vez, o cabelo de Janie estava preso em uma trança francesa, e agora, deitada no saco de dormir ela sentia o calombo pressionado contra seu escalpo através do travesseiro. Talvez Carrie pudesse ensiná-la como fazer isso, algum dia.

Ela precisava ir ao banheiro, mas estava com medo de levantar, em caso do pai da Carrie pudesse escutá-la e começar a gritar novamente. Ela fica deitada quieta como as outras garotas, escutando a respiração delas enquanto elas caíam no sono. Melinda estava no meio, curvada de lado, virada para Carrie, com suas costas para Janie.

12h14min

O teto nublou e desapareceu. Janie piscou e de repente ela estava na escola, na aula de educação cívica. Ela olhou ao redor e percebeu que não está em sua classe normal do quarto período, mas na classe que a seguinte. Ela estava em pé no fundo da sala. Não há assentos vagos. A senhora Parchelli, a professora, discursava sobre o poder judiciário do governo e o que a suprema corte de justiça usava sob suas vestes. Ninguém parece surpreso que a senhora Parchelli os estava ensinando isso. Alguns dos alunos tomavam notas.

Janie olhou ao redor para os rostos na sala. Na terceira fileira, sentada na classe do centro, estava Melinda. Melinda tinha um olhar sonhador em seu rosto. Ela estava encarando alguém na fileira ao lado, e um assento para frente. Enquanto a professora falava, Melinda levantou lentamente e se aproximou da pessoa que ela vinha encarando. Do fundo da sala, Janie não podia ver quem era.

A professora não parecia notar. Melinda se ajoelhou próximo a mesa e tocou a mão da pessoa. Em câmera lenta, a pessoa se virou para Melinda, tocou seu rosto, e então se inclinou para frente. Elas se beijam. E depois de um momento, as duas se levantam ainda se beijando. Quando elas se separam, Janie pode ver o rosto da parceira de beijo da Melinda. Melinda leva sua parceira pela mão para frente da sala e abre a porta do armário de suprimentos. O sinal toca, e como formigas, os estudantes seguem em direção da porta para partir.

O teto da sala de Carrie Brandt volta a aparecer quando Melinda suspira e se vira de barriga para baixo em seu saco de dormir próxima a Janie. Aterrorizante! Janie pensa. Ela olha para o relógio. É 01h23min.

01h24min

Janie rola e deita de lado e ela esta caminhando na floresta. Estava escuro por causa das sombras, não da noite. Alguns raios de uma fraca luz do sol apareciam através da cobertura das arvores. Caminhando na frente de Janie esta Carrie. Elas caminham pelo que pareceu ser um quilometro e meio ou mais, e de repente um rio caudaloso aparece a alguns paços na frente delas. Carrie para toca suas orelhas, escutando alguma coisa. Ela grita em uma voz desesperada. – Carson! Carrie chama o nome sem para, ate que a floresta se enche com sua voz. Carrie caminha pela alta encosta do rio e tropeça em uma raiz de arvora. Janie bate nela, cai, Carrie a ajuda a se levantar. Ela deu a Janie um olhar confuso e disse. – Você nunca esteve aqui. Carrie volta á sua busca por Carson, seus gritos ficam mais altos.

Então á um borrifo de água no rio, e um garoto pequeno aparece na superfície, se movendo rapidamente na correnteza. Carrie corre pela encosta e grita. – Carson! Saia daí! Carson!

O garoto sorri e se engasga com a água. Ele afunda. Carrie esta desesperada. Ela estende sua mão para o garoto, mas não faz diferença. A encosta é muito alta, e o rio muito rápido para ela se aproximar e alcançá-lo. Ela esta chorando agora.

Janie assiste, seu coração pulando. O garoto continua a sorrir e se engasgar, afundando na água. ele esta se afogando.

- ajude ele! Carrie grita. – salve ele.

Janie vai em direção ao garoto na água, mas ela volta para a encosta no mesmo lugar em que saíra. Ela tenta novamente quando Carrie gritou, mas o resultado é o mesmo.

Os olhos do garoto agora estavam fechados. Seu sorriso havia se tornado estranho. Na água atrás do garoto, um enorme tubarão aparece sobre a superfície, em sua boca aberta, centenas de dentes afiados brilhavam. Ele fechou sua boca ao redor do garoto e desapareceu.

Carrie sentou em seu saco de dormir e gritou.

Janie grita também, mas o grito fica preso em sua garganta.

Sua voz estava rouca.

Seus dedos amortecidos.

Seu corpo treme por causa do pesadelo.

As duas garotas olharam uma para a outra no escuro, enquanto Melinda, se virou, resmungou, e voltou a dormir. – você esta bem? Janie sussurrou, se sentando.

Carrie assentiu, respirando pesadamente. Ela ri baixinho, envergonhada. Sua voz tremeu.
– sinto ter te acordado. Pesadelo.

Janie hesita. – você quer falar a respeito? Sua mente estava correndo.

-não. Volte a dormir. Carrie se virou de lado. Melinda se mexeu, e rolou alguns centímetros mais perto de Carrie, e ficou em silencio novamente.

Janie olhou para o relógio. 3:42. ela estava exausta. E deslizou para a inconsciência...

03h51min

... Ela é acordada quando cai em um quarto enorme e bonito. Havia pôsteres emoldurados do NSYNC e Sheryl Crow nas paredes. Em uma mesa estava Melinda, rabiscando na beirada de um caderno. Janie tenta forçar a si mesma a sair do quarto. Ela sente seu corpo sentando no saco de dormir, mas seus movimentos não afetavam o que ela via. Ela deitou e resignada á assistir.

Melinda estava desenhando corações. Janie caminhou na direção dela. Ela diz. “Melinda”. Mas nenhum som sai. Quando alguém bateu na janela do quarto, Melinda olha para trás e sorriu. – você poderia me ajudar a abrir essa janela?

Janie encarou Melinda. Melinda a encarou de volta, então aponta para a janela com um movimento de cabeça. Janie se sentia compelida, tropeçou em direção á janela próxima a Melinda e a abriu. Carrie entrou.

Ela esta nua da cintura para cima.

E seus seios são do tamanho de melancias.

Os seios balançavam de um lado para o outro quando Carrie subiu na soleira.

Ela passou por Janie e parou envergonhada em frente a Melinda.

Janie tenta se virar, mas ela não pode. Ela abana uma mão na frente do rosto de Carrie, mas Carrie não responde. Melinda pisca para Janie e abraça Carrie. Elas se abraçam e se beijam. Janie vira os olhos, e de repente as três estão de volta a sala da senhora Parchelli. Mais uma vez, Melinda esta abraçando alguém no corredor. É Carrie. Ela leva Carrie para a parte da frente da sala. Janie percebeu que ninguém mais na sala se importava ou notava a Carrie nua e seus seios enormes.

Janie se sente em seu saco de dormir novamente e balança a cabeça com força. Ela sente a ponta de sua trança batendo no lado de seu rosto, mas ela é incapaz de sair da sala de aula. Ela é forçada não somente a estar lá, mas também assistir.

E chutou Melinda com força.

E Janie estava de volta á sala de Carrie.

Melinda estava sentada seu cabelo desarrumado, e se virou para olhar para Janie. – Por que diabos você fez isso? Melinda estava furiosa.

Sentido sonolenta, Janie espiou com um olho. – desculpe. Ela murmurou. – havia uma aranha subindo no seu saco de dormir. Salvei a sua vida.

- o que?!

- não importa, ela já se foi.

- oh, ótimo. Como se eu fosse conseguir voltar a dormir agora.

Janie sorriu no escuro. Era 05h51min.

07h45min.

Alguma coisa cutucou a perna de Janie. Ela abriu os olhos, se perguntando onde estava. Estava escuro. Carrie puxou a coberta do saco de dormir da cabeça de Janie. – acorde dorminhoca. O sol estava cegando.

Umm. Janie resmungou. Ela sentou lentamente.

Carrie estava equilibrada sobre as pernas, olhando Janie, com uma sobrancelha erguida.

Janie conseguiu lembrar. Será que Carrie conseguia?

- você dormiu bem? Carrie perguntou.

O estomago de Janie se revirou. – um, sim. Ela cuidou a reação de Carrie. – e você?

Carrie sorriu. – como um bebe. Mesmo nesse chão duro.

- ah, hmm. Bem isso é ótimo. Janie levantou e desenrolou sua camisola. – onde esta a Melinda?

- ela saiu á uns dez minutos atrás. Ela estava estranha. Disse que esqueceu que tinha aula de piano as oito. Carie bufou. – dum.

Janie deu um sorriso fraco. Ela estava faminta. As duas garotas arrumaram o café da manha. Carrie não parecia lembrar-se do pesadelo.

Janie não esqueceu.

Enquanto comiam uma torrada, Janie deu uma olhada para o peito de Carrie. Seus seios, eram do tamanho de uma maçã cortada pela metade.

Janie foi para casa, caiu na cama, pensando sobre a noite estranha. Se perguntando se isso aconteceria a mais alguém. Sabendo, bem no fundo, que provavelmente não.

Ela caiu em um sono profundo ate tarde.

Decidiu que dormir fora não era com ela.

Aquilo nunca será para ela.

Junho 7, 2004.

Jane tinha dezesseis. Ela comprava suas próprias roupas agora. Muitas vezes comprava comida, também. Os cheques da boa vontade cobriam o aluguel e a bebida, e pouca coisa a mais.

Dois anos atrás, Janie havia começado a trabalhar algumas horas depois da escola e nos finais de semana em um casa de enfermagem. Agora ela trabalhava em tempo integral durante o verão.

O pessoal do escritório e outros empregados do hospital gostavam de Janie, especialmente durante os feriados da escola, por que ela trabalhava em qualquer turno, dia ou noite, então eles poderiam conseguir um dia de doença ou folga de ultima hora. Janie precisava do dinheiro, e eles sabiam disso.

Ela estava determinada á ir para a faculdade.

Cinco dias por semana ou mais, Janie colocava seu uniforme do hospital e pegava um ônibus para a enfermaria. Ela gostava de pessoas velhas. Eles não dormiam profundamente.

Janie e Carrie ainda eram amigas, e vizinhas. Elas passavam muito tempo na casa de Janie, esperando que a mãe dela desmaiasse em seu quarto para que pudessem ver filmes e conversar sobre garotos. Elas conversavam sobre outra coisas também, como o por que o pai de Carrie estava sempre tão bravo, e por que a mãe de Carrie não gostava de companhia. Na maior parte, Janie pensava, era por que eles eram pessoas chatas. Pura e simplesmente. Sempre que Carrie perguntava para a mãe se Janie poderia passar a noite, a mãe dela falava. – você já teve uma reunião em seu aniversário. Carrie não se incomodava em lembrá-la que havia sido quatro anos atrás.

Janie pensava sobre Carson e se perguntava se Carrie realmente era filha única. Mas Carrie parecia não querer falar sobre assuntos com pontas afiadas. Talvez ela tivesse medo que eles pudessem peticioná-la e ela não iria agüentar.

Carrie e Melinda também ainda eram amigas. Os pais de Melinda eram ricos. Melinda jogava tênis. Era líder de torcida. Seus pais tinham um condomínio em Vegas, na ilha Marco, Vail e em algum lugar na Grécia. Melinda na maior parte sai com outros garotos ricos. E então á Carrie.

Janie não se importava em estar com Melinda. Melinda ainda não podia suportar Janie. Janie acha que sabe o verdadeiro motivo, e não tinha nada a ver com o fato dela não ter dinheiro.

25 Junho, 2004 23h15min

Depois de trabalhar o recorde de onze noites seguidas, e ser pega pelo recorrente pesadelo do senhor Reed sobre a segunda guerra mundial, sete dessas onze noite, Janie caiu no sofá e chutou seu sapatos. Pelo numero de garrafas vazias na velha mesinha de café, ela presumiu que sua mãe estava em seu quarto, dormindo depois de tanto beber.

Carrie entrou. – posso ficar aqui? Seus olhos estavam injetados de vermelho.

Jane estremece por dentro. Ela queria dormir. – claro. Você ficara bem com o sofá?

- claro obrigado.

Janie relaxou. Carrie, no sofá iria funcionar bem.

Carrie cheirou o ar.

- então, o que esta errado? Janie perguntou, tentando colocar tanta simpatia em sua voz o quanto podia. Era o suficiente.

- papai esta gritando novamente. Perguntei se poderia sai. Papai disse que não.

Janie levantou as sobrancelhas. - que te convidou para sair?

- Stu. Da oficina.

- você quer dizer aquele cara velho?

Carrie se levantou. – ele tem vinte e dois.

- e você dezesseis! E ele parece mais velho que isso.

-não de perto. Ele é bonitinho. E tem uma bunda bonita.

- talvez ele jogue, Dance, Dance, Revolution* no fliperama.

*Dance Dance Revolution, ou DDR. O jogo inclui uma base ou um tapete de dança com quatro setas: Para cima, para baixo, esquerda e direita. Deve-se pressionar as setas com os pés conforme setas correspondentes atingem um ponto na tela. Essas setas são sincronizadas com o ritmo da música, levando o jogador a "dançar" no ritmo desta dança.

Carrie gargalhou. Janie sorriu.

- então. Você tem alguma bebida por aqui? Carrie pergunta inocente.

Janie riu. – isso é subentendido. Quer uma cerveja? Ela olhou para as garrafas na mesa. – Schnapps? Whiskey? Vodka?

- tem um pouco daquele vinha barato, que os sem teto do parque Selby bebem?

- a seu serviço. Janie saiu do sofá e procurou por um copo limpo. A cozinha estava uma bagunça. Janie havia estado ali muito pouco nas ultimas duas semanas. Ela encontrou dois copos pegajosos, sem pares na pia e os lavou, então procurou no estoque de sua mãe, por vinhos baratos. – ah, aqui esta. Fazenda Boones, certo? Ela retirou a tampa e enchei dois copos, sem esperar por uma resposta de Carrie, e então colocou a garrafa de volta na geladeira.

Carrie olhava os canais da TV. Ela pegou o copo de Janie. – Obrigado.

Janie prova o vinho doce e faz uma careta. – então o que você vai fazer sobre Stu? Ela achava que havia uma musica country com essa frase em algum lugar.

- vou sair com ele.

- o teu pai vai te matar se descobrir.

- é, bem. O que tem de novo nisso? As duas sentaram no velho sofá e colocaram seus pés na mesinha de café, empurrando a confusão de garrafas para o centro, para que pudessem se esticar.

A TV continuava ligada. As garotas bebiam o vinho e ficavam bobas. Janie levantou, procurou em seu quarto, e voltou com um lanche.

- nojento. – você tem Doritos no teu quarto?

- estoque de emergência. Para noites como essa. Desde que a mãe não fora mais capaz de comprar comida de verdade no mercado em que compra sua bebida, Janie pensou.

- ahh. Carrie assentiu.

12h30min

Janie estava dormindo no sofá. ela não sonhava. Nunca sonhava.

05h02min

Janie acordou, catapultada para o sonho de Carrie. Era aquele sobre o rio. Novamente. Janie havia estado ali mais duas vezes depois da primeira, quando elas tinham treze anos.

Janie, foi as cegas pelo corredor, com seu corpo físico, tentando se manter de pé. Se ela pudesse sentir seu caminho para o quarto e fechasse a porta antes que começasse a ficar amortecida, talvez ela pudesse colocar uma distancia suficiente para quebrar o contato. Ela sentia o caminho com seus dedos, procurando por garrafas no chão, e as desviando. Ela alcançou a parede e achou seu caminho pelo corredor enquanto ela e Carrie caminham pela floresta no sonho de Carrie. Janie alcança o marco da porta, primeiro a do quarto da mãe, (rápido não bata na porta), então a do banheiro, e por ultimo a do seu quarto. Ela consegue entrar, se vira, e fecha a porta justamente quando Carrie e Janie se aproximam da margem do rio.

A conexão se perdeu.

Janie respirou em alivio. Olhou ao redor, piscando no escuro quando sua visão retornou, deitou em sua cama, e dormiu.

09h06min

Quando ela acordou, tanto sua mãe quanto Carrie estavam na cozinha. A sala estava livre das garrafas. Carrie estava secando uma pia cheia de

louças, e a mãe de Janie estava preparando sua bebida da manhã: Vodka e suco de laranja com gelo. Sobre o fogão uma frigideira coberta com um prato de papel. Duas torradas com manteiga, dois ovos, e uma pequena fortuna em bacon, estavam no segundo prato de papel, próximo a frigideira. A mãe de Janie pegou um pedaço de bacon, pegou sua bebida e desapareceu de volta para seu quarto sem dizer uma palavra.

- obrigado Carrie. Voce não precisava fazer isso. Estava planejando limpar isso hoje.

Carrie estava animada. – é o mínimo que posso fazer. Voce dormiu bem? Quando voce foi para cama?

Janie espiou a frigideira, pensando, descobriu bolinhos fritos. –uau! A...a pouco tempo atrás. Era quase de manhã. Mas eu estava tão cansada.

- você vem trabalhando demais.

Janie. – é, bem. Faculdade. Um dia. Como você dormiu?

- muito bem... Ela hesitou, como se quisesse falar mais alguma coisa, mas não falou.

Janie comeu um pouco da comida. Ela estava faminta. – você teve bons sonhos?

Carrie encarou Janie, então pegou outra louça e a secou com a toalha. – na verdade não.

Janie se concentrou na comida, mas seu estomago se retraiu. Ela esperou, ate que o silencio ficou estranho. – você quer conversar sobre isso?

Carrie ficou em silencio por um longo tempo. – na verdade não. Não. Ela finalmente disse.

E aumenta a velocidade.
30 de agosto 2004.

No primeiro dia de aula. Janie e Carrie eram juniores. Elas esperaram pelo ônibus na esquina da rua. Uma mão cheia de outros estudantes estava com elas. Alguns estavam ansiosos. Alguns eram terrivelmente baixos. Janie e Carrie ignoraram os calouros.

O ônibus estava atrasado. Para sorte de Cabel Strumheller, o ônibus estava mais atrasado do que ele. Janie e Carrie conheciam Cabel. Ele havia sido problemático na escola desde a nona série. Janie não lembrava muito dele depois disso, a história era que ele havia falhado de ano. Ele normalmente estava atrasado. Sempre parecendo drogado. Agora, ele parecia pelo menos 15 centímetro mais alto do que estava na primavera. Seu cabelo preto azulado estava pendurado em mechas gordurosas na frente de seus olhos, e ele caminhava com os ombros curvados, como se sentisse mais confortável sendo baixo. Ele ficava distante de todos e fumava cigarros.

Janie pegou seu olhar por acidente, então acenou um ola. Ele olha para o chão rapidamente. Sopra fumaça por seus lábios. Joga o cigarro no chão, e o esmaga no cascalho.

Carrie cutucou Janie nas costelas. – olha, é o seu namorado.

Janie revirou os olhos. – seja gentil.

Carrie o observou com cuidado enquanto ele não estava olhando. – bem. As espinhas em seu rosto melhoraram no verão. Ou talvez a nova cerca as esconda.

- pare. Janie xingou. Ela estava rindo e se sentindo mal por isso. Mas ela estava olhando para ele. Ele deveria ser tão pobre quanto Jane, a julgar por suas roupas.

– ele é apenas um solitário. E quieto.

- um chapado, talvez, e que tem uma queda por você.

Janie serrou os olhos, e seu rosto ficou sério.

- Carrie pare com isso. Estou falando sério. Você está se tornando má como a Melinda. Janie olhou para Cabel. Seus jeans eram muito curtos. Ela sabia o que era ser mau tratado por não ter roupas e coisas legais. Ela sentiu vontade de defendê-lo.

- ele provavelmente tem pais que não dão a mínima pra ele, como eu.

Carrie estava quieta. – eu não sou como a Melinda.

- então por que você é amiga dela?

Ela suspirou e pensou sobre isso por um minuto. – não sei. - Por que ela é rica.

Finalmente o ônibus apareceu. A corrida era de quarenta e cinco minutos até a escola, mesmo a escola sendo menos de oito quilômetros de distância, por causa das paradas. Juniores como Janie e Carrie eram consideradas pelas regras não escritas do ônibus estudantes de classe superior. Então elas sentavam próximas na parte de trás do ônibus. Cabel passou e caiu no assento atrás delas. Janie podia sentir seus joelhos empurrando contra suas costas. Ela espiou através de uma rachadura entre o encosto de seu banco e a janela. O queixo de Cabel estava sobre suas mãos. Seus olhos fechados, quase escondidos embaixo de seus cachos gordurosos.

- merda. Janie resmungou baixinho.

Por sorte, Cabel Strumheller não sonhou.

Pelo menos não no ônibus.

E também não na aula de química.

Ou inglês.

Nem mais ninguém. Janie chagou em casa depois do primeiro dia de escola, aliviada.

16 de outubro.

19h42min

Carrie e Stu bateram na janela do quarto de Janie. Ela abre uma fresta. Stu estava arrumado, usando uma gravata fina e preta de couro, e Carrie usava um vestido liso preto com uma estola e uma odiosa orquídea presa nela.

- vi a luz acesa. Carrie explicou preocupada pela estranha visita. – venha conosco para o baile da volta à casa, Janers! Não vamos ficar muito tempo. Por favor?

Janie acenou. – você sabe que não tenho o que usar.

Carrie levantou um vestido prata e justo para que Janie pudesse ver. – aqui. Aposto que esse vai te servir. O peguei com a Melinda. Ela ira morrer

quando ver você ao invés de mim, usando ele. E tenho os sapatos que combinam com ele. Carrie sorriu ansiosa.

- eu nem sequer lavei meu cabelo.

- você parece ótima, Janie. Stu falou. – vamos. Não me faça sentar lá com um bando de adolescentes sem nada na cabeça a noite toda. Tenha piedade do velho homem.

Janie sorriu. Carrie deu um tapa no braço de Stu.

Ela os encontrou na porta da frente, pegou o vestido, e seguiu para a casa de Carrie dez minutos depois.

21h12min

Janie bebeu seu terceiro copo de ponche enquanto Stu e Carrie dançavam pela bilionésima vez. Ela ficou sentada em uma mesa sozinha.

21h18min

Um calouro, que Janie conhecia apenas como “the brainiac,” convidou Jane para dançar.

Ela o olha por um momento. – e por que não? Ela diz. Ela era quase uma cabeça mais alta que ele.

Ele descansou a cabeça no peito dela, e agarrou sua bunda.

Ela o empurrou, xingando baixinho, procurou por Carrie, e disse que ela tinha uma carona para casa, e que estava indo embora.

Carrie abanou alegremente dos braços de Stu.

Janie golpeia a porta do ginásio da escola e se vê em meio a uma pesada nuvem de fumaça. Ela percebeu que encontrara o ponto de encontro dos góticos. Quem diria?

- Uff! Alguém disse. Ela continuou caminhando, e murmurou um “Desculpe” para quem quer que ela tenha acertado com a porta.

Depois de um quilometro e meio* usando os sapatos de saltos de Carrie, seus pés a estavam matando. Ela retirou os sapatos e caminhou nos pátios

gramadas, vendo as casas irem de lindas a horríveis enquanto caminhava. A grama já estava molhada de sereno, e os jardins estavam ficando gelados. Seus pés estavam congelando.

- Gente 1 milha seria 1,6Km. Mas por questão de "estética" do texto achei melhor um e meio.

Alguém começou a caminhar ao lado dela, tão rapidamente que ela não o notara até que ele já estava lá. Ele estava carregando um skate. Um segundo e um terceiro cara os seguiam, eles baixaram seus skates e ganharam velocidade, se mantendo um pouco à frente de Jane.

- Jesus! Ela disse assustada. – por que assustar uma garota quase à morte?

Cabel Strumhller sorriu. Os outros caras continuaram à frente. – é uma longa caminhada. Cabel falou. – você, bem... Ele limpou a garganta... Tudo bem?

- ótima. Ela disse. – você? Ela não se lembrava de já ter escutado ele falando antes.

- continuando. Ele colocou seu skate no chão, e pegou os sapatos de Janie das mãos dela.

– você vai deixar seus pés em retalhos. À vidro e todo o tipo de porcaria.

Janie olhou para o skate, e então para ele. Ele estava usando um gorro com um buraco. – eu não sei como.

Ele deu um meio sorriso. Prendeu uma longa mecha de cabelo sobre o gorro. – apenas fique em pé. Se curve e se equilibre. Vou empurrar você.

Ela piscou. Subiu no skate.

Estranho.

Aquilo não estava acontecendo.

Eles não se falaram.

Os caras passavam de um lado para outro pelo caminho, e pararam na esquina da casa de Janie. Cabel a empurrou até a área da casa para que ela pudesse descer. Ele colocou o sapato dela no degrau, pegou o skate, e saiu com seus amigos.

- obrigado Cabel. Janie disse, mas ele já havia sumido na escuridão. – isso foi gentil. Ela completou para ninguém.

Eles não voltariam a ser ver, ou pensar no que aconteceu por muito tempo.

A sério

1º de Fevereiro de 2005

Um garoto chamado Jack Tomlinson caiu no sono na classe de inglês. Janie observa a cabeça dele balançando do outro lado da sala. Ela começou a suar, mesmo sabendo que a sala estava fria. É 11:41. Sete minutos até o sinal tocar para o almoço. Muito tempo.

Ela se levanta pega os livros, e corre para a porta. – estou me sentindo doente. Ela fala para a professora. A professora assente compreensivamente. Melinda Jeffers ri no fundo da sala. Janie sai e fecha a porta. Ela se recosta contra a parede de azulejos frios, respira fundo, entra no banheiro feminino, e se esconde em um dos reservados.

Ninguém nunca dorme no banheiro.

Flashback – 9 de Janeiro de 1998

É o aniversário de dez anos de Janie. Tanya Weersm cai no sono na escola, sua cabeça contra seu estojo. Ela está flutuando, deslizando. E então ela está caindo. Caindo em um precipício. A face de um desfiladeiro, em córrego, em uma velocidade estonteante. Tanya olha para Janie e grita. Janie fecha os olhos e fica enjoada. Elas acordam ao mesmo tempo. Todo o quarto ano riu.

Janie decide não mais distribuir suas preciosas delicias de aniversário.

Aquilo havia sido depois da viagem de trem e do homem de roupa de baixo.

Janie tivera somente alguns poucos problemas na escola antes do segundo grau. Mas quanto mais velha ela ficava, mais facilmente seus colegas dormiam na escola. E quanto mais eles dormiam, mais problemas traziam para Janie.

Um ano e meio para terminar.

E então.

Faculdade. Uma colega de quarto.

Janie encosta a cabeça nas mãos.

Ela deixou o banheiro depois do almoço e foi para sua próxima aula, pegando uma barra de Snickers no caminho.

Por duas semanas depois daquilo, Melinda Jeffers e seus amigos ricos faziam barulho de vomito quando passavam por Janie no corredor.

15 de Junho de 2005

Janie tem dezessete. Ela esta trabalhando até a exaustão, assumindo o maior numero de turnos que pode.

O velho senhor Reed esta morrendo na enfermaria.

Seus sonhos aumentam constantemente e são terríveis.

Ele não acorda facilmente.

Enquanto seu corpo morre, seus sonhos ficam cada vez mais fortes. Agora, se sua porta estiver aberta, Janie não consegue entrar naquela ala.

Ela não havia planejado isso.

Ela fazia um estranho pedido em todos os turnos. – se você cobrir a ala leste, eu tomo conta do resto.

As outras ajudantes pensavam que ela estava com medo de ver o senhor Reed morrer.

Janie não tinha problemas com isso.

21 de Junho de 2005 – 21h39min

O lar Heather* esta com poucos funcionários. É verão. Três pacientes na beira da morte. Dois com Alzheimer*. Um sonha, grita e chora.

Alguém tinha que esvaziar os penicos. Entregar os medicamentos da noite. Arrumar as salas para o dia.

Janie se aproxima com cuidado. Ela permanece na ala oeste, olhando para a ala leste, e a memorizando. O lado direito do corredor possui cinco portas e seis conjuntos de corrimãos. A ultima porta da direita é a do senhor Reed. Dez paços depois estava a parede, e a porta de saída de emergência.

* No inicio a descrição do local de trabalho da Janie parece meio confuso, mas depois fica claro que se trata de uma clinica geriátrica. Desculpe pelo erro de descrição mais acima.

Alguns dias, um carrinho ficava entre as portas três e quatro. Alguns dias, cadeiras de rodas coletadas anonimamente ficavam entre as portas um e dois. Normalmente havia uma maca na ala leste, mas geralmente ela ficava do lado esquerdo. Janie tinha que dar uma espiada antes de entrar no corredor, não importava o dia. Por que em alguns dias, na maioria dos dias, pessoas caminhavam para cima e para baixo no corredor sem padrão. E Janie não queria esbarrar em ninguém no caso dela ficar cega.

Essa noite o corredor estava vazio. Janie havia percebido mais cedo que a família Silva havia aparecido para uma visita no quarto numero quatro. Ela verificou o livro de registros e viu que eles já haviam saído. Não havia outros visitantes registrados. Estava ficando tarde, era fazer o trabalho, ou ser demitida.

Ela entrou na ala leste, agarrando o corrimão do corredor, e quase se dobrou ao meio.

21h41min

O barulho da batalha era imenso. Ela se escondeu junto com o velho senhor Reed em uma trincheira na praia que estava repleta de corpos e ensopada de sangue. A sena era tão familiar, que Janie poderia recitar a conversa (até mesmo o barulho das balas) de memória. E sempre terminava da mesma maneira, com braços e pernas espalhados, ossos sendo esmagados no chão, e o corpo do senhor Reed quebrando em pequenos pedaços, se desprendendo de seu tronco como um queijo sendo ralado, ou como um leproso, descoberto.

Janie tenta caminhar normalmente pelo corredor, agarrando o corrimão. Ela não conseguia se concentrar o suficiente para lembrar sua conta das portas, o sonho era muito intenso. Ela continua caminhando, se segurando, seguindo em frente, ate bater na parede. Ela perdeu o tato seus dedos das

mãos e dos pés. Queria fazer aquilo parar. Ela volta oito, dez, doze passos, e cai no chão no lado de fora da porta do senhor Reed. A cabeça dela latejando enquanto ela acompanha o senhor Reed para a batalha.

Ela tenta achar a porta para poder fechá-la. Ela tenta, mas não consegue sentir nada. Ela não sabia se estava tocando alguma coisa, ou nada. Ela estava paralisada. Insensível. Desesperada.

Na praia ensangüentada, o Sr. Reed olha para ela e acena para ela segui-lo. – aqui atrás! Ela sabia o que iria acontecer.

Os dedos dos Sr. Reed caíram primeiro.

Então seu nariz e orelhas.

Ele olhou para Janie.

Como sempre.

Como se ela o houvesse traído.

- por que você não me disse. Ele sussurrou.

Janie não podia falar, não podia se mover. Novamente ela lutava, sua cabeça parecia que iria explodir a qualquer momento. Apenas morra velho! Ela queria gritar. Não posso mais fazer isso! Ela sabia que estava quase terminado.

E então havia mais. Algo novo.

O Sr. Reed se volta para ela e seus pés se separam de seus tornozelos e ele tropeça em suas pernas instáveis. Seus olhos estavam arregalados de terror, e do barulho da baralha ao redor. – se aproxime. Ele disse. Sem dedos ele segura a arma com seus braços. Seus braços se desprendem de seu ombro quando ele faz isso, e se espalha pela praia como pó. E então ele começa a chorar. – me ajude. Ajude-me Janie.

Os olhos de Janie se arregalaram. Ela via o inimigo, mas ela sabia que eles não podiam vê-la. Ela estava segura. Ela olha para os olhos apelativos do Sr. Reed.

Levanta a arma.

Aponta.

E puxa o gatilho.

22h59min

Janie esta curvada em uma maca o corredor leste quando o tiroteio estrondoso no sonho do velho Sr. Reed parou abruptamente. Ela piscou sua visão clareando lentamente, e vê duas enfermeiras do lar Heather olhando para ela. Ela se senta. Sua cabeça latejava.

- cuidado, Janie querida. Uma voz suave falou. – você teve uma convulsão ou algo assim. Vamos esperar pelo doutor, tudo bem?

Janie levanta sua cabeça e escuta um som distante de um bip. Um momento depois ela o escuta.

- o velho Sr. Reed esta morto. Ela diz sua voz esta rouca. Ela cai de volta na maca e desmaia.

22 de Junho 2005

O doutor disse. – precisamos fazer alguns testes. Fazer um CAT scan*.

- não obrigado. Janie disse. Ela é educada, mas firme.

O medico olhou para a mãe de Janie. – senhora Hannagan?

A mãe de Janie da de ombros. Ela olha para fora da janela. Suas mãos tremem quando seus dedos abrem a bolsa.

O medico suspira irritado. – senhora. Ele tentou novamente. – e se ela tiver uma convulsão enquanto estiver dirigindo? Ou atravessando uma rua? Por favor, pense nisso.

A senhora Hannagan fechou os olhos.

Janie limpou a garganta. – podemos ir?

O doutor olhou para Janie por um longo momento. Ele olhou para a mãe de Janie, que estava olhando para baixo. Então olhou novamente para Janie. – é claro. Ele disse. – você poderia me prometer uma coisa? Não apenas pela

sua segurança, mas pela segurança das outras pessoas na estrada, por favor, não dirija.

Não vai acontecer enquanto dirijo, ela queria dizer para ele, mas para que ele não se preocupasse muito. – claro, eu prometo. De qualquer forma nós não temos um carro.

A senhora Hannagan ficou de pé. Janie se levantou. O doutor também. – ligue para a nossa clinica se acontecer novamente, você fará isso? Ele estendeu a mão e Janie a apertou.

- sim. Janie mentiu. Eles caminharam de volta á sala de espera.

Janie mandou sua mãe para a parada de ônibus. – eu já vou para lá.

A mãe dela deixou o escritório. Janie pagou a conta. Eram \$120 tirados de seu fundo para a faculdade. Ela somente poderia imaginar o quanto custaria um CAT scan. E ela não estava disposta a pagar outro centavo apenas para escutar outra pessoa dizer que ela era maluca.

Ela poderia conseguir essa opinião de graça.

Janie esperou que sua mãe perguntasse do que tudo aquilo se tratava. Mas ela poderia muito bem esperar que flores crescessem na lua. A mãe de Janie simplesmente não se importava sobre nada que tivesse a ver com a Janie. Ela nunca se importou.

E isso era muito triste.

Era isso o que Janie achava.

Mas era um certeza que às vezes vinha a calhar.

28 de Junho de 2005

Existe alguma coisa sobre um medico falar para um adolescente para não dirigir que faz com que isso seja tão importante de se fazer. Apenas para provar que ele estava errado.

Janie e Carrie foram ver o Stu na oficina. Ele as vê chegando. – aqui esta ela guria. Stu falou. Ele chamava Janie de “guria”, o que era estranho, desde que Janie era dois meses mais velha que Carrie.

Janie assentiu e sorriu. Ela passou sua mão levemente pelo capo, sentindo as curvas. Ela era da cor de manteiga. Era mais velha que Janie. E era linda.

4 de Julho de 2005 – 20:15

Três residentes do lar Heather em suas cadeiras de rodas, e Janie, em uma cadeira de plástico laranja, sentados no estacionamento escuro. Esperando. Matando mosquitos. Os fogos de artifício estavam prestes a começar no Parque Selby, á alguns quarteirões dali.

A senhora Stubin era uma das residentes, suas mãos deformadas enroladas em seu colo, o soro pendurado em um suporte próximo á sua cadeira de rodas. E do nada, ela balançou sua cabeça e sorriu pensativamente. - aqui vêm eles. Ela disse.

Um momento depois o céu explodiu em cores.

Janie descreveu cada um deles em detalhes para a senhora Stubin.

Um com faíscas de purpurina verde. Ela disse

Faíscas se elevando da varinha de um mágico.

Um circulo perfeito de luz branca, que se desfez em uma poça e desapareceu.

Depois de um estouro brilhante de roxo, Janie se levantou. – vocês três não vão a lugar nenhum, logo estarei de volta. Ela correu para dentro da sala de terapia, pegou um tubo de plástico, e correu de volta para fora.

- aqui. Ela disse sem fôlego, pegando a mão da senhora Stubin com cuidado, gentilmente, esticando seus dedos curvados. Ela colocou uma bola de Koosh* nas mãos da mulher.

- o ultimo parecia exatamente como isso.

O rosto da senhora Stubin se iluminou. – acho que esse é meu favorito. Ela disse.

2 de Agosto de 2005 – 23:11

Janie deixa o lar Heather e dirige os seis quilômetros até sua casa. Estava terrivelmente quente na rua, e ela repreende suavemente Ethel por não ter ar condicionado. Ela abre as janelas, amando a sensação do vento quente em seu rosto.

23h18min

Ela parou no sinal de pare na Rua Waverly, não muito longe de casa, e prossegue na interseção.

23h19min

E então, ela esta em uma casa estranha. Em uma cozinha suja. Um enorme, jovem homem-monstro com facas no lugar dos dedos se aproxima.

Janie fica cega para a estrada, pisa no freio e leva a alavanca para o neutro. Ela procura o freio de emergência e o puxa, antes de ficar paralisada. Mas aquele era o botão errado.

Ele puxa uma cadeira de vinil através do chão da cozinha, a pega, e a gira acima da cabeça.

Mas não era o freio de emergência*. Era o de abertura do capo.

E então ele solta a cadeira. Ela voa em direção á Janie, batendo no ventilador de teto.

Janie não sabia que era o fecho do capo.

Ela olha ao redor freneticamente para ver o que aquilo iria atingir, ou quem.

Janie esta insensível. Seu pé escorrega para fora do pedal do freio.

Seu carro roda para fora da estrada.

Lentamente.

Mas não havia mais ninguém. Mais ninguém, alem do monstro com dedos como facas, e Janie. Até a porta abrir, e um homem de meia idade aparecer. Ele passa por Janie. A cadeira navega em câmara lenta, e surgem facas no lugar de seus pés.

O carro erra uma caixa de correio.

A cadeira atinge o homem de meia idade no peito e na cabeça. Sua cabeça é cortada e rola no chão em círculos.

O carro acaba parando em um duto de escoamento, no pátio de uma casa pequena e mal cuidada.

Janie olha para o jovem monstruoso com dedos em formato de facas. Ele caminha em direção á cabeça do homem morto e a chuta como uma bola. Ela bate quebra a janela e então tem um flash de luz cegante.

- A maioria dos carros mais antigos possuía o freio de mão em formato de um pedal do lado esquerdo, ou uma pequena alavanca no

painel. Por isso não eram chamados de freio de mão e sim freio estacionário.

23h31min

Janie geme e abre os olhos. Sua cabeça esta caída contra a direção. Ela tinha um corte em seu lábio que estava sangrando. E Ethel decididamente não estava nivelada. Quando ela conseguiu ver claramente, olhou para fora da janela, e quando pode se mover novamente acha seu caminho para fora. Ela caminha ao redor do carro, vendo se ele não esta ferido, e se ela não esta presa. Ela fecha o capo com delicadeza, entra no carro, e da ré lentamente.

Quando ela chega a sua entrada de carro, suspira de alivio, e então memoriza a localização do freio estacionário por tato. Ela vê a chave balançando na ignição. Duh, ela pensa.

Da próxima vez ela vai estar preparada.

Talvez ela devesse ter comprado um automático.

Ela pedia a Deus que isso não acontecesse na Highway.

12h46min

Janie jazia acordada em sua cama. Assustada.

No fundo de sua mente, ela escutava o som distinto de facas afiando. O quanto mais ela tentava não pensar a quem aqueles sonhos pertenciam, mais ela pensava sobre isso. Ela nunca mais poderia dirigir por aquela rua novamente.

Ela se perguntava se ela iria acabar como sua amiga a senhora Stubin do lar de idosos, sozinha.

Ou morta em um acidente de carro, por causa dessa idiota maldição dos sonhos.

A sério (continuação)

25 Agosto 2005

Carrie entra com as cartas de Jenie. Janie estava usando uma camiseta e uma bermuda. Estava quente e úmido.

- os horários estão aqui. Carrie disse. – ano sênior, baby! É isso aí!

Entusiasmadas elas abrem os envelopes juntas. Os colocando lado a lado na mesinha de café os comparando.

Suas expressões faciais vão de entusiasmo, para desapontamento, e para entusiasmo novamente.

- então, primeiro período Inglês e quinto período sala de estudos. – isso não é tão ruim. Janie falou.

- e nós temos o mesmo horário de almoço. Carrie disse. – me deixe saber o que a Melinda pegou. - Logo estarei de volta. Carrie se levantou para sair.

- você sabe que pode ligar daqui. Janie disse, revirando seus olhos.

- eu- eu ligaria, mas...

Janie esperou Carrie explicar. Então aquilo ficou claro para ela.

- Oh. Ela disse. - Entendi. Identificador de chamadas. - Nossa Carrie.

Carrie olhou para seus sapatos, então saiu.

Janie olhou no freezer a procura de sorvete. Ela o comeu direto da embalagem. Se sentindo como uma idiota.

6 de setembro 2005

07h35min

Carrie e Janie iam em carros separados para a escola, por que Janie precisava ir trabalhar às três horas. Janie acena da janela quando escuta a buzina do carro de Carrie. Então é isso, ela pensa.

Janie estava somente um pouco feliz em começar seu último ano na escola. E ela não estava nem um pouco feliz em ter um período na aula de estudo depois do almoço.

Ela escova os dentes e pega sua mochila, olhando no espelho rapidamente antes de sair pela porta. Ela é parada pela luz vermelha de

seu antigo ônibus, e ela sorri quando vê os alunos entrando no ônibus. A maioria deles estavam vestidos com roupas de cinco anos atrás, de doações ou de segunda mão. – arrumem um emprego e dêem o fora de South Fieldridge. Ela resmungou. Pelo menos havia força nos números.

Ethel ronronou.

Janie continuou quando a luz vermelha se apagou. Um quarteirão antes da casa “ruim” na Waverly Road, ela vira para pegar um atalho. Ela não iria se arriscar. Ela diminui quando vê alguém caminhando pela estrada, carregando uma mochila velha. A princípio, ela não o reconhece.

E então ela o reconhece.

Ele parecia diferente.

E ele não estava carregando um skate.

- você perdeu o ônibus. Ela disse através da janela aberta. – entre, eu te dou uma carona.

Os olhos de Cabel estavam desconfiados. Suas feições haviam amadurecido. Ele estava usando óculos, de um modelo moderno e legal. Sua mandíbula era decididamente angular. Ele parecia mais magro e ao mesmo tempo mais musculoso. Seus cabelos ondulados na altura dos ombros, cortado em camadas, não eram mais preto azulado ou engordurado, mas marrom claro. Sua longa franja que caía sobre seus olhos no ano passado estava presa atrás da orelha nesse ano. E parecia recém lavado. Ele hesitou, e então abriu a porta do passageiro.

- obrigado. Sua voz era baixa e grave. – Jesus. Ele falou enquanto tentava encaixar seus joelhos dentro do carro.

Janie abaixa sua mão entre suas pernas no banco. – pego o seu também. Ela disse.

Ele ergueu as sobrancelhas.

- o controle de ajuste do banco, seu bundão. Temos que puxá-los ao mesmo tempo. É um banco inteiro. - Como pode ver. Eles puxaram, e o banco se moveu um pouco para trás. Janie checkou os pedais para saber se ainda poderia alcançá-los. Ela engatou primeira assim que Cabel fechou a porta.

- você esta na rua errada. Ele falou.

- eu sei disso.

- achei que você estava perdida ou algo assim.

- oh, por favor. Eu- eu estou fazendo um desvio. Não dirijo mais pela Waverly. Sou supersticiosa.

Ele olhou para ela e encolheu os ombros. – tanto faz.

A viagem em um silencio estranho durou cerca de cinco minutos, até Janie virar os olhos e falar baixinho. – então. Qual o teu horário?

- não tenho idéia.

- Okaaay..... a conversa cessou.

Depois de um momento, ele abriu a mochila e pegou um envelope selado. Ele o rasga abrindo como se fosse uma coisa muito difícil, e olha para sua grade de horários.

- inglês, matemática, tecnologia industrial, almoço, sala de estudos, estudos sociais, Educação física. Ele soava entediado.

Janie se encolhe. – Hmmm. Interessante.

- e o seu? Ele disse isso educadamente, como se estivesse conversando com sua avó por obrigação.

- é bom... - Na verdade... Ela suspira. ... - Muito parecido com o seu. - É.

Ele ri. – não fique muito animada Hannagan. Vou deixar você colar de minhas provas.

Ela sorriu ironicamente. – é claro! Como se eu quisesse.

Ele olhou para ela. - E o seu GPA* é?

- três ponto oito. Ela bufou.

- bem, então, é claro que você não precisa de ajuda.

- e o seu?

Ele se mexeu no acento e colocou seu horário na mochila. – não faço a menor idéia.

Aquilo era o Maximo de palavras que Cabel Strumheller havia falado com Janie em todos os anos que ela o conhecia. Combinados, incluindo os cinco quilômetros no skate.

12h45min

Janie se encontra com Carrie na sala de estudos. Alunos seniores tinham a aula de estudos na livraria para que pudessem ter acesso aos livros e computadores e com alguma sorte para estudar e ano para dormir. Janie esperava pelo melhor e achou uma mesa no fundo da sala.

- como esta indo? Janie pergunta.

- decente. Carrie responde. – a única classe que tenho com a Melinda é inglês. Hey, você viu o cara novo?

- que cara novo?

- na aula de inglês.

Janie ficou confusa. – eu não notei.

*GPA - grade point average, é a maneira utilizada pelos professores para avaliar o potencial dos alunos.

Carrie olhou ao redor animadamente. – oh merda! Ela sussurrou.

- aqui vem ele.

Janie olhou para cima. Carrie a estava encarando, não se atrevendo a olhar ao redor novamente. Ele acenou na direção delas. Janie balançou seus dedos para ele. Para a Carrie ela disse. – Oh, você quer dizer ele?

- você NÃO acabou de acenar para ele

- para quem... É, que? É isso. Quem?

- o cara novo! Você está me escutando? Carrie se balançava na cadeira.

Janie sorriu inocentemente. – veja isso. Ela se levantou, caminhou para a mesa que o cara novo estava sentado, e puxou uma cadeira em frente a ele para que ela pudesse ver Carrie os observando.

- tenho uma pergunta pra você. Janie disse.

- pensei que você não precisava de minha ajuda. Ele disse, mexendo em sua mochila.

- não é desse tipo.

- então vá em frente.

- por acaso você não está recebendo um monte de olhares estranho hoje?

Ele pegou seu caderno da mochila, tirou sua camisa com botões, deixando uma camiseta folgada branca. Ele dobrou a camisa com botões de qualquer maneira, a colocou sobre a mochila, empurrou sua cadeira para trás, e deitou a cabeça sobre a camisa. Seus novos braços musculosos rodearam o travesseiro improvisado.

- eu não notei. Ele disse. Ele retirou os óculos e os colocou de lado.

Janie concordou pensativamente. – eu vejo. Então... Você não sabia quais classes teria, não sabe o seu GPA, não notou todas as garotas babando sobre a sua nova aparência.

- isso é besteira. Ele disse, fechando os olhos.

- então no que você prestou atenção?

Ele abriu os olhos. Levantando a cabeça do travesseiro. Ele olha para Janie por um longo momento. Seus olhos eram castanhos seda. Ela nunca os havia notado antes.

Por um segundo, Janie pensa ter visto alguma coisa neles, mas então havia desaparecido.

- Pfft. Você não acreditaria em mim se te contasse. Ele disse.

Janie abre um sorriso torto, da de ombros, e balança levemente sua cabeça, se sentindo aquecida. – tente.

Cabel levantou uma sobrancelha septicamente.

- você sabe... Algumas vezes. Ela disse finalmente. Ela pegou a camisa dele e a redobrou com os botões para dentro. – dessa maneira você não fica com a marca dos botões em seu rosto. Ela disse.

- obrigado. Ele disse. Seus olhos não deixavam os dela. Ele os estava estudando. Sua testa enrugada.

Janie limpou a garganta. – então, uh, devo contar a novidade para a Carrie, que você não é o cara novo?

Cabel piscou. – o que?

- metade das garotas da escola pensão que você é um estudante novo. Cabel vamos. Você parece bem diferente do que no ano passado...

As palavras saíram de sua língua e elas pareciam soar de maneira errada.

Ele a olhou de uma maneira confusa.

- do que você me chamou?

O estomago de Janie se revirou. Um, Cabel?

Ele não sorriu. – que você pensa que sou?

Talvez ela estivesse em um sonho estranho de outra pessoa e não soubesse disso.

Ela entrou em pânico.

- Oh deus não. Ela sussurrou. Ela se levantou rapidamente e tentou passar por ele. Ele agarrou o braço dela.

- Ei, calma. Ele disse. - Sente-se.

Lágrimas apareceram nos olhos de Janie. Ela cobriu sua boca.

- Jesus, Janie. Eu estava apenas brincando um pouquinho com a tua mente. Sinto muito. Hey. Ele disse. Ele continuava segurando levemente o pulso dela.

Ela se sentia como uma tola.

- vamos Hannagan. Pode olhar para mim? Me escuta.

Janie não podia olhar para ele. Ela vê Carrie, se levantando, observando entre as estantes de livros, com um olhar preocupado em seu rosto. Janie acena em sua direção. Carrie volta a sentar.

- Janie.

- o que, agora. Ela disse, ficando quente. – e você pode me soltar antes que eu chame a segurança.

Ele solou o pulso dela como se fosse um saco de batatas.

Os olhos dele se alargaram.

- esqueça isso. Ele disse. – sou um idiota. Ele olhou para longe.

Janie caminhou de volta para sua mesa e se sentou miseravelmente.

- o que foi aquilo? Carrie silvou.

Janie olhou para ela e convocou um sorriso tranquilo. Ela sacudiu a cabeça. – nada. O cara novo só me disse... - Que... Ela se virou fingindo procurar por uma caneta. – que, uh, que fiz os cálculos de matemática avançada totalmente errados. Eu... Você me conhece. Odeio estar errada. Matemática é minha melhor matéria, você sabe. Ela pegou uma folha de papel e abriu o caderno de matemática. – agora vou ter que recomeçar.

- nossa Janie. Você parece que acabou de ser ameaçada de morte ou algo assim.

Janie riu. – é como se fosse.

13h30min

Cabel tentou chamar a atenção de Janie na aula de estudos sociais. Ela o ignorou.

14h20min

Educação física era mista nesse ano. Estudantes jogavam se revisando em um jogo de cinco contra cinco. Rapazes contra garotas.

Janie cometeu a falta mais agressiva que o colégio Fieldridge já vira. Quando ele fora capaz, o cara novo se levantou e insistiu que havia sido culpa dele.

Os encarregados da Educação física se reuniram, e decidiram que garotas contra garotos, não era uma boa idéia em esportes de contato. O treinador Crater olhou para Janie um olhar pesado. Ela o retornou, com interesse.

14h45min

Janie se seca rapidamente depois de seu banho e veste seu uniforme para o trabalho. O sinal toca. Ela pega suas coisas e pula no carro para não chegar atrasada no trabalho.

20h01min

A vida esta abençoadamente calma no Lar Heather à noite. Janie termina sua papelada e suas outras funções na andar mais cedo, então ela vai ver a senhora Stubin. Ela arrasta os pés e limpa a garganta para que a senhora Stubin saiba que ela esta ali.

- sou eu Janie. Você esta bem para alguns capítulos de Jane Eyre*?
Janie pergunta.

A senhora Stubin sorri calorosamente e vira seu rosto na direção da voz de Janie. – eu adoraria, se você tiver tempo.

Janie puxa a cadeira de visitantes mais perto da cama e começa onde haviam parado da ultima vez. Ela não percebeu quando a senhora Stubin caiu no sono.

20h24min

Janie estava parada em uma rua chamada Center em uma cidade pequena. Tudo era preto e branco, como em um filme velho. Próximo, um casal caminha de braços dados, olhando as vitrines. Janie os segue. As vitrines eram repletas de coisas simples. Serras e martelos. Fios e matérias. Panelas e folhas de metal. Bens secos.

O casal parou na esquina, e Janie pode ver que a jovem mulher havia chorado. O jovem homem estava usando um uniforme militar.

Ele puxa a jovem gentilmente ao redor da esquina do prédio, e eles se beijam apaixonadamente. Ele toca o seio dela e diz algo, e ela balança a cabeça, em um não. Ele tenta novamente, e ela move a mão dele para longe. Ele a puxa de volta. – por favor. Marta. Deixe-me fazer amor com você antes de partir.

A jovem Martha começa a dizer não. Então ela se vira, e olha para Janie com arrependimento nos olhos. – nem mesmo em meus sonhos? Ela diz.

Martha espera pela resposta de Janie.

Janie olha para o jovem homem. Ele está congelado no momento, olhando com adoração para Martha. Martha implora com seus olhos cravados em Janie. – me ajude Janie.

Janie, se assusta, dá de ombros e mexe a cabeça, e Martha sorri através das lágrimas. Ela se volta para o jovem, e toca sua face, seus lábios, e concorda. Eles caminham pelo beco, para longe de Janie. Janie dá um passo para segui-los, mas não quer ver mais nada desse sonho, era íntimo demais. Ela agarra a cadeira no quarto da senhora Stubin com toda a vontade, se concentrando, e se arrasta de volta para o asilo.

É 20:43. Janie sacode a cabeça para clareá-la. Surpresa. Lentamente, um sorriso se espalhou em seu rosto. Ela havia conseguido. Ela havia puxado a si mesma para fora de um sonho. E ela não havia sido sugada de volta para ele. Janie ri em silêncio.

A senhora Stubin dormia pacificamente, um sorriso em seus finos e cansados lábios. Deve ser bom para a pobre velha senhora Stubin ter um bom sonho.

Janie deixa o livro na mesa e saiu em silêncio do quarto. Ela apaga a luz e fecha a porta, dando a senhora Stubin um momento de intimidade sozinha com seu soldado.

Antes dele morrer.

E ela nunca mais o ver.

9 de Setembro de 2005

12h45min

- por que você não me disse que o cara novo era Cabel Strumheller?
Carrie exigiu.

Janie tirou os olhos de seu livro. Ela estava sentada na livraria em sua mesa usual. – por que eu sou uma idiota? Ela sorriu docemente.

Carrie lutou para esconder uma gargalhada. – sim, você é. Eu vi você chegando de carro com ele.

- apenas quando ele perde o ônibus. Janie disse rapidamente.

Carrie deu um sorriso torto. – é, bem, de qualquer maneira, faço parte da equipe do livro do ano, então vou passar muito tempo longe da sala de estudos, tudo bem? Tenho que ir até lá agora para a primeira reunião.

Janie abanou distraída pela peça que estava lendo para a aula de inglês. – se divirta. – brinque direitinho. Ela deslizou em sua cadeira e coloca os pés na cadeira em frente a sua. Ela estava lendo Camelot se preparando para a viagem do próximo mês que a classe sênior de inglês faria para Stratford, no Canadá.

Algumas vezes ela espiava entre as estantes de livros para ver se alguém por perto estava parecendo sonolento. Ela percebeu que conseguia tolerar qualquer coisa fora do alcance de seis metros, a menos que fosse um pesadelo, e então a distancia pulava dramaticamente. Por sorte, as maiorias dos sonhos diurnos na escola tendiam a serem sonhos de “queda”, o de “apresentação sem roupa”, ou algo sexual. Ela normalmente conseguia lidar com esses sem ter uma reação completa do tipo, cair-no-chão.

Era os pesadelos paralisantes, estremecer e gritar que a matavam.

12h25min

O livro desaparece na frente dela. Janie pisca e o coloca sobre a mesa. Ela descansa a cabeça em seus braços e fecha os olhos.

Ela esta flutuando. Não o sonho da queda novamente, ela pensa. Ela estava casada até a morte de sonhos de queda.

O cenário mudou imediatamente. Agora Janie estava do lado de fora. No escuro. Ela estava sozinha, atrás de um barracão, mas ela podia escutar vozes abafadas. Ela nunca estivera sozinha antes, e não sabia como pessoas podiam ter sonhos em que não faziam parte. Ela estava curiosa. Ela observa nervosa, torcendo para que não seja o sonho de alguém sobre explodir através da parede do barracão, ou dos arbustos.

Do outro lado da esquina vem uma figura monstruosa e pesada, delineada pelo luar. Ele passa seus braços pelos arbustos e levanta suas mãos para o céu, soltando um grito terrível. Janie sente seus dedos ficando amortecidos. Ela tenta sair. Mas não pode.

Os dedos compridos da criatura brilhavam ao luar.

Janie se refugia contra o barracão. Ela estava tremendo.

A figura grotesca afia seus dedos-facas uns nos outros. O som é ensurdecedor.

Janie atrás do barracão solta um gemido.

A figura se vira. E a vê.

Aproxima-se dela.

Ela já havia visto esse personagem antes.

Logo antes dela e de Ethel acabarem em uma valeta.

Janie se levanta, tentando correr. Mas suas pernas não se mexem.

O rosto da criatura é furioso, mas ele havia parado de afiar suas facas. Ele esta a um metro e meio de distancia, e Janie fecha seus olhos. Nada pode machucar, ela tenta falar para si mesma.

Quando ela abre os olhos, é dia. Ela ainda esta atrás do barracão. E a horrível e ameaçadora criatura havia se transformado em um humano, normal e jovem rapaz.

É Cabel Strumheller.

Uma segunda Janie caminha para fora do corpo de Janie e caminha em direção á Cabel, sem medo.

Janie permanece atrás do barracão.

Cabel toca o rosto da segunda Janie.

Ele se aproxima.

E a beija.

Ela o beija de volta.

Ele se afasta do abraço e olha para Janie contra a parede do barracão. Lágrimas escorriam por seu rosto.

- me ajude. Ele disse.

13h35min

O sinal toca. Janie sente a neblina se esvaindo, mas ela não pode se mover. Ainda não. Ela precisava de um minuto.

13h36min

É melhor que sejam dois minutos.

13h37min

Quando ela sente uma mão em seu ombro, ela pula.

Um quilômetro, um metro, um centímetro... Ela não sabia.

Ela olha para cima.

- pronta? Ele diz. Você não sabe se escutou o sinal?

Ela olha para ele.

- você esta bem Hannagan?

Ela acena e pega seus livros. – é. Sua voz ainda não havia voltado completamente. Ela limpa sua garganta. – sim. Ela diz com mais firmeza. – e você? Você tem uma marca na sua bochecha. Ela sorriu meio perturbada.

- caiu no sono sobre seu livro.

- eu imagino.

- você também, huh?

- é, uh, devo estar muito casada, eu acho.

- você parece assustada. Teve um sonho ruim ao algo assim?

Ela olhou para ele enquanto caminhavam pelo corredor lotado a caminho da aula de Estudos sociais. Ele desliza sua mão nas costas dela para que fiquem juntos enquanto conversavam.

- não exatamente. Ela disse lentamente. Com seus olhos semi serrados. – e você? As palavras saíram de sua boca como um tiro.

Ele se virou rapidamente na entrada da porta quando o sinal tocou e ele vê a expressão no rosto dela. Ele parou. Seus olhos se estreitam enquanto ele olha para rosto dela. Ela pode ver que os olhos dele estavam confusos. Seu rosto ficou ligeiramente corado, mas ela não tinha certeza por que.

O professor entrou e os manda para seus lugares.

Janie olhou sobre o ombro, duas fileiras atrás e em direção do meio da sala.

Cabel ainda a esta encarando, parecendo muito confuso. Ele sacode sua cabeça levemente.

Ela olha para o quadro negro. Sem ver. Apenas pensando. Pensando o que diabos havia de errado com ela. E o que havia de errado com ele,

para que tivesse sonhos como aquele. Ele saberia? Será que ele a havia visto naquele sonho?

14h03min

Uma bola de papel aterrissa na mesa de Janie. Ela pula e lentamente olha na direção de Cabel. Ele está atirado em sua mesa, rabiscando em seu caderno, parecendo um pouco inocente demais.

Janie abre o papel.

O desamassa.

Sim, talvez... (?)

Era o que estava escrito.

29 de setembro de 2005

14h55min

Reclinado sobre o capô do carro de Janie está a estranha, figura de cabelos compridos de Cabel Strumheller. Aquele que sonhava sobre monstros, a beijava no mesmo sonho. Seu cabelo estava molhado.

- hey. Janie diz rapidamente. Seu cabelo estava molhado também.

- por que você está me evitando?

Ela suspira. – eu estou? Ela sabia que havia soado falso.

Ele não respondeu.

Ela entrou no carro.

Ligou o motor.

Saiu da vaga do estacionamento.

Cabel ficou lá, olhando. Os braços cruzados sobre o peito. Seus lábios pareciam preocupados.

Ela parou, e abriu a janela. – entre. Você perdeu o ônibus uma hora dessas.

Ele não mudou sua expressão.

Ele não se moveu.

Ela hesitou, mais um momento.

Ele se virou e começou a caminhar para casa.

Ela observa, suspirando exasperada, e pisa fundo. Os pneus cantaram na esquina. Idiota.

10 de Outubro de 2005

04h57min

Em um pequeno pedaço de papel em seu próprio sonho Janie escreve:

Tenho que manter isso para mim mesma.

Eu tenho.

Por causa do que sei sobre você.

Então ela dobra o papel, acende um fósforo, e o transforma em cinzas. O papel queimado levantou vôo quando o vento o pegou e o carregou pela rua, através do quintal. Para a casa dele. Ele pisa nelas quando se apressa para pegar o ônibus. As cinzas são mais macias que as folhas secas do Halloween que se espalham pelo caminho. Sob seu peso as cinzas se desintegraram. O vento a engole. E tudo se foi.

07h15min

Janie acorda atrasada para a escola. Ela pisca.

Ela nunca havia sonhado antes, não que ela pudesse lembrar.

Ela apenas tinha os sonhos dos outros.

Pelo menos ela podia dormir durante seus sonhos.

Ela deu uma lição em seu cabelo loiro escuro com um pente molhado, escovou os dentes rapidamente, colocou dois dólares no bolso da frente de seu jeans, e pegou sua mochila, procurando desesperadamente por sua chave. Elas estavam na mesa da cozinha. Ela as pega, diz tchau para sua mãe ainda vestida de camisola, que estava recostada na pia comendo Pop-tarts* e olhando a toa pela janela.

- estou atrasada. Janie disse.

Sua mãe não respondeu.

*Pop-Tarts é uma torrada retangular com uma camada açucarada, algumas são congeladas e elas não precisam ser aquecidas, ela é fabricada pela Kellogg.

Janie deixa a porta bater, mas sem raiva. Com pressa. Ela entra no Nova e voa para a escola Fieldridge. Ela estava á dez longos passos da aula de inglês, como metade da classe, quando o sinal tocou. Deslizando para a sala, a ultima classe da ultima fileira era a mais próxima da porta, ela se esgueira sem ser notada através das mesas, exceto por um sorriso sonolento de Carrie. Janie terminou furtivamente seu dever de matemática enquanto o professor falava sobre a viagem de final de semana que a turma de sênior fará para Stratford.

As costas de Cabel estão viradas para ela. Ela tem uma urgência de tocar seu cabelo. Se ela pudesse alcançá-lo ela o faria. Mas ela sacode sua cabeça mentalmente. Ela estava muito confusa com seus sentimentos sobre ele. Era mais estranho do que lisonjeiro saber que ele sonhava com ela. Especialmente que ele faz isso depois de ser aquele terrível homem monstro. Ela ate mesmo admitia estar com um pouco de medo dele.

E agora ela sabia onde ele morava.

Apenas duas quadras dela.

Em uma pequena casa na Waverly Road.

- seus lugares nos quartos. O senhor Purcell rosnou, balançando papeis amarelos fluorescentes como raios de sol sobre sua cabeça, antes de

entregar vários para a primeira pessoa em cada fileira. – não será permitidas mudanças, então nem tentem.

Janie olha para cima quando risadas e gemidos encheram a sala. O garoto em frente dela não se virou para entregar o papel. Ele o jogou sobre o ombro. O papel flutuou, e deslizou para fora da mesa laminada antes que Janie pudesse pega-lo, flutuado e prendendo sob o sapato de Cabel. Ele o chutou em sua direção sem perceber. Seu cabelo balançando levemente sobre seu ombro.

A lista colocava Janie em um quarto com três garotas esnobes e ricas de Ritzy Hill na seção norte de Fieldridge: Melinda Jeffers, que a odiava, a amiga de Melinda, Shay Wilder, que a odiava por tabela, e a capitã do time de futebol feminino da escola Savannah Jackson, que fingia que Janie não existia. Ela suspirou profundamente. Ela teria que dormir no ônibus no caminho.

Mas ela estava curiosa para saber, se depois de todos aqueles anos, Melinda ainda sonhava com Carrie com seios enormes.

Oh Canadá.

14 de outubro de 2005

03h30min

Janie encontra Carrie sob o céu escuro na entrada de carros de Carrie. Elas trocam poucas palavras além dos sorrisos sonolentos, e Janie sobe no banco do passageiro do Tracer de Carrie. Elas dirigiram em um silêncio obscuro em direção à escola. Janie estava apenas feliz por não precisar dirigir nesse horário.

Elas passam por Cabel quando chegam perto da escola. Ele está caminhando. Carrie diminui e para, abaixa o vidro, e pergunta se ele quer uma carona, mas ele acena que não com um sorriso. – estou quase lá. Ele disse. Mas a frente um ônibus Greyhound brilhava sob as luzes do estacionamento da escola.

Janie olhou para Cabel. Ele a olha nos olhos rapidamente e então olha para baixo. Ela se sente como uma porcaria.

A briga que não aconteceu no estacionamento entre Janie e Cabel começou uma série de outras não brigas. Não apenas eles não brigavam, eles também não se falavam mais.

Mas Janie o via, e o beijava nos sonhos dele na biblioteca.

Ela também o via como um maníaco raivoso. Um lunático com um rosto apavorante e dedos como facas, que repetidamente esfaqueava, cortava em pedaços e decapitava um homem de meia idade, vezes sem fim. Ela se sentia apenas ligeiramente aliviada que ele não matava a mais ninguém.

Pelo menos ainda não.

Ate agora não a ela.

E todas as vezes que ele sonhava aquilo, o sino tocava antes de Janie conseguir saber como ajudá-lo. Ajudá-lo a fazer o que? Ajudar ele como?

Ela não fazia idéia. Ela não tinha nenhum poder. Por que todas aquelas pessoas pediam ajuda para ela? Ela não podia fazer nada.

Apenas.

Não.

Podia.

Mas ela tinha certeza que não havia feito muito na sala de estudos naqueles dias.

03h55min

Os que dormiram demais, atrasados, e eu-não-dou-a-minima ou haviam chegado ou riscados pelo professor acompanhante. Carrie sentou com Melinda, perto da frente.

Janie se sentou na ultima fileira da direta, próxima a janela. O mais distante de todos que pode. Ela colocou sua mala no compartimento sobre o assento. Ela estava feliz pelo banheiro ser na parte da frente do ônibus. Ela se vira para ficar de costas para o monitor de TV, para que seu brilho azul não a segasse, e reclinou seu acento. Ele apenas se moveu um pouco antes de atingir a parede de trás.

Antes de o ônibus estar lotado, Janie esta sonolenta.

04h35min

Ela é acordada por um jorro de água em seu rosto. Ela está em um lago, completamente vestida. Ela está tremendo. Um garoto chamado Kyle está gritando enquanto cai do céu acima, repetidas vezes, até que ele finalmente atinge a água. Mas ele não consegue nadar. Janie sente seus dedos ficando adormecidos, e ela chuta tentando parar isso, tentando sair.

E então estava terminado.

Janie pisca, e sente assustada. Um rosto apareceu sobre seu assento em sua frente.

- que merda? Kyle disse. – você se importa?

- sinto muito. Janie sussurra. Seu coração estava disparado. Os sonhos de afogamentos eram os piores. Bem, quase.

Ela escuta um sussurro em seu ouvido e luta para ver com clareza. – você está bem Hannagan? Cabel passou o braço ao redor dela. Ele parecia preocupado. - você está tremendo. – você acabou de ter uma convulsão ou algo assim? Você quer que eu pare o ônibus?

Janie olhou para ele. – Oh, ola. Sua voz estava rouca. – eu não sabia que você estava aí. Um... Ela fechou os olhos. Tentando pensar. Levantando um dedo fraco ela sinalizou que precisava de um momento. Mas ela sentia o próximo vindo muito rapidamente. Ela não tinha muito tempo. E ela tinha que prepará-lo. Ela não tinha escolha.

- Cabel. Não se apavore se... Quando, eu fizer aquilo de novo, tudo bem? Não pare o ônibus. Não conte para o professor, o deus não. Não importa o que. Ela agarrou o descanso braço e lutou para manter a visão. – você pode confiar em mim? – acredite em mim e apenas deixe isso acontecer?

A dor da concentração era excruciante. Ela se encolheu, segurando a cabeça. – oh merda, merda! Ela gritou em um sussurro. – essa foi uma ideia estúpida, muito estúpida de vir nessa viagem. Por favor Cabel. Ajude-me. Não deixe... Ninguém... Ah!... Me ver.

Cabel estava encarando Janie. – tudo bem. Ele disse. – tudo bem, Jesus.

Mas ela havia ido.

Os sonhos a atingiam de todas as direções, sem cessar. Janie estava com uma sobrecarga sensorial. Era seu próprio pesadelo físico, mental e emocional de três horas.

07h48min

Janie abre os olhos. Alguém esta falando no microfone.

Quando a nevoa se dissipou ela pode ver novamente. Cabel esta olhando para ela. Seus olhos, e seu cabelo, estavam selvagens. Seu rosto branco. Ela a estava abraçando ao redor dos ombros.

Agarrado a ela era mais correto.

Ela sentiu como se fosse chorar, e chorou, um pouco. Ela fechou os olhos e não se moveu. Não podia se mover. As lágrimas desciam. Cabel secava o rosto dela gentilmente com seus dedos.

Isso fez com que ela chorasse ainda mais.

08h15min

O ônibus parou. Eles estavam parados no estacionamento de um McDonalds. Todos fazem fila para sair do ônibus. Todos exceto Janie e Cabel.

- vá pegar alguma comida. Ela falou em um sussurro cansado. Sua voz ainda não havia voltado.

- não.

- serio. Vou ficar bem, agora que todos... Foram.

- Janie.

- então você vai e pega para mim um sanduíche para o café da manha? Ela ainda estava respirando com dificuldade. – preciso comer. Alguma coisa. Qualquer coisa. Tem dinheiro no bolso direito de meu casaco. O esforço de mover seu braço parecia muito difícil.

Cabel olhou para ela. Seus olhos estavam preocupados. Desfocados. Ele removeu os óculos e apertou a ponte em seu nariz, então massageou os olhos. Ele assentiu profundamente. – você tem certeza de que esta bem? Estarei de volta em cinco minutos ou menos. Ele parecia em dúvida de deixá-la.

Ela sorriu um sorriso cansado. – estou bem. Por favor. Não acho que vou agüentar se não tiver algo para comer, logo. Isso é muito, muito pior que imaginei.

Ele hesitou então removeu o braço de trás do ombro dela. – vou voltar. Ele saiu do ônibus. Ela o observou pela janela. Ele correu através do estacionamento vazio e deu um tapa no microfone do drive through. Janie sorriu. Que idiota.

Ele voltou com uma sacola cheia de sanduíches para o café da manhã, vários brownies, café, suco de laranja, leite, e um shake de chocolate. – eu não tinha certeza do que você queria. Ele disse.

Janie lutou um pouco para sentar. Ela derramou o suco por sua garganta e o engoliu até que acabasse. Ela fez o mesmo com o leite.

- você consegue beber cerveja desse jeito?

Ela sorriu, agradecida por ele não ter feito perguntas sobre o estranho comportamento dela. – nunca tentei com cerveja.

- isso provavelmente deve ser mais sábio.

- você já tentou? Ela mordeu um pedaço do sanduíche.

- eu não bebo.

- nem mesmo um pouco, de vez em quando?

- não.

Ela olhou para ele. – pensei que você fosse um festeiro. Drogas?

Ele hesitou por um segundo. – nada.

- Nossa. Bem. Você com certeza pareceu muito mal por uns dois anos.

Ele estava silencioso. E sorriu politicamente. – obrigado. Ele acenou para o sanduíche.

- sinto muito.

Ele encarou o banco em frente a eles enquanto ela comia. Ela entregou para ele um sanduíche e ele o pegou, e comeu lentamente. Eles ficam sentados em silêncio.

Janie arrotou alto.

Ele olha para ela. Sorri. – Jesus, Hannagan. Você deveria entrar em uma competição.

Eles dividiram o Shake de chocolate.

08h35min

O ônibus começou a se mover novamente.

- e agora? Cabel pergunta. Ele tem uma aparência preocupada ao redor dos olhos. Ele penteia o cabelo com os dedos, e eles levantam e caem novamente.

- se isso voltar a acontecer, não se preocupe. Ela encolheu os ombros conformada. – não sei o que te dizer, eu prometo explicar tudo isso quando puder. Onde estamos por falar nisso?

- estamos nos aproximando.

Ela procura em seu bolso e retira uma nota de dez dólares. – pelo café da manhã. Ela disse.

Ele balançou a cabeça e empurrou a nota. – me deixe pensar nisso como nosso primeiro encontro, tudo bem?

Ela olhou para ele por um longo tempo. Sentindo seus estomago se revirar. – tudo bem. Ela sussurra.

Ele tocou a bochecha dela. – você parece exausta. Consegue dormir?

- até que outra pessoa durma, eu acho que posso.

Os olhos dele voltaram a ficar estranhos novamente. – O que isso significa Janie? Ele colocou o braço ao redor dos ombros dela. Ela descansou a cabeça contra ele e não respondeu. Em minutos, ela estava dormindo levemente. Ele pega a mão dela com sua mão livre, e entrelaça seus dedos nos dela. Olha para a mão dela, e encosta sua bochecha contra o cabelo dela. Depois de um tempo, ele estava dormindo também.

09h16min

Janie esta do lado de fora no escuro. Ela olha para trás, e então ela esta lá. Ela caminha ao redor do barracão dessa vez, para ver ele se aproximando.

Ele parecia normal, não um monstro, parado na porta de trás da casa, procurando. Então ele fecha a porta e caminha pela grama seca e amarelada. O homem de meia idade surge pela porta atrás dele, gritando, parando nos degraus. Ele carrega uma lata retangular em uma das mãos, uma cerveja e um cigarro na outra. Ele grita com Cabel. Cabel vira seu rosto. O homem se move, e Cabel permanece congelado. Esperando o homem se aproximar dele.

O homem soca Cabel no rosto e Cabel cai. Ele se arrasta de costas como um caranguejo assustado, tentando fugir. O homem aponta e aperta a lata retangular, e um liquido atinge a bermuda e camiseta de Cabel.

Então.

O homem joga o cigarro em Cabel.

Cabel entra em combustão.

Se retorce em chamas no chão.

Grita, como um pobre, coelhinho torturado.

E então Cabel se transforma. Ele se torna um monstro, e então o fogo se apaga. Seus dedos se transformam em facas. Seu corpo cresce como o do Hulk.

Janie observa tudo do canto do barracão. Ela não queria ver aquilo. Mais nada daquilo. Ela estava se sentindo fraca, terrível por ter testemunhado aquilo. Ela se vira abruptamente.

Parado atrás dela, a observando com horror, esta Cabel.

O segundo.

09h43min

Janie esperou uma eternidade para que sua visão voltasse. Para o sentido voltar. Ela se senta frenética. Procurando por ele.

Cabel estava reclinado para frente, a cabeça sobre as mãos.

Ele estava tremendo.

Ele se vira para ela, seu rosto furioso.

A voz dele estava rouca. – o que diabos á de errado com você!?

Janie não sabia o que falar.

A raiva silenciosa dele sacudia os bancos.

10h05min

Cabel não fala até chegarem em Stratford. E tudo o que ele fala é um seco. – boa sorte. Ele sai do ônibus e se dirige para seu quarto do hotel.

Janie observa ele partir.

Ela fecha os olhos, então os abre novamente, e segue as lideres de torcida na direção de seu quarto.

Uma vez no quarto, elas ignoram umas as outras.

Janie estava de acordo com isso.

14h00min

Os estudantes se encontraram no saguão. Camelot começaria em trinta minutos. Janie sobe no ônibus, exausta, e senta na última fileira novamente.

Cabel não apareceu.

14h33min

A peça começou. Janie pediu licença de seu assento na orquestra e encontra um lugar no balcão quase vazio. Ela dormiu profundamente por três horas, acordando na cena final. Ela volta para seu assento e segue os outros de volta para o ônibus.

18h01min

O ônibus para em uma Pizza Hut; eles tinham uma hora para comer antes de voltarem para a apresentação da tarde.

Janie pega um pedaço de pizza para viagem, come no ônibus e dorme. Dorme por toda a peça, em seu lugar no banco de trás no ônibus. Ninguém pareceu notar que ela não havia saído do ônibus.

23h33min

O ônibus chega de volta ao hotel, a maioria dos garotos estavam casados. Janie cai da cama. Ela está amortecida, mas não pelo sonho de alguém. Não dessa vez. Ela pensa sobre Cabel. Chora em silêncio em seu travesseiro no quarto escuro. O aquecimento roncava alto. Savannah capitã do time de futebol cai nos cobertores na cama próxima. Elas não se falam. Elas pairam na borda de suas camas.

15 de outubro de 2005

01h04min – 06h48min

Janie pula de um sonho para outro.

Savannah sonha sobre fazer parte do time de futebol feminino dos EUA, e conhecer a lenda Mia Hamm*, mesmo sabendo que ela está aposentada. Grande surpresa, esse sonho poderia totalmente ser um episódio de Hannah Montana. No momento em que Janie se pergunta se Savannah tem alguma coisa mais profunda nela, o sonho se volta para

Kyle, que havia sentado na frente dela no ônibus. Mistura interessante, Janie fica intrigada.

Até que ela muda para o sonho da Melinda.

Melinda, sem surpresa, estava em uma festa sexual á três, com Shay Wilder, que estava na cama próxima a ela, e Carrie. O sexo é normal no início, então ficou inacreditavelmente exagerado, na opinião de Janie. Os corpos de Carrie e Shay eram, em uma frase comum, completamente fora de proporção. Pela primeira vez no sonho de alguém Janie dá um jeito de olhar para outro lado.

Janie contou isso como uma grande vitória.

E então havia Shay.

Shay sonha sobre Cabel Strumheller.

Sonha muito.

E de muitas maneiras diferentes.

Pela manhã Janie odeia Shay com todo o seu coração. E ela tinha círculos escuros sob os olhos.

08h08min

Shay, Melinda e Savannah seguem para o café da manhã. A matine começa às 10h00min.

- vejo vocês no ônibus. Janie disse, mesmo sabendo que estava faminta. As outras garotas não se incomodaram em responder. Janie rolou seus olhos.

Ela tomou um banho, colocou uma toalha ao redor da cabeça, e caiu de volta na cama. Ela acerta o despertador para o meio dia. O ônibus estaria de volta para pegar a bagagem, e os estudantes que não foram para a terceira peça, às 13h00min.

*Mariel Margaret Hamm mais conhecida como Mia Hamm (Selma, 17 de março de 1972) é uma jogadora de futebol norte-americana que ganhou por duas vezes o título de "Melhor jogador do ano" do sexo feminino (2001 e 2002)

08h34min

Janie sonha pela segunda vez em sua vida. Ela sonha que esta sozinha, se afogando em um lago escuro, e Cabel esta na praia com uma corda, mas ele não a jogava para ela. Ela acenava freneticamente, e ele não podia vê-la. Ela desliza para debaixo da água lentamente. Em baixo da água ela vê outros como ela. Bebês, crianças, adolescentes e adultos. Todos flutuando logo abaixo da superfície da água, ninguém era capaz de ajudá-la

Era por que todos estavam mortos.

Seus olhos estavam saltados.

Ela estava gritando quando o alarme tocou. A toalha havia caído de sua cabeça, e seu cabelo estava emaranhado. Ela não podia ver através deles.

Havia uma batida insistente na porta.

E era ele.

Ele estava segurando um saco com comida.

Parecendo triste.

Ele passa por ela na entrada do quarto, fecha a porta e a chaveia, pega a mão dela, e a segura. Ele estava implorando. – eu não entendo. Ele diz. – eu apenas não entendo. Por que você fez aquilo comigo? Ele estava quebrado.

E ela também estava. – eu posso explicar. Janie disse. E ela enterra seu rosto na camisa dele e chora. – apenas me leve pra casa.

Eles caem na cama, e apenas abraçam um ao outro silenciosamente.

Isso é tudo o que fazem.

14h00min

Janie e Cabel estão no banco de trás novamente. Carrie e Melinda sentaram na frente deles. Do outro lado do corredor Savannah e Kyle

estavam namorando. Janie se lembrou de começar a fazer apostas sobre essas coisas.

Em frente à Savannah e Kyle estava Shay, ou pelo menos a sua bagagem. Shay parecia estar furiosamente ignorando Janie. Ela está tentando manter uma conversa com Cabel sentando no chão do corredor perto dele. Cabel estava frio e desinteressado.

Isso fazia Shay tentar ainda mais.

Carrie e Melinda se viram em seus bancos para conversar. Cabel conversa um pouco e faz piadas, quando Janie olha para fora da janela. Ele desliza seus dedos nos dela.

As outras garotas notam.

Carrie pisca.

Melinda olha para Carrie com olhos em chamas.

Shay se mexe no chão e se apóia contra a perna de Cabel, batendo seus cílios desesperadamente. Apavorada.

Na parte da frente do ônibus, garotos caminhavam e riam, cantavam, e conversavam. Acordados e barulhentos. Janie desliza para um abençoado coma, sua cabeça caída contra a janela.

19h31min

Eles estão de volta à escola Fieldrifle. Cabel acorda Janie, gentilmente. Ela se senta, se perguntando onde estava. Cabel sorriu para ela. – você conseguiu. Ele sussurrou. Ele pega as malas e a segue para fora do ônibus. Ele caminha com ela até o carro de Carrie.

- vamos Cabel. Carrie diz. – pelo menos me deixe te dar uma carona. A menos que você queira que a Shay te leve, ei ali vem ela. Carrie sorriu, seus olhos dançando de um lado para outro.

Os olhos de Cabel se alargaram. Ele deslizou para o banco traseiro do carro de Carrie sem uma palavra. – me tire daqui. Malditas líderes de torcida assustadoras.

Carrie rui. Ela saiu do estacionamento e seguiu na estrada em frente do trânsito, e se virou para Cabel. – então onde você mora?

- Waverly. Duas quadras a leste da sua casa. Mas vou caminhar da casa da Janie, se você não se importa. Janie tem uma superstição sobre minha rua.

- o que diabos? Carrie bufou.

Janie riu. – nada! Cala a boca Cabel.

Carrie parou na entrada de carros. Estava frio do lado de fora. Congelando. A lua da colheita brilhava laranja no teto de Ethel na entrada de carros dos Hannagan. Carrie pega suas coisas e boceja. – eu vou entrar. Encontro com vocês depois. Ela caminha para a porta da frente e entra, acenando enquanto fechava a porta de tela.

Janie pegou sua mochila e acenou para Carrie. Ela olha para Cabel. Parecia estranho, agora que estavam no jardim de Janie. Eles caminharam até a porta. – você pode entrar um pouco? Janie perguntou, tentando não parecer ansiosa.

- claro. Ele disse a voz dele era de alívio. – eu, uh, acho que temos algumas coisas para conversar. Os teus pais estão em casa?

- minha mãe provavelmente está desmaiada em seu quarto. Isso é tudo, apenas eu e ela.

- legal. Ele disse, mas ele deu para ela um olhar de entendimento.

Eles entraram. Não havia sinal da mãe de Janie, exceto por uma garrafa vazia de vodka no balcão da cozinha e uma pia cheia de louças. Janie jogou as garrafas no lixo. – me desculpe pela bagunça. Ela disse em uma voz baixa. Ela estava envergonhada. A casa estava limpa quando ela saiu na manhã do dia anterior.

- esqueça sobre isso. Podemos limpar isso depois, se você quiser.

Janie balançou sua mão em direção à sala. – bem. Isso é tudo. Ela disse.

- você dorme aqui, huh? Ele a estava provocando.

- não, eu tenho um quarto. Venha. Ela mostrou seu quarto. Era espartano e limpo.

- legal. Ele disse. Ele olhou para acama, então abruptamente deu meia volta e caminharam de volta para sala.

- com fome?

- meu estomago esta roncando. Ele disse.

- me deixe ver se temos alguma coisa. Janie procurou pelos balcões da cozinha e na geladeira e voltou de mãos vazias. - Boa tentativa. Ela disse finalmente. – sinto muito. Ele se virou. – não temos nada.

Ele a estava observando, ela percebeu.

- talvez possamos pedir uma pizza.

- soa muito bem.

- você quer sair?

Janie suspirou e coçou a cabeça. – na verdade não.

- ótimo. Vamos pedir tele entrega.

Janie achou o numero da Fred's Pizzas e grelhados. – trinta minutos.

Cabel colocou uma nota de vinte sobre a mesinha de café e senta.

- Cabe.

- sim.

- o que é isso?

- é uma nota de vinte, Hannadgan.

Janie suspira. – vamos ser sinceros um com o outro aqui, tudo bem?

- claro. Todo nosso relacionamento é baseado nisso, certo? Ele sorriu ironicamente, e olhou para baixo.

Ela estremece enquanto as palavras sinistras permaneciam na sala. – olha, sinto muito. Ela começou. – tenho muito o que te explicar. Mas eu sei que você não tem mais dinheiro para gastar do que eu. Então que tal eu pagar dessa vez?

- não. Próxima pergunta.

Janie se sentou próximo a ele. E balança a cabeça. – ótimo. Ela disse, desistindo. Ela levantou suas pernas sobre o corpo e se virou para encará-lo.

- tudo bem. Ela continuou. – como você entrou no sonho duas vezes?

Ele olhou em outra direção, e então voltou a olhar para Janie.

- bem, então vamos pular direto no assunto.

- eu acho.

- tudo bem... Uh... Eu acho que a resposta é, eu não tem nenhuma. Maldita. Idéia. Oh, e me informe quando for a minha vez de começar a fazer perguntas. Por que eu gostaria de saber como diabos você. Entrou. Em meu sonho. Ola.

Janie ficou vermelha. – alguns dos teus sonhos são muito bons.

- oh, serio. Cabel se inclinou para frente e segurou o queixo dela. A pegando de surpresa. Ele a puxou em sua direção e traçou a bochecha dela com seu dedo. E então, ele colocou os lábios nos dela.

Janie se deixou levar pelo beijo. Ela fechou os olhos e deslizou sua mão sobre o ombro dele. Eles exploraram o beijo por um momento docemente. Cabel afundou seus dedos no cabelo dela e a puxou para mais perto. Mas antes que ficasse mais forte Janie se afastou. Ela sentia seus braços como borrachas.

- merda. Janie falou. – você... Você...

Ele sorriu preguiçosamente, seus lábios ainda molhados. – sim?

- você beija ainda melhor do que eu imaginava. Ate mesmo do que nos...

Ele piscou. – não. Ele disse. – não, não, não. Não me diga que você esteve lá.

Ela mordeu o lábio. – bem, talvez se você parasse de dormir na sala de estudos, em não teria nenhuma pista.

- meu deus! Ele disse. – nada é sagrado? Nossa. Ele se virou envergonhado. - Talvez você devesse começar do início.

Janie suspirou e se reclinou contra o sofá. Era como estar revivendo os sonhos. Novamente.

- a versão resumida? Sou sugada para dentro dos sonhos das pessoas. Não posso impedir. Não posso parar. E isso esta me levando á loucura.

Ele a olhou por um longo tempo. – tudo bem, um, como? Isso é bizarro.

- eu não sei.

- isso é uma coisa recente?

- não. O primeiro de que me lembro, eu tinha oito.

- então, naquele sonho, meu sonho, quando fico atrás de você, assistindo a mim mesmo... No... Ele apertou suas mãos.

- tudo bem, então é assim que você vê os sonhos, certo? Como eu vi o meu. Enquanto eu estava sonhando ele. Ele massageou as têmporas.

- isso é estranho, huh. Janie disse com calma. – seu que isso é muito estranho. Sinto muito.

Houve uma batida na porta. Janie pulou, aliviada. Ela pegou a nota de vinte e foi atender a porta.

Então ela coloca a pizza e a Pepsi de dois litros sobre a mesinha de café e vai para a cozinha para pegar uma cerveja, copo, guardanapos e pratos descartáveis. Ela colocou a Pepsi para Cabel e abre a cerveja. Ela tomou um gole enquanto Cabel pegava um pedaço de pizza.

- agora. Me diga o que mais você viu em meus sonhos, antes que eu fique completamente paranóico.

Tudo bem. Ela disse de repente se sentindo um pouco tímida. Ela tomou outro gole e começou. – estamos atrás daquele barracão ou algum tipo de celeiro. – aquilo é no seu quintal?

Ele assentiu, mastigando.

- até ontem, eu vejo você como o monstro - coisa. Ela estremeceu, sem ter certeza como nomear o monstro. – o monstro da casa, na cozinha. Com a cadeira. Aquilo foi pura coincidência. Eu nem ao menos sabia que era você que estava sonhando. Não até depois. Eu estava somente passando pelo local.

Ele fechou os olhos, estremeceu, e colocou a pizza de volta no prato.

- aquela era você. Ele disse lentamente. – eu sabia que já havia visto o teu carro antes. Pensei que você fosse... Outra pessoa. Ele parou perdido em pensamentos. – o quintal... Oh deus... A tua “superstição”. Maldição. Então... ele se levantou suas mãos paradas no ar, olhos fechados. Pensando. Processando.

Então ele se vira e olha para ela. – você poderia ter sofrido um acidente.

- acho que ninguém me viu.

- as lanternas traseiras... Eram suas. Foi isso que me acordou. Elas estavam brilhando em minha janela... Jesus Cristo, Janie.

- a janela do teu quarto devia estar aberta. Se não isso não teria acontecido. Eu acho. Eu não fazia idéia que era a tua casa.

Ele voltou a sentar, balançando a cabeça lentamente enquanto colocava os pedaços juntos. – tudo bem. Ele disse. - Vamos para a parte boa antes que eu perca meu apetite por completo.

- atrás do barracão. Você caminha até mim. Toca meu rosto. Me beija. Eu beijo você também.

Ele estava em silêncio.

- isso é tudo. Ela disse.

Ele a observa com cuidado. – isso é tudo?

- sim. Eu juro. Quero dizer, é um beijo bom, eu acho.

Ele concorda perdido em pensamentos. – o maldito sinal sempre toca, não é?

Ela sorri. – é. Ela parou, pensando se deveria mencionar a parte em que ele pede para ela ajudá-lo, mas ele já estava no próximo assunto.

- então quando te encontrei na mesa da biblioteca da escola á algumas semanas atrás, e você levou um tempo para se sentar... O que foi aquilo? Você não estava dormindo, estava?

- não.

- aquele foi um dos ruins?

- sim. Muito ruim.

Ele colocou as mãos na cabeça, e retirou os óculos. Ele esfregou os olhos. – Jesus. Ele disse. – eu me lembro daquele. Ele manteve sua cabeça abaixada, e Janie esperou. – então foi por isso que você disse... Quando perguntei se você tinha tido um pesadelo. Ele murmurou.

- eu... Eu queria saber se você sabia que eu estive lá, observando. Mesmo quando as pessoas falam comigo em seus sonhos, ninguém parece lembrar. Ninguém nunca mencionou isso.

- não me lembro de ter visto você lá, ou conversado com você... Exceto quando estou realmente sonhando com você. Ele comentou. – Janie. Ele disse de repente. – e se eu não quiser que você veja isso?

Janie pegou um pedaço de pizza. – estou trabalhando duro, tentando achar o caminho para fora dos sonhos. Eu não quero ser um voyeur, é verdade não posso evitar. É quase impossível. Até agora, pelo menos. Mas estou fazendo algum progresso. - Lentamente. Ela parou. – se você não quer que eu veja, acho melhor não dormir na mesma sala que eu.

Ele olhou para ela com um leve sorriso. – mas sou conhecido por dormir na escola. É meu vício.

- você pode mudar o teu horário. Ou posso mudar o meu. Faça qualquer coisa que você quiser. Ela olhou para a pizza e colocou seu prato de lado. Ela se sentia miserável.

- qualquer coisa que eu quero. Ele disse.

- sim.

- acho que você ainda não teve acesso a esse sonho ainda.

Ela olhou para ele. Ele estava olhando para ela, e ela se sentiu aquecida. – talvez eu prefira experimentar isso em primeira mão. Ela disse baixinho.

Mnnn. Ele tomou um gole do refrigerante. – mas antes que isso sai dos trilhos... O que diabos á de errado com você?

Ela ficou em silencio. Sem olhar para ele.

- e. Ele disse. – Jesus. Acabou de me ocorrer o porquê de você ter se apavorado quando finge ser outra pessoa. Você deve estar um trapo Hannagan. Ele pegou o braço dela, e ela se reclinou no sofá na direção dele. Ele a beijou no topo da cabeça. –não consigo te descrever o quanto me sinto mal por aquilo.

- esta tudo bem. Ela disse. – sinto muito pela falta no jogo. Ela adicionou.

- esta tudo bem. Eu estava usando um protetor. Ele mexia uma mecha do cabelo dela em seus dedos. – então quando você dorme, é tipo, normal?

Janie sorriu de maneira lúgubre. – normalmente durmo bem, se estou sozinha no quarto. Quando eu tinha treze anos, finalmente pedi para minha mãe se ela poderia fazer o favor de desmaiar em seu quarto ao invés de aqui. Á algo sobre portas fechadas que bloqueia os sonhos. Ela parou.

- mas o que acontece exatamente?

Ela fechou os olhos. – minha visão some primeiro. Não posso ver ao redor. Estou presa. E se for um sonho ruim, um pesadelo, acho que começo a tremer e meus dedos primeiro começam a ficar amortecidos, então meus pés, e o quanto pior for o pesadelo, mais paralisada fico.

Ele olhou para ela. – Janie. Ele disse maciamente.

- sim.

Ele acariciou o cabelo dela. – pensei que você estivesse morrendo. Você tremia, tinha espasmos, seus olhos se viravam para trás. Eu estava pronto para roubar o celular mais próximo, colocar uma carteira na tua boca e ligar para 911.

Janie ficou em silencio por um longo tempo. – não é tão ruim quanto parece.

- você esta mentindo.

Ela olhou para ele. – sim. Ela disse. – acho que estou.

- quem mais sabe. A tua mãe?

Ela olhou para o seu prato com a pizza não comida. Balançou a cabeça. – ninguém. Nem mesmo ela.

- você foi a algum medico, sobre isso?

- não, não realmente. Não por ajuda.

Ele jogou sua mão no ar. – por quê? Sua voz era incrédula. E então, rapidamente, ele soube por que. – me desculpe. Ele disse.

Ela não respondeu. Ela estava pensando. Pensando muito.

- você sabe ninguém nunca foi lá comigo, como você fez. Sua voz era macia, reflexiva. Ela o olhou de lado. – não entendo essa parte. Como você foi parar lá também?

- eu não sei. De repente parecia como se eu tivesse dois ângulos diferentes de visão para olhar: em um deles eu estava observando, e o outro participando. Como realidade virtual, quadro a quadro ou algo assim.

- e não me diga que você acreditaria em uma palavra sobre isso, se você não estive nessa comigo.

Ele concordou seriamente. – você esta certa Hannagan.

Era 22:21 quando Cabel disse boa noite na porta. Ele se reclinou contra a moldura, e Janie o beijou suavemente nos lábios.

Ele desceu os degraus e começou a caminhar para casa, mas ele se virou na entrada de carro. – posso te ver amanhã a noite? Algo entre nove ou dez?

Ela concordou sorrindo. – estarei aqui. Apenas entre. Carrie faz isso o tempo todo. É normal.

Verdade ou desafio
16 de outubro de 2005

21h30min

É domingo. A casa estava limpa. Janie tinha o dia de folga. Ela corre para fazer compras pela manhã, aspirar, tirar o pó, lavar, polir, encerar, e limpar com vapor.

Agora Janie estava dormindo no sofá.

Cabel não apareceu.

Ou ligou.

23h47min

Ela suspira, apaga a luz, e vai para a cama, triste.

17 de outubro de 2005

07h35min

Janie pega sua mochila e segue em direção da porta. Ela está furiosa. Ela achava que sabia por que ele não apareceu.

No para brisa de Ethel tem um bilhete, preso no limpador. Estava molhado de sereno.

“Sinto muito.”

O bilhete dizia.

Cabe.

É, bem. Não sente tanto quanto eu, ela pensa.

Ela passa por ele no caminho para a escola.

Ele olha para cima.

E come poeira.

Ele estava atrasado para a escola.

Ela não falou com ele.

23h19min

Ele estava sentado no degrau da entrada da casa dela.

Ela chegou em casa depois do trabalho.

Ela sai do carro, atravessa pela grama, e para na frente dele.

- sim? Ela fala.

- sinto muito. Ele fala.

Ela ficou parada, batendo com o pé. Procurando por palavras. Ela as despeja para fora quando elas aparecem. – então, você ficou assustado. Eu sou uma louca. Um arquivo X*. Eu imaginei que isso iria acontecer.

- não... Ele se levantou.

- esta tudo bem. Não de verdade. Ela subiu correndo as escadas, passando por ele, e procurando pelas chaves no escuro. – agora você sabe por que não quero contar para ninguém. As chaves tremiam nas mãos dela, e ela amaldiçoes baixinho. – e ainda mais para você.

Ela deixa as chaves cair. – maldição. Ela soluçou, as pegando novamente, e achando a chave certa.

- e se você contar para alguém. A voz dela ficou mais alta quando ela conseguiu abrir a porta. – você vai conhecer uma nova definição de falta flagrante! Seu grande... fodido... idiota!

Ela bateu a porta.

23h22min

O telefone toca.

- idiota. Ela resmunga. Ela atende.

- você vai me deixar explicar?

- não. Ela desliga.

Espera.

Enche um copo de leite.

O bebe.

Apaga a luz da cozinha, e vai para a cama.

Ela estava amaldiçoando sua vida. Ela nunca terá um namorado. Muito menos ira se casar. Maldição, ela nunca vai ser capaz de dormir com alguém.

Ela era uma aberração.

Não é justo.

Soluços sacodem a cama.

18 de outubro de 2005

07h39min

Janie liga para a escola, fingindo ser sua mãe. – ela não vai para a escola hoje. Ela pegou uma gripe.

Ela liga para a o asilo. – estou doente. Ela espira. – não posso trabalhar hoje à noite.

Todos estavam sentindo muito. A secretaria. A diretora do asilo. – fique boa logo, querida. A diretora disse.

Mas Janie sabia que não haveria melhora. Isso era tudo. Isso era sua vida.

Ela cai de volta na cama.

12h10min

Janie arrasta seu traseiro para fora da cama, senta no chão de seu quarto, e faz o dever de casa que não havia feito na noite passada.

Ela não podia agüentar ficar atrasada na escola.

Ela continua trabalhando.

A mãe dela caminha pela casa, inconsciente da presença de Janie. Aquela vadia nojenta. Era culpa dela por ter me deixado nascer, ela pensa. Ela culparia seu pai também, se ela soubesse quem ele era. Momentaneamente ela pensa no sonho caleidoscópico de sua mãe. Imaginando se o Jesus hippie era seu pai. Imaginando o que aconteceu para que a mãe tenha desistido de tudo. Ela provavelmente nunca saberia.

Talvez fosse melhor dessa maneira.

14h55min

O telefone tocou. A mãe de Janie atendeu.

- ela está na escola. Ela fala.

Janie não sabia se algum dia sua mãe atendera ao telefone.

16h10min

Janie senta no sofá, um rolo de papel higiênico próximo, assistindo, The Price is right.* Carrie entra.

- olá vadia. Ela diz alegremente. – você perdeu uma boa hoje. Você está doente?

- olá, sim. Janie assuou o nariz em um pedaço de papel higiênico para provar isso.

- você parece mal. Carrie disse. – o teu nariz esta todo vermelho.

- obrigado.

Carrie senta no sofá perto de Janie.

- engraçado... Cabel esta parecendo um lixo também. Ela disse alegremente.

- você tem certeza que não tem alguma coisa que você quer me falar?

- muita certeza.

Carrie fechou a cara. Então, ela procurou em sua mochila e retirou um pedaço de papel. Ela o joga na mesinha de cabeceira. – isso é dele. Você não esta grávida ou algo assim?

Janie olhou para Carrie. – Há- Há.

- programa em que os primeiros quatro concorrentes chamados constituem o grupo inicial, em que cada um dos elementos vai tentar acertar, ou aproximar-se sem ultrapassar, no preço de um produto que lhe é apresentado.

- bem, nossa. Seja o que for, deve ser uma coisa grande para te manter longe da escola. Você não perdeu um dia desde a oitava serie. E me desculpe por dizer, você pode parecer uma merda, mas não acho que você esteja doente.

- pode pensar o que quiser. Janie disse desanimada. – eu acho que para ficar grávida você precisa fazer sexo, pelo que ouvi.

- aha, então é algo sobre sexo! Carrie gritou triunfante.

- vá pra casa, Carrie.

Carrie sorriu. – você sabe onde me encontrar. Dicas e conselhos sobre sexo... Apenas abra a janela.

Janie conteve a urgência de estrangular Carrie. – adeus. Ela disse decidida.

- tudo bem, tudo bem. Eu posso entender uma dica. Ela seguiu em direção da porta e se virou para Janie, uma expressão curiosa em seu rosto.

- isso, por acaso não tem nada a ver com o Cabel estar envolvido com drogas nesse final de semana tem? Ela piscou rapidamente sorrindo.

- o que?

- ele é um tipo de traficante, eu acho... Ou, você sabe. Um desses caras que trabalha intermediando. Ou qualquer que seja o nome. Então Shay dançou com ele em uma festa no domingo à noite. Ela estava muito alta. Fiquei sabendo que ele foi preso. Isso é verdade?

O estomago de Janie se retorceu e se destroçou.

Ela iria ficar doente.

- não. Janie falou lentamente. – não tem nada a ver com isso. Lágrimas apareceram no canto de seus olhos e ela as pressionou de volta com os dedos.

O rosto de Carrie se fechou. – oh merda, Janie. Você não sabia.

Janie sacudiu a cabeça amortecida.

19 de outubro de 2005

02h45min

Janie jazia acordada na cama, olhando para o teto. Discutindo com ela mesma. Ela sabia que não deveria fazer aquilo. Mas ela não tinha nada a perder.

Se sentindo uma aberração, ela se vestiu e saiu do quarto. Correndo suavemente através do gramado, evitando casas com cachorros.

Se esgueirando para a casa de Cabel e sentando do lado de fora da janela do quarto, nos arbustos. Ela se reclinava contra a casa e espera. Os tijolos prendiam sua camiseta. Estava frio. Ela colocou o seu casaco.

O traseiro dela ficou amortecido.

Então as pernas.

Ela ficou terrivelmente entediada.

05h01min

Ela fugiu enquanto ainda estava escuro, se sentindo uma criminoso.

Uma criminoso que saiu sem nada.

07h36min

Ela pegou seus livros da mesinha de café. O recado ainda estava lá, onde Carrie havia deixado. Ela hesitou, e então abriu.

Nós realmente precisamos conversar Janie. Por favor. Estou implorando. Cabe.

Era tudo o que falava.

07h55min

Janie esperou pelo sinal para entrar na escola. Ela chegou na aula de inglês pouco antes do senhor Purcell fechar a porta. – se sentindo melhor, eu presumo senhorita Hannagan. Ele entendeu.

Janie presumiu que era uma pergunta retórica e o ignorou.

Ela podia sentir os olhos de Cabel nela.

Ela não olhou para ele.

Era uma tortura, isso é o que era.

Toda a maldita aula, todo o maldito dia.

Uma tortura.

12h45min

Ele desistiu.

Janie temia a sala de estudos. Mas ele tinha desistido. Ele sentou no lado oposto da biblioteca, removeu seus óculos, e descansou a cabeça nos braços.

Ela notou com satisfação que ele realmente parecia como um lixo. Justamente como Carrie falou.

Carrie sentou na cadeira ao lado da dela.

Se Cabel sonhou, Janie não soube. Ao invés ela deitou a cabeça em seus braços e tentou tirar uma soneca. Mas ela acabou sugada para outro sonho. Dessa vez o dela mesma.

E então ela acordou e Carrie estava lá. Ou melhor, Janie estava junto com Carrie. E Stu.

Janie observava com curiosidade.

Carrie parecia estar gostando.

Muito.

Quatro vezes.

Uma fora o suficiente para Janie.

E ela realmente não acreditava que o pênis de Stu pudesse ser tão grande. Ele nunca teria entrado atrás do volante da velha Ethel com aquela coisa.

Agora Janie sabia o que mais ela estava perdendo. Ela grunhiu quando Carrie balançou seu braço.

Se levanta.

Mais duas aulas.

Janie estava cansada. E ela ainda teria que trabalhar um turno completo a noite.

Aparentemente as coisas ficariam pior antes de melhorar.

Se elasficassem melhor.

Janie duvidava.

22h14min

A senhora Stubin estava em coma.

O medico ficara em seu quarto toda à tarde.

Janie caminhava ansiosa.

E então a senhora Stubins morreu. Bem em frente á Janie.

Janie chorou. Ela não tinha bem certeza do porque – ela nunca chorara sobre a morte de um residente antes. Apenas havia alguma coisa especial sobre essa.

Mas ela estava feliz que a senhora Stubin conseguiu fazer amor com aquele gentil soldado, mesmo que fosse em um sonho em preto e branco.

A enfermeira chefe mandou Janie para casa mais cedo. Ela disse que Janie ainda parecia um pouco mal. Janie estava amortecida. Ela estava acordada desde às duas da manha.

Ela se despediu da senhora Stubin. Tocou sua mão fria a apertando.

22h31min

Janie dirige para casa lentamente, as janelas abertas, a mão pronta perto do freio estacionário. Ela entrou na Waverly. Passando pela casa de Cabel.

Nada acontece.

Ela caiu na cama quando chega em casa.

Não havia nenhum recado, ligações telefônicas, ou visitas. Não que ela estivesse esperando por alguma coisa, é claro. Aquele bastardo.

22 de outubro de 2005

Janie trabalhou no turno do dia. Era sábado. Ela foi designada para o quarto de artes e artesanatos. Isso a deixou feliz. A maioria dos residentes do lar Heather não dormiam durante as aulas.

Em seu intervalo de almoço, a diretora estava lá, mesma sendo final de semana. Ela chamou Janie em seu escritório e fechou a porta.

Janie estava preocupada. Ela teria feito alguma coisa errada? Alguém a havia pego em um sonho e achara que ela estava dormindo? Ela sentou nervosa na cadeira em frente á diretora.

- esta tudo bem? Ela pergunta nervosa.

A diretora sorriu. Ela entregou um envelope para Janie.

- isso é para você. Ela disse.

- o que é isso?

- eu não sei. É algo da senhora Stubin. Nós encontramos no meio de seus pertences depois que o legista chegou. Abra.

Os olhos de Janie cresceram. Seus dedos tremiam um pouco. Ela abriu o selo e retirou um pedaço de papel. Quando ela abre, um pequeno pedaço sai fluando até o chão. Ela lê. A escrita é quase ilegível. Torta. Escrita pela mão de uma cega.

- Querida Janie.

- obrigado por meus sonhos.

De uma apanhadora de sonhos para outra.

Martha Stubin

P.S. você tem mais poder do que imagina.

O coração de Janie disparou. Ela respira fundo. Não, ela pensa. É impossível.

A diretora pegou o pequeno pedaço retangular de papel do chão e o entregou para Janie. Era um cheque.

Dizia. – para a faculdade, na linha de identificação.

Eram cinco mil dólares.

Janie olhou para a diretora, cujo rosto estava tão feliz que parecia a ponto de rachar. Ela olhou para o cheque, e novamente para a carta.

A diretora se levantou e apertou o ombro de Janie. – bom trabalho querida. Ela falou. – estou muito feliz por você.

15h33min

Á uma ligação para Janie.

Ela corre para a recepção. Era um dia estranho.

É a mãe dela.

- tem um hippie na porta, ele diz que não vai sair até que você fale com ele. Ele quer saber se você vai chegar logo? E eu estou indo para a cama.

Janie suspira. Ela escreve no calendário todos seus turnos da semana. Mas ela estava feliz. Talvez por que ela ganhara um cheque da Senhora Stubin. Talvez por que sua mãe chamara Cabel de hippie.

- vou chegar em casa um pouco depois das cinco, mãe.

- eu preciso me preocupar com esse sujeito na porta, ou posso ir para a cama?

- você pode ir para a cama. Ele... Ah... Não é nenhum tipo de estuprador.

Pelo menos que eu saiba.

Elas desligaram.

17h21min

Cabel não estava na porta.

Janie entrou. Havia um recado na pia, embaixo de um copo sujo, era a letra de sua mãe.

“O hippie disse que não poderia ficar. E que voltara amanhã.

Com amor, mamãe. “

Aquilo dizia, com amor mamãe.

Aquilo era a coisa mais notável sobre o bilhete.

Janie rasgou o papel em pedaços e o jogou na superlotada lata do lixo.

Ela trocou de roupas, colocou um jantar congelado no forno, e pegou os papeis de entrada para a faculdade.

Cinco mil. Apenas uma gota no balde, ela sabia. Mas já era alguma coisa.

Como o recado da senhora Stubin.

Aquilo era alguma coisa.

Janie ainda não havia conseguido fazer sua mente funcionar ao redor daquele bilhete.

Ela olhou para a pilha de papeis. Todos pareciam estranhos para ela. Aplicativos para financiamento estudantil, históricos escolares, escrever um ensaio sobre o pedido? Nossa. Ela precisava começar a fazer algo sobre isso.

Ela não fazia idéia do que queria fazer com seu futuro.

Mas ciência, matemática... Talvez pesquisas. Talvez pesquisas sobre sonhos.

Ou talvez não.

Ela realmente queria esquecer aquela parte da merda de vida que tinha.

Ela ligou para Carrie. – o que você está fazendo?

- sentada em casa. Sozinha. E você?

- me perguntando se tem alguma festa em por aí, em uma das casas das tuas amiguinhas ricas.

Carrie ficou em silêncio por um momento. – por quê? Sua voz era cheia de suspeita.

- eu não sei. Janie mentiu. – estou entediada. Posso ir em uma delas com você? Como tua acompanhante ou qualquer coisa assim?

- Janie.

- o que?

- você não quer ir lá.

- por quê? Só estou entediada. Eu nunca estivera em uma daquelas festas organizadas no Hill. Você sabe, quando os pais não estão e deixam toda a bebida e porcarias para as crianças beberem.

Carrie ficou calada novamente. – você vai procurar por ele, não vai? Estou indo para aí. Ela desligou.

Carrie chegou dez minutos depois com seu saco de dormir. – posso passar a noite? Ela perguntou suavemente. – não temos uma noite assim há muito tempo.

Janie olhou para ela septicamente. – o que está acontecendo? Ela disse. – apenas me diga.

Carrie jogou suas coisas no sofá. – você tem comida. Ainda não comi. Ela cheirou o ar e abriu o forno. – eca. Podemos comer alguma coisa de verdade?

- ótimo. Janie suspirou. Ela caminhou ao redor da cozinha. A geladeira estava surpreendentemente cheia – fajitas*, esta bom?

- perfeito. Carrie disse alegremente. Ela misturou duas Vodkas Tonic, adicionando um pouco de suco de laranja e entregou um para Janie.

- Fajita é um termo genérico usado na cozinha mexicana, que se refere ao prato com carne grelhada servido com farinha e totilla de milho.

- você poderia parar com isso, por favor?

- parar com o que?

- essa coisa de conversa açucarada. Está começando a me irritar.

Carrie piscou. – não sei do que você está falando. De qualquer maneira, me de alguns vegetais para cortar.

Elas trabalharam na refeição, fazendo guacamole* com tudo. Janie pegou o jantar congelado, enrolou em um plástico e colocou no congelador. Sua mãe provavelmente o comeria. Frio. Como café da manhã, ou algo assim.

Quando as fajitas estavam prontas, Janie já estava ocupada com sua segunda bebida. E Carrie estava bebendo direto da garrafa.

Elas foram para a sala, e mudaram o canal para vídeos musicais.

- então, você vai me contar o que está acontecendo, ou não? Janie disse.

Carrie suspirou e a olhou de maneira triste. – oh Janie. Você ainda está interessado no Cabel, ou o que?

Janie tomou um gole de sua bebida, e mentiu. – eu... Eu já o superei. Não estou falando com ele.

- eu o vi aqui, nos degraus essa manhã. – você estava trabalhando?

- sim. Acho que ele ficou aqui o dia todo. Minha mãe chamou ele de hippie. Ela riu.

Carrie bebeu outro gole. – whooo! Ela disse quando engoliu. – nossa. Um.. oh, sim. Cabel. Ele está na casa da Melinda hoje à noite. Com a Shay. Ela adicionou.

- bem, duh, ele não poderia estar com a Melinda.

Carrie a olhou de maneira curiosa. – por que não a Melinda?

Janie se sentia um pouco atrevida pelos efeitos do álcool. – Carrie! Melinda é lésbica. Você não sabia?

- o que?

- e ela é completamente apaixonada por você.

- ela não é.

- é sim.

- como você sabe?

Janie hesitou.

Ela sabia que não deveria contar.

Mas ela contou. – ela sonha com você. Eu posso ver os sonhos dela.

Carrie olhou confusa para ela.

Janie se sentou, o rosto sério.

E então Carrie caiu na gargalhada. – que merda, Janie. – você voltou a ser engraçada.

Janie acompanhou Carrie na gargalhada. – te peguei. Ela disse nervosa.

Carrie deu uma mordida experimentando a fajita. – ei isso esta bom, guria.

Janei rolou os olhos. Agora o Stu fez Carrie a chamar disso também. – de qualquer maneira. Janie falou.

- hunn?

- Cabel?

- ohh. Certo. Bem, desde que você deu o fora nele, ele tem estado junto com as garotas ricas. – ele tem a Shay enrolada em seus dedos.

- mesmo que ele tenha sido pego em uma das festas dela?

Carrie riu. – para quem você acha que ele esta trabalhando? Para o pai dela! Eles tem um pequeno “entendimento”. Shay me contou. Isso é hilário. Falando em negócios de família. E não estamos falando somente de “pó”.

Janie enfiou comida em sua boca.

Carrie continuou. – Shay contou para a Melinda que ela dormiu com ele. Carrie bateu com a mão na boca. – oh meu deus. Eu não acabei de falar isso.

Janie estava amortecida. E estranhamente implorando por mais. Ela queria odiá-lo. – que nada, está tudo bem. Ela disse calmamente. – estou completamente curada desse cara. Ele é uma grande farsa certo? Ela incentivou Carrie a continuar.

- ele é uma grande farsa. Carrie falou, quase deixando a garrafa cair. Ela encheu o copo de Janie. – agora está claro como ele tem aquelas roupas novas, e finalmente comprou um celular. Nossa. Ele está ganhando dinheiro. Eu acho que é crack. Mas isso é só um palpite.

Janie não podia acreditar naquilo.

Ele disse que não bebia. E não usava drogas.

Ela pensava que ele não suportava a Shay Wilder.

O mentiroso.

- todos os traficantes mentem. Eu acho. Janie disse.

Carrie concordou reanimada pela bebida. – eles são muito escorregadios. Eu não pude acreditar quando descobri o que Cabel estava fazendo. Mas eu sei que ele era um maconheiro há três anos, quando ele começou em nosso ano. Acho que tudo começou aí.

- ele realmente estava envolvido com maconha?

- eu comprei dele. Carrie sussurrou.

- você comprou?

Carrie concordou novamente. – muito.

Janie se levantou rapidamente, e levou as louças para a pia. Ela começou a lavá-las enquanto a corrente de informações fluía ao redor de seu cérebro. Ele havia feito sexo com a Shay? Todo o corpo de Janie começou a doer.

Quando Janie voltou para a sala, os olhos de Carrie estavam vidrados. Ela encarava a TV.

Janie se sentou ao lado dela. – então se Cabel é louco pela shay, por que ele sentou em frente a minha porta o dia todo, e por que ele continua tentando falar comigo?

Carrie olhou para Janie. – talvez ele não queira perder você como uma futura cliente. Ou uma boa transa. Encare isso, querida, você esta muito bem hoje em dia.

Janie sentiu seu estomago de contrair.

Ela pediu licença e foi para o banheiro.

Quando ela voltou, Carrie estava no sofá, desmaiada.

Janie desligou a TV. Limpou a bagunça e tomou um pouco de água.

23 de outubro de 2005

01h34min

Ela deixou Carrie no sofá, correu pelo pátio para se esconder nas arvores próximas a casa de Cabel. Havia uma luz acesa na casa, então ela esperou. Depois de um tempo, um carro parou na entrada. Ficou lá por uns cinco minutos, talvez mais. Finalmente, Cabel saiu do carro e entra na casa. Quando ela viu todas as luzes se apagarem, ela foi para os arbustos debaixo da janela dele, caminhando com cuidado desviando das folhas secas que insistiam em cair constantemente nos últimos dias.

A sorte estava do lado dela quando ele abriu um pouco a janela. Agora ela podia escutá-lo, e o coração dela se quebrou quando ela escutou ele suspirar e se mexer no escuro. Ela podia escutar o barulho da cama dele quando ele se deitou, e ela podia escutar ele socando o travesseiro, se ajeitando para dormir.

Ela se perguntou o que ele usava para dormir. Ela estava mais do que tentada em olhar.

Mas ela iria esperar.

Ela esperou.

02h15min

Ele não roncava.

03h04min

O cochilo de Janie nos arbustos é interrompido. De maneira dolorosa. Seu corpo ficara paralisado quase que imediatamente, e ela foi sugada para dentro da mente dele. Para dentro do medo dele. De seus sonhos.

Durou duas horas.

O homem de meia idade, espalhando fluido de isqueiro e então jogando o cigarro em Cabel. O homem monstro na cozinha, jogando uma cadeira com facas, acertando o ventilador, e decapitando o homem de meia idade. E um novo sonho, Shay, a líder de torcida rica, presa na cama com algemas. Sorrindo.

Janie achava ela horrível.

Nua.

Cabel sobe na cama com ela.

E Janie não consegue sair.

Ela se sentiu ficando doente, mas ela não podia se mover.

Ela não podia bater na janela para acordá-lo.

Ela estava congelada. Paralisada.

E ela achava que a escola era uma tortura.

Foi absolutamente o pior sonho que ela já havia sido sugada. O pior. Ela desmaiou. Inconsciente. Drenada. Logo antes da cena mudar. E acabar.

06h31min

Ela abriu os olhos.

Deitada de barriga com o rosto para baixo, nas pedras e arbustos.

Ela mal conseguia se mover.

Mas ela precisava.

O sol estava nascendo.

07h11min

Janie chegou em casa. Ignorando os latidos dos cães.

07h34min

Janie entra pela porta, a fecha, e cai no carpete próximo a Carrie, que ainda estava deitada no sofá. Dormindo.

08h03min

Oh deus. Ela estava na floresta. Repetidas vezes. Tão cansada.

Quando elas vêem o garotinho caindo na água, Stu aparece ao lado de Carrie.

O sorriso do garotinho.

A luta.

O pedido de ajude ele.

E Janie não podia ajudar.

Ela nunca podia ajudar.

Stu corre na direção da água, mas ele também não pode ajudar. Stu faz amor com Carrie enquanto ela esta chorando pelo garoto, por Carson.

O garoto estava ensangüentado, perdido, levado pelo tubarão.

Como sempre.

Janie chora. Por Carson, por Carrie. Mas principalmente por si mesma. Ela sente como se tivesse cem anos de idade.

09h16min

Carrie acorda Janie.

- eu tenho que ir. Ela diz.

Janie gemeu. Seu corpo doía.

Carrie fechou a porta suavemente, e Janie voltou a dormir.

O carpete arranhando seu rosto.

11h03min

Á uma batida suave na porta, e o barulho de alguém entrando. Janie pensa que estava sonhando.

Ele olha para ter certeza que ela estava viva, caída no chão. Então ele senta no sofá e espera.

A mãe de Janie aparece.

E volta para o quarto novamente, carregando uma bandeja coberta com plástico e uma garrafa de vidro.

12h20min

Ela rola.

Geme.

Se curva em uma bola de lado, segurando sua barriga.

- oh deus. Ela resmunga, de olhos fechados. A cabeça dela doía. Seus músculos gritavam toda vez que ela se movia. Ela estava fraca e vazia. Com a cabeça tonta. Exausta.

E ele estava lá, a segurando. A levando para a cama. A cobrindo com os cobertores.

Ele fechou a porta.

Sentou no chão, próximo a ela.

12h54min

Ele vai até a cozinha. Faz para ela um sanduíche de galinha. Um copo de leite. Um copo de suco de laranja. Coloca o sanduíche em um prato. E leva para o quarto.

E espera.

13h02min

Espera até ficar assustado por ela estar dormindo demais. E ele a acorda.

Janie gemeu e lentamente se sentou.

Ela bebeu o suco e o leite.

Comeu o sanduíche.

Não olhando para o Cabel.

Ou falando com ele.

13h27min

- por que você continua vindo aqui. Ela falou. A voz dela estava rouca.

Ele mediu suas palavras. – por que eu me importo com você.

Ela riu ironicamente. – certo.

Ele olhou para ela vulnerável. – Janie, eu...

Ela olhou para ele de forma aguçada. – você o que? Esta traficando drogas? Transando com Shay Wilder? Me diga alguma coisa que ainda não sei.

Ele colocou a cabeça sobre as mãos e gemeu. – não acredite em tudo o que você escuta.

Ela bufou. – você esta negando isso?

- não estou transando com a Shay Wilder. Ele falou.

- oh serio. Então é somente nos teus sonhos. Ela se virou para a parede.

Ele olhou para a parte de trás da cabeça dela.

Por um longo e doloroso tempo.

- você não fez. Ele disse finalmente.

Ela não respondeu.

Ele se levantou. – Jesus Janie. Ele cuspiu as palavras.

Ficando parado acusatoriamente.

- talvez você devesse ir embora agora.

Ele caminhou para a porta, a abriu, e então se virou para olhar para ela. – sonhos não são memórias, Janie. Eles são medos e desejos. Indicações das preocupações das pessoas. Achei que você entre todas as pessoas saberia a diferença. Ele saiu.

21 de novembro de 2005

Janie e Cabel não se falavam.

Janie vai para a escola e para o trabalho mecanicamente, se sentindo mais vazia do que nunca se sentira em toda sua vida. A única pessoa que sabia sobre os sonhos, a única pessoa que ela realmente começara a se importar, parecia ser seu pior inimigo. Janie passava muito tempo pensando sobre ser uma pessoa sozinha para sempre, como a senhora Stubin. Se preparando para uma vida muito solitária.

Trabalhando no asilo.

Indo na faculdade comunitária.

Morando com sua mãe.

Para sempre.

Na escola, o número de alunos dormindo aumentou com a diminuição da luz do dia, e com o tempo frio.

Quando o dia de ação de graças se aproximou, e um dia especialmente movimentado na sala de estudos que seguia o almoço, uma geek de ciências chamada Stacey O’Grady tirou uma rara soneca. Ela estava

dirigindo um carro fora de controle com um estuprador no banco de trás, por quase todo o período. Quinze minutos nisso, e Janie já estava completamente paralisada.

Por sorte Carrie não está lá para notar quando Janie caiu de sua cadeira e começou a tremer no carpete, no canto da biblioteca.

Por sorte, Cabel notou.

Ele a pegou, e a colocou sentada novamente na cadeira.

Massageou seus dedos um pouco até eles se moverem.

Pegou uma barra de Snickers do tamanho gigante e colocou próxima a mão dela antes de sair para a próxima aula.

Distraiu o professor enquanto ela se esgueira na sala.

Sem olhar para ela.

Janie engole seu orgulho junto com a barra de chocolate. Escreveu alguma coisa em seu caderno espiral com uma mão tremula. Arranca o papel da espiral.

A esmaga em uma bola.

E acerta a parte de trás da cabeça dele com ela.

Ela pega a bola e a abre. Ele lê.

Sorri, e coloca o papel na mochila.

No pára-brisa da Ethel depois da escola estava um pedaço de jornal. Dos classificados. Janie olhou ao redor desconfiada, pensando se seria alguma espécie de piada. Não vendo ninguém, ela puxa o papel de baixo do limpador e entra no carro. Ela dá uma olhada curiosa, primeiro de um lado, depois do outro. E então ela encontra. Sublinhado em amarelo.

Com problemas para dormir? Pesadelos? Problemas com o sono?

Questão respondida. Problema resolvido.

Era um estudo voluntario sobre o sono. Organizado pela universidade de Michigan. Para pesquisas científicas.

E era de graça.

Quando ela chegou em casa, ela ligou imediatamente e se inscreveu para a semana do dia de ação de graças, na clinica do sono North Fieldridge próxima a escola.

25 de novembro de 2005

É o dia depois do dia de ação de graças. Janie havia trabalhado no dia de ação de graças e hoje, para receber o dobro do pagamento. Ela teria o próximo dia de folga, antecipando algum problema no estudo do sono durante a noite. Se perguntando se isso seria uma repetição da viagem de ônibus para Stratford. Pensando se aquilo não iria se tornar em outra grande confusão.

22h59min

Ela pegou uma mala para a noite do banco de trás do carro e caminha para a clinica. Ela retira seu casaco e se registra sobre um nome falso na recepção. Através do vidro tingindo, ela podia ver fileiras de camas com maquinas ao redor. Já havia algumas pessoas nas camas.

Isso é uma idéia muito, muito ruim, ela pensou.

A porta do quarto de dormir abre, e uma mulher com um jaleco branco fica parada, olhando para uma planilha. Janie perde o equilíbrio. Coloca a mão em seu rosto. Sorri. Ela procura cegamente por uma cadeira antes de seu corpo perder os sentidos

23h01min

Ela estava em uma rua em uma cidade movimentada. Esta chovendo. Ela fica sob um toldo, sem saber ao certo por quem estava procurando. Ainda não. Ela não se sentia compelida a seguir nenhum dos passantes. Eventualmente, o estomago dela se revira. Ela suspira e rola os olhos, olhando para cima.

Aqui vem ele. Ela pensa.

Através do toldo.

Era o senhor Abernethy, o diretor da escola.

23h02min

As visões pararam. A mulher com o jaleco havia entrado na sala e a estava encarando.

Janie olhou de volta, apenas para assustá-la. Ela olha ao redor da sala para as outras pessoas sentadas, esperando por seus nomes serem chamados. Todos olhavam para o chão quando ela os encarava. Ela sabia o que eles estavam pensando. De maneira nenhuma eles vão querer ficar no mesmo quarto que eu, a aberração.

Janie apertou sua mandíbula.

Ela estava cansada de chorar.

Se recusando em fazer mais cenas.

Quando ela voltou a sentir os dedos e os pés, ela levantou, pegou seu casaco e mala e saiu pela porta.

Sua voz estava rouca quando ela se virou para falar com a recepcionista. – sinto muito. Não vou fazer isso. Ela foi para o estacionamento. O ar estava frio, e ela respirava fundo o sugando para seus pulmões.

A mulher com o jaleco a seguiu porta a fora. – senhorita?

Janie continuou caminhando. Jogando sua mala dentro do carro.

Por sobre o ombro ela gritou. – eu disse, que não vou fazer isso.

Ela entra atrás da direção. Deixando a mulher de jaleco lá parada enquanto ela foi embora. – tem que haver outra maneira, Ethel. Ela disse. – você me entende, não é querida.

Ethel ronronava alegremente.

23h23min

Janie para em sua entrada de carros depois do incidente da sala de espera do estudo do sono. Pensando se ela deveria ter arriscado. Mas não havia

nenhuma maneira na terra, dela querer saber o que seu diretor o senhor Abernethy sonhava.

Eca.

Eca, eca, eca.

Essa não era a forma certa de concertar isso, ela decidiu. Mas o que seria a jeito certo: por que estava na hora.

Na hora de parar de chorar, tempo de reagir e fazer alguma coisa. Hora de seguir em frente dessa festa de auto piedade.

Antes dela perder a cabeça.

Por que não haveria maneira dela conseguir agüentar na faculdade, a menos que ela criasse algumas paredes ao redor desse desastre de trem.

Ela entra na casa e mexe dos papeis em sua mesinha de cabeceira. Ela encontra o recado da senhora Stubin. E o lê novamente.

Querida Janie.

Obrigado por meus sonhos.

De uma apanhadora de sonhos, para outra.

Martha Stubin

P.S você tem mais poder do que pensa.

23h36min

O que isso significava?

23h39min

Ela ainda não sabia.

23h58min

Nada.

26 de novembro de 2005

09h59min

Janie esperava na porta da biblioteca publica. Quando ela abriu para os visitantes, ela caminhou através da parte de não ficção. Auto ajuda. Sonhos.

Ela pegou os seis livros da prateleira, achou uma mesa em um canto, e começa a ler.

Quando um grupo de estudantes com aparência sonolenta sentou em uma mesa próxima, ela mudou para uma seção diferente da biblioteca.

E ela esperou pacientemente pelos computadores que ficavam no canto começarem a funcionar. Passou uma hora ali. Ela não podia acreditar no que encontrou com a ajuda do Google.

É claro, não havia informações de pessoas como ela. Mas já era um começo.

17h01min

Com quatro dos seis livros, Janie dirige para casa. Ela estava fascinada. Ela fez o jantar com um livro em sua mão. Ela leu até meia noite. E então ela respirou fundo e disse a si mesma que estava pronta para ir para a cama.

- eu tenho um problema. Ela disse baixinho, tentando não se sentir uma idiota. – eu tenho um problema, e eu preciso resolver isso. Eu gostaria de ter um sonho sobre como resolver esse problema.

Ela se concentrou. Deitou na cama, fechou os olhos, e continuou em uma voz calma. – eu gostaria de sonhar sobre como bloquear os sonhos das outras pessoas. Eu quero... Ela hesitou. – quero dizer, eu gostaria de ajudar as pessoas, e também... Gostaria... De viver uma vida normal. Para que os sonhos deles não arruinem minha vida para sempre.

Janie respirou fundo. Ela parou de falar, e ao invés focou sua mente no problema. Até que ela lembrou. – e eu gostaria de lembrar do sonho quando eu acordar. Ela adicionou em voz alta.

Por varias vezes ela repetiu essas palavras em sua mente.

Ela olhou para o relógio rapidamente e repreendeu a si mesma por arruinar o encanto.

00h33min

Ela se concentrou novamente. Respirando profundamente. Deixando os pensamentos fluíres ao redor e se fundirem em sua mente.

Lentamente, ela sentiu os pensamentos enchendo o quarto. Ela os respirava. Eles acariciavam a pele dela. Ela deixou sua mente se soltar, deixando seus músculos se soltarem.

E ela deixou o sono tomar conta.

No início nada aconteceu.

O que era bom, ela descobriu.

A lucidez veio depois.

02h45min

Janie se vê no meio de um lago de águas escuras. Ela nada pelo que parece ser horas. Ela ficou cansada. Entrando em pânico. Vê Cabel na margem com uma corda. Ela acena freneticamente para ele, mas ele não a vê. Ela não pode mais agüentar. A água enche sua boca e ouvidos.

Ela submerge.

Havia muitas pessoas sob a superfície da água. Homens, mulheres, crianças, bebês. Ela olha para eles em pânico, seus pulmões queimando. Eles olham para ela, seus olhos saltados e mortos.

Ela olha ao redor freneticamente. A pressão em seus pulmões era poderosa. Tudo diminui, e ficou escuro. Ela sentiu seus olhos saltando, e escutou a gargalhada interna dos corpos ao redor dela.

Janie se engasga e se senta. Era 03h10min.

Ela respirava com dificuldade. Escreveu seu sonho em um caderno.

Tenta não se sentir mal por ter falhado. Ela esperava isso.

Não estava acabado ela diz a si mesma, deitando novamente.

Me deixe sonhar com isso novamente, ela pensa, calmamente. E dessa vez, não vou me afogar. Eu irei respirar dentro da água, por que é meu sonho e posso fazer o que quiser com ele. Irei nadar como um peixe. Por que eu sei como nadar. E... E eu tenho guelras. Sim, é isso. Eu tenho guelras.

Ela repetia isso quando ela se deitou.

03h47min

Ela não tinha guelras.

Ela rola e geme frustrada, em seu travesseiro. Ela repete o mantra.

04h55min

Começa novamente.

Quando Janie deslizou para baixo da água, exausta seus pulmões queimando, ela olha ao redor para os outros que estão flutuando abaixo da superfície.

Ela começa a entrar em pânico.

Os olhos saltados.

E então.

A senhora Stubin pisca para ela debaixo da água. Ela sorri a encorajando. Ela não é um dos mortos.

Flutuando próximo a senhora Stubin esta outra Janie, que acena e sorri. – é o seu sonho. Ela diz.

A Janie se afogando olha da senhora Stubin para Janie. Sua visão diminui.

Janie entra em pânico.

- se concentre. Janie falou. – mude isso.

A Janie se afogando fechou os olhos. Afundando ainda mais na água. Ela chuta seu pé quando perde a consciência, lutando para se mover, para voltar para a superfície.

- se concentre. Janie falou novamente. – faça isso!

Guelras surgiram no pescoço da Janie que se afogava.

Ela abre os olhos.

Respira. Respira profundamente, e facilmente em baixo da água. Aquilo fazia cócegas. Ela ri sem acreditar e aparecem bolhas.

Ela olha para cima, e a senhora Stubin e Janie estão sorrindo para ela. Dando braçadas silenciosas em câmera lenta na água. Elas se movem na direção dela.

A Janie que antes estava se afogando sorri. – eu consegui. Ela diz. Bolhas saem de sua boca, e as palavras aparecem individualmente sobre sua cabeça quando cada bolha estourando, como em um desenho.

- você conseguiu. Janie disse, acenando, seu cabelo boiava como seda.

- vamos nadar agora. A senhora Stubin disse. – á alguém esperando por você do lado de fora.

Janie e a senhora Stubin nadam junto com a Janie que antes estava se afogando, e então elas param e acenam para que ela continue.

Ela se aproxima da costa, e quando chega a superfície e consegue ficar as guelras desaparecem. Ela sai da água, encharcada em seu pijama - calção e camiseta.

Cabel estava lá. Ele também estava usando calções. Seus músculos tensos na luz do sol. Seu corpo estava bronzeado. E brilhante.

Parecia que eles estavam em uma ilha tropical deserta.

Ele não se moveu.

Ele não tinha mais uma corda.

Ele estava sentado na areia.

Ela espera que ele faça algo, mas ele não se move.

- lembre-se, é o seu sonho. Ela escutou. Era a sua outra Janie falando, aquela que estava ciente que estava sonhando.

Janie hesita e se aproxima de Cabel. – oi, Cabe.

Ele olha para cima. – eu me preocupo com você. Ele disse. Seus olhos eram marrons e se tornando enlameados.

Janie queria acreditar nele. Então ela acredita.

- e sobre a Shay? Ela pergunta.

- sonhos não são memórias. Ele diz. – por favor, fale comigo.

06h29min

Janie sorri dormindo. Ela observa a si mesma no sonho, e se apegando a ele, observando em varias direções, começando novamente em partes diferentes por diversão, ou sexy, ou bonito, ou bobo.

27 de novembro 2005

08h05min

O alarme tocou. Janie manteve seus olhos fechados e desligou o alarme. Ela fica deitada na cama, repassando o sonho em detalhes, o relembrando. O memorizando.

Quando ela o tem sólido em sua mente, ela senta e escreve em seu diário.

Ela não podia parar de sorrir.

Era um passo pequeno. Mas deu esperanças para Janie.

Ela estudou os livros o dia todo, até chegar a hora de ir trabalhar.

21h58min

Estava calmo no asilo, até que uma luz se ascende no quarto que a senhora Stubin ocupava. Um novo morador estava lá agora. Seu nome era Johnny Mcvicker.

Janie larga sua caneta e vai ate o quarto para saber do que ele precisava.

Mas o senhor Mcvicker estava dormindo.

Ele estava sonhando.

Janie se agarrou a parede quando ficou cega.

21h59min

Eles estavam no porão de uma casa. Estava razoavelmente iluminado, e não era muito frio lá em baixo. Janie vê folhas cinzas sendo arrastadas pelo vento no lado de fora, pela janela de ventilação. Ela percebe depois de um momento que tudo estava em preto e branco.

O Sr. Mcvicker estava talvez uns vinte anos mais jovem. Ele permanece nos degraus da escada com um jovem, a quem ele chama de Edward.

Eles estavam gritando.

Coisas odiosas.

O Sr. Mcvicker parece horrorizado, e Edward corre pela escada e para fora da casa, batendo a porta.

O homem mais velho tenta seguir, mas ele consegue apenas se mover em câmera lenta. Ele tenta falar, mas nenhuma palavra sai. Ele é atrasado pelo peso em seus pés, que afundavam nos degraus.

Ele olha para Janie, seu rosto rachado e quebrado, marcado por lágrimas. E então ele olha para além de Janie.

Janie se vira.

A senhora Stubin está parada atrás dela, observando. Esperando. Por alguma coisa. Ela sorri encorajadoramente para o Sr. Mcvicker.

Ele está afundando nos degraus, e agora ele não pode mais se mover.

A senhora Stubin continua pacientemente a observar, com compaixão. Ela fecha os olhos, e enrugou as sobrancelhas. Ela se mantém completamente parada.

- me ajude. Ele finalmente chorou, como se aquilo estivesse sendo forçado para fora de seus pulmões.

A senhora Stubin desliza na direção do senhor Mcvicker.

Estende a mão.

O ajuda a sair da escada, que magicamente se reparavam. Mas ao invés de guiá-lo escada acima, ela o trás de volta para o lugar onde o sonho havia começado.

A senhora Stubin olha para Janie e acena, então volta a olhar para o velho e fala para ele algo que Janie não consegue escutar.

Eles ficam lá. Janie os observa por muito tempo. Então o sonho recomeça.

O senhor Mcvicher e Edward estão gritando.

Coisas odiosas.

O senhor Mcvicker parece horrorizado, e Edward vai em direção da escada.

A senhora Stubin fala alguma coisa para o senhor Mcvicker novamente. A cena para.

O senhor Mcvicker segura à manga de Edward.

- não vá. Ele diz. – por favor. Tem uma coisa que preciso te falar.

Edward se vira lentamente.

- filho. O velho fala. – você esta certo. Eu estou errado. E sinto muito.

Os lábios de Edward tremem.

Ele abre os braços para o pai.

O senhor Mcvicker abraça o jovem. – eu te amo. Ele diz.

A senhora Stubin sussurra uma terceira vez para o senhor Mcvicker, e ele concorda e sorri. Ele coloca seus braços ao redor do filho, e então eles caminham em direção da escada juntos.

A senhora Stubin sorri para Janie e desaparece. Janie fica parada por um momento no porão. Ela fica surpresa que não se sente compelida em seguir o homem. Ela olha ao redor e vê grama verde e petúnias crescendo do lado de fora da janela, e as paredes do porão haviam se tornado amarelo claro.

Estranho.

Janie fechou os olhos se concentrou, e saiu facilmente do sonho.

Ela ainda estava de pé. Ela pisca para o quarto escuro voltar ao foco novamente. Seus dedos estão latejando levemente.

Que bizarro.

Mas muito bom ver a senhora Stubin. Isso era certo.

Ela se vira para partir. No canto de seus olhos ela vê o botão de emergência.

Ele está caído no chão.

Longe da cama.

Janie hesita, e então pega o botão e o coloca de volta no clipe da parede. Ela se vira e apaga as luzes.

Ela olha ao redor no quarto rapidamente, o cabelo do pescoço erguido.

Ela fecha a porta depois de sair.

Sacode a cabeça, confusa.

Na recepção estava Carol a enfermeira chefe. – você terminou as suas fichas querida. Ela disse. – para onde você desapareceu?

Janie apontou para o fim do corredor. – a luz de chamadas do quarto do senhor Mxvicker estava piscando. Ele está dormindo agora. Eu apenas a desliguei. Sua voz estava clara e calma, e a pegou de surpresa.

Carol olhou para ela com curiosidade. – a luz daquele quarto não estava piscando, Janie. Ela foi até o painel das luzes, o pegou e sacudiu a caixa. – um. Ela disse. – talvez esteja com problemas.

- isso é estranho. Janie disse baixinho.

Ela colocou as planilhas de lado, pegou o casaco, e caminhou para a saída. O relógio marcava 23h09min.

- tenho que ir. Tenho escola amanhã.

Ela dirigiu para casa, com uma nova canção em seu coração.

29 de novembro 2005

12h45min

Janie estava obcecada em aprender mais sobre sonhos. Ela desejava que as pessoas dormissem na aula. E no salão de estudos, como sempre ela estava cheia de entusiasmo.

Janie pratica com todos que podia.

Na maioria das vezes ela falhava.

Ela ainda não havia aprendido tudo.

Mas ela iria.

Por deus, ela iria.

Por que agora ela tinha sua boa amiga senhora Stubin para ajudá-la. Ela reprimia a urgência de fugir para os corredores.

4 de dezembro 2005

07h35min

Cabel estacionou seu carro novo ao lado do de Janie quando ela chegou á escola.

Não era um carro novo. Apenas novo para ele.

Mas era uma BMW.

Pessoas do lado sul de Fieldridge não dirigiam BMWs. Bem, talvez dos modelos de 1976. Mas definitivamente não os modelos do ano 2000. A boca de Janie se abriu, e ele pressionou seus lábios para fechá-los. Ela balançou a cabeça e foi em direção da escola.

Ele estava logo atrás dele. – ele tem seis anos de uso. Vamos Janie.

Janie encontra Carrie na porta da aula de inglês. – qual a historia com o carro do cafetão lá fora? Janie pergunta.

- eu não sei, garota. Ele deve estar ganhando muito dinheiro. Eu não acredito que ele ainda não tenha sido expulso.

- ele realmente foi preso?

- não. O pai da Shay arranhou tudo com os policiais. Cabel esteve com ela em todas as festas nesse final de semana.

- e agora ele esta dirigindo aquilo.

- é uma 323 Ci conversível. O Stu disse que uma dessas deve custar pelo menos dezessete mil, usada.

O sangue de Janie ferveu. – isso é tão... Tão... A raiva tomou conta e ela não pode achar uma palavra. Carrie a estava olhando de maneira estranha.

- inacreditável? Veio uma voz atrás dela.

Ela respirou rapidamente, e viu os olhos de Carrie se arregalarem. – merda. Ela se vira e vê Cabel.

- com licença, por favor. Ele disse educadamente, e se espremeu passando entre as das para dentro da sala. Janie sente o cheiro do perfume que ele estava usando. Seu estomago se revirou contra a sua vontade.

Os olhos de Carrie brilhavam. Ela riu. – Oops.

Janie virou os olhos e riu relutante. – é.

12h45min

Por dias Janie estivera nos sonhos de outras pessoas durante o horário na sala de estudos, com pouco sucesso em ajudá-los a mudar seus sonhos. Ela estava confusa com uma coisa.

Melhor duas coisas.

Primeiro, como a senhora Stubin conseguiu que o senhor Mcvicker pedisse por ajuda? E segundo, o que ela havia dito para ele para que ele mudasse seu sonho?

Desculpe. Melhor três. Três coisas.

Como diabos a senhora Stubin pode ver nos sonhos, se ela era cega? E como ela pode estar lá, se ela está morta? Tudo bem, isso eram quatro coisas. Janie sabia. Provavelmente havia mais perguntas.

Aquilo era tão frustrante.

Ela sabia que precisava trabalhar mais duro.

E ela estava perdendo peso rapidamente.

Ela já estava magra o suficiente.

Agora suas bochechas estavam fundas, como as de sua mãe. E ela tinha círculos escuros em sob os olhos, por acordar tantas vezes durante a noite, trabalhando em seus próprios sonhos.

Ela encontrava barras de chocolate em lugares estranhos. (ela sabia que eram dele, e ela se perguntava se elas não estariam misturadas com drogas)

Cabel estava se sentando em seu antigo lugar novamente nas últimas semanas. Mas ele não dormia.

Ele lia.

Janie até deseja que ele caísse no sono. Mas ela também se preocupava sobre o que ela pudesse ver.

As provas estavam chegando. Ela abriu seu livro de matemática e começou a estudar. De vez em quando, ela olhava para Cabel, que estava de costas para ela. Pelo que Carrie falou, ele estava novamente em todas as festas no Hill nos finais de semana. Com a Shay. E muitas drogas. Janie suspira. Se

obrigando a sair do sofrimento e se volta para o livro de matemática novamente. Se recusado a ir até lá.

13h01min

A cabeça de Cabel balança, e cai para trás. Ele balança a cabeça e olha por sobre o ombro para Janie. Ela olha para baixo. Então ele se ajeita em sua cadeira o coloca o queixo sobre mãos. Seu cabelo cai suavemente ao redor dos ombros e sobre seus olhos. Janie relutantemente admira seu rosto e ele vira uma pagina do livro.

A cabeça dele balança.

O livro desliza de seus dedos.

E não o acorda quando cai na mesa.

Janie sentiu a energia dele.

Ela se concentrou, e deslizou lentamente para o sonho dele. Outro ponto positivo. Ela estava aprendendo a controlar a velocidade de sua chegada e saída. Dessa forma era muito mais fácil.

13h03min

Ele esta sentado em uma cela escura. Sozinho. Sobre sua cabeça havia um sinal que dizia. Vendedor de drogas.

Janie observa do lado de fora da cela.

A cabeça dele esta abaixada.

O cenário muda abruptamente.

Ele esta no quarto de Janie, sentado no chão, escrevendo algo em um papel. Sozinho. Ele olha para ela, a chamando com os olhos. Ela caminha alguns passos para frente.

Ele levanta o papel.

Não é o que você esta pensando.

Estava escrito no papel.

Ele rasgou a folha de papel. Em baixo a outra folha com a letra dele.

“Eu acho que estou apaixonado por você.”

O estomago de Janie se revira.

Ele olha para a mesa por um longo momento. E então e se vira para Janie e arranca mais uma pagina. Ele observa o rosto dela enquanto ela lê.

“ o que você acha de meu novo truque?”

Ele sorri para ela e então desaparece.

O cenário muda novamente. Novamente na cela. O sinal sobre a cabeça dela havia desaparecido.

Ele estava sozinho. Ela observa do lado de fora. A cabeça dele estava abaixada. Então ele olha para ela.

Um molho de chaves flutua na frente dela.

- me deixe sair. Ele diz. – me ajude.

Janie estava assustada. Ela se move automaticamente e abre a cela. Ele caminha na direção dela, e a pega nos braços. Ele olha em seus olhos. Entrelaça os dedos no cabelo dela e a beija.

Janie sai de seu corpo enquanto beija a Cabel. Ela caminha para longe pelo corredor escuro e volta a acordar na biblioteca.

Ela pisca.

Se senta.

Olha para ele.

Ele ainda estava dormindo na mesa.

Ela massageia os olhos e pensa:

Como foi que ele conseguiu fazer isso?

E agora?

13h30min

Ele se senta na cadeira em frente á Janie. Seus olhos úmidos do sono e felicidade. – bem?

- bem o que? Ela resmungou.

- funcionou, certo?

Janie conseguiu sorrir. – como você conseguiu fazer isso? ela exigiu.

O rosto dele ficou serio. – foi à única maneira que consegui de fazer você falar comigo.

- tudo bem, eu entende. Mas como você fez isso?

Ele hesitou. Olhou para o relógio. Encolheu os ombros. – parece que não tenho tempo para explicar agora. Ele disse. – quando você gostaria de sair comigo para podermos conversar melhor? Um sorriso apareceu nos lábios dele.

Ele a havia colocado contra a parede.

E ele sabia disso.

Janie riu derrotada. – você é um bastardo.

- quando. Ele exigiu. – eu prometo de todo o meu coração, que vou ser seu elfo domestico pelo resto de minha vida se eu faltar ao encontro na hora e data marcada. Ele se inclinou para frente. – eu prometo. Ele disse. Ele levantou dois dedos.

Eles se levantaram.

Ela não havia respondido.

Ele caminhou ao redor da mesa na direção dela e a empurrou gentilmente contra a parede. Colando seus lábios nos dela.

Ele tinha gosto de menta.

Ela não pode evitar a volta em seu estomago.

Ele recuou e a tocou no rosto, e em seu cabelo. – quando. Ele sussurra. Desesperado.

Ela limpa a garganta e pisca. – de - depois da escola esta bom para mim. Ela disse.

Eles pegaram suas mochilas e correram. Quando eles entraram na porta da aula de estudos sociais, ele colocou uma barra energética na mão dela.

Ela senta em sua classe e olha para ele. Ela levanta suas sobrancelhas para ele do outro lado da sala.

- proteína. Ele gesticulou. Ele fez gestos como se estivesse levantando pesos.

Ela riu alto.

Ela abriu o pacote.

E da mordidas enquanto o professor não estava olhando.

Não era tão bom quando o chocolate.

Mas servia.

Em educação física eles jogaram Badminton.

- eu estou te cuidando. Ele grunhiu enquanto trocavam de lado. – não se atreva a sair daqui sem mim.

Ela sorriu de maneira maldosa para ele.

Depois da escola Janie saiu do vestiário e olhou ao redor, então seguiu para o estacionamento. Ele estava parado entre os carros. Seu cabelo estava molhado, e tinha pequenas gotas de gelo grudadas nele.

- aha! Ele disse quando a viu, como se ele tivesse estragado os planos de fuga dela.

Ela virou os olhos. – para onde, garoto dos sonhos?

Cabel hesitou.

- minha casa. Ele disse. – você vai na frente.

Ela estava congelando. Seu estomago doía. – é ele... Ele esta... Ela engoliu com dificuldade.

Ele olhou ao redor, na luz mortiça do sol e entendeu a pergunta em sua voz.
– não se preocupe Janie. Ele esta morto.

O que se tornou um longo dia.

Ainda 5 de dezembro de 2005

Três horas.

Janie para na entrada de carros de Cabel, timidamente. Ele estaciona logo atrás dela e sai do carro, pegando sua mochila e fechando gentilmente a porta de seu carro. Ela fecha perfeitamente. – eu simplesmente adoro esse som. Ele disse feliz. – enfim. Siga-me.

Ele abre a velha porta auxiliar da garagem. A porta abre com um rangido. Ele acende a luz da garagem e pega a mão de Janie. A garagem esta arrumada. E cheirava bem, como grama velha e gasolina. Próxima a porta que dava acesso a casa estava o skate de Cabel. Janie sorriu e o tocou.

- você se lembra disso? Ela disse. – aquilo foi uma coisa muito doce que você fez. Eu não havia exatamente planejado caminhar para casa naquela noite.

- como posso esquecer. Você bateu com a porta do ginásio bem na minha barriga.

- aquele era você?

Ele sorriu para ela de forma paternal. – sim era.

Eles entraram.

A casa estava arrumada. Limpa. Tênu.

Ela se assusta quando vê a cozinha. Ela já havia visto aquele aposento antes. A mesa. As cadeiras.

- Jesus. Ela disse sem fôlego. Ela olha para cima. O ventilador de teto estava lá. – oh, meu deus. Ela se vira e olha na direção da porta da frente, onde o homem de meia idade entrava, e aquilo foi demais para ela. Ela larga a mochila no chão, fecha os olhos, e cobre seu rosto com as mãos.

E ele toca o ombro dela.

A envolve nos braços.

Acariciando seus cabelos.

Sussurrando, com seus lábios próximos ao ouvido dela. – ele não está aqui. Aquilo nunca aconteceu. – nunca aconteceu. E ela se acalmou com as palavras dele. Ela respira. Suas mãos deixam o rosto e acham os ombros dele, o peito. Ela toca o peito dele levemente, se perguntando se haveriam cicatrizes sob a camisa. Se perguntando se aquele sonho realmente aconteceu. E então ele beijou o pescoço dela e ela desistiu, virando a cabeça para encontrar a boca dele com os lábios, e ela traçou a mandíbula dele com os dedos o beijando fortemente, suas línguas provando uma a outra loucamente, enquanto ela pressionava contra ele, seus corpos tremendo, como se eles fossem duas crianças assustadas e perdidas, famintas, famintas para serem tocadas, abraçadas, por alguém, qualquer um, a primeira pessoa que pudessem achar que parecesse familiar o suficiente, seguro o suficiente, forte o suficiente para salva-los. Eles respiravam pesadamente. Seus dedos presos nas roupas.

E então eles diminuíram.

Parando. Esperando. Descansando.

Antes de um deles, ou ambos, começassem a chorar.

Antes que eles quebrassem outro pedaço do que já precisava ser concertado.

Eles permanecem juntos por um momento, se acalmando.

E então ele achou os dedos dela, e os entrelaçou nos dele, e a levou para a sala.

Na mesinha de centro havia uma pilha de livros.

Ele olha para Janie. – é assim que eu consegui. A voz dele estava rouca. – você deve conhecer esses livros agora, não conhece.

- sim. Ela disse. Ela se abaixou próximo a mesa e pegou o livro sobre sonhos.

- eu tenho praticado. Ele diz. – com esperança.

Sonhadoramente ela falou. – me diga.

Ele se sentou ao lado dela com dois refrigerantes e se desculpou. – eu não tenho nada mais forte. Ele diz. - Enfim. Eu li esses livros sobre sonhos lúcidos e ensinei a mim mesmo a sonhar o que quero sonhar.

Ela sorriu. – é. Eu fiz isso também.

- isso é bom. Ele parecia profissional. – e sobre a clinica do sono?

- ugh. Ótima idéia, mas acabou não dando certo. Eu fui, fiquei presa em um sonho quando a enfermeira abriu a porta da sala de dormir. Acabei indo embora. Ela parou. – era o sonho do senhor Abernethy. Eu não quero saber sobre o que aquele caipira sonha.

Cabel se engasgou com sua Pepsi. – boa pedida. Ele ficou serio um momento, pensativo. Mas então espantou o pensamento para longe. – sim. Realmente boa idéia.

- o que?

- nada. Tudo bem, eu primeiro tentei sonhar comigo falando coisas específicas para você. Mas eu não conseguia fazer com que isso funcionasse direito. Muita... Ele parou a olhando de lado... – eu acabava falando muita coisa. Mais do que queria falar. Eu não conseguia controlar. Ele se mexeu no assento. – então eu pensei que estivesse acabado. Mas então pensei em escrever as palavras em uma pagina. Eu pratiquei isso varias vezes, e nas ultimas noites funcionou.

- mas você não sonhava comigo dentro do sonho. Pelo menos, não até o final.

- certo. Por que eu podia controlar melhor se estivesse sozinho, sabendo que se... Quando eu sonhasse perto de você, você estaria no sonho.

Janie fechou os olhos, imaginando. – esperto. Ela murmurou. Ela abriu os olhos. – muito esperto Cabe.

- então você conseguiu ler o recado? Ele disse. Seu rosto ficando um pouco vermelho.

- sim.

- todo ele?

Ela olhou no rosto dele. – sim.

- e?

Ela ficou quieta. – eu não sei o que falar. Estou realmente confusa.

Ele pegou a mão dela e voltou para o sofá. – eu tenho muito o que explicar. – você vai me escutar?

Ela respirou fundo, e exalou lentamente. Todas as razões para odiá-lo voltou a inundar seu cérebro. Sua natureza de auto-preservação começou a funcionar. Ela não queria andar naquela montanha russa novamente. – bem. Ela disse finalmente. – eu não acho que vá acreditar em nenhuma palavra sobre isso. Você tem mentindo para mim desde o início Cabe. Desde antes, bem, de tudo. A voz dela ficou presa.

Ela olhou para o lado.

Retirando sua mão da dele.

Levantando rapidamente. – banheiro? Ela pergunta.

- merda. Ele resmungou. – através da cozinha, primeira porta a direita.

Ela encontrou o banheiro, e chorou silenciosamente sobre a pia por um momento, assoprou o nariz, e se sentou na beirada da banheira até se acalmar novamente. Percebendo que ela já estava novamente na montanha russa, e sentada no carro da frente.

Quando ela chegou na sala, ele estava encerrando uma ligação, dizendo. – amanhã. Firmemente, os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça sobre as mãos. Ele fechou o telefone.

- olha. Ele disse em uma voz monótona, sem olhar para ela.

- tem algumas coisas que não posso te contar. Ainda não. Talvez não possa te contar por algum tempo. Mas vou responder qualquer pergunta... todas que posso responder agora. Se eu não puder, e você não gostar, você está livre para me odiar para sempre. Não vou mais te incomodar.

Ela estava confusa. – tudo bem. Ela disse lentamente. E decidiu começar com uma perguntar fácil. – com quem você estava conversando, agora a pouco.

Ele fechou os olhos. E gemeu. – Shay.

Janie permaneci na entrada da sala, titubeante. Lágrimas de raiva apareceram em seus olhos. Mas quando ela falou, sua voz estava mortalmente calma. – Jesus cristo, Cabe. Ela virou e pegou a mochila e caminhando firmemente pelo mesmo caminho que eles haviam usado para entrar na casa.

Entrando em seu carro.

Ela não podia sair da entrada de carros.

Ela pensou em bater em seu carro de café.

Mas aquilo não seria legal para a Ethel.

- maldição! Ela grita, e coloca sua cabeça na direção. Ela nem ao menos podia dirigir através do pátio sem ferir a Ethel, por causa daquela estúpida vala de drenagem.

E então ela escutou a porta da frente bater. Ele correu para retirar o carro. Ele ligou o carro e o colocou na grama próximo ao dela, para que ela possa dar ré.

Ela não sabia por que estava esperando.

Ele vem até a janela.

Ela podia ir embora agora.

Ele bate no vidro.

Ela hesitou, e então abriu o vidro alguns centímetros.

- eu sinto muito Janie. Ele diz.

Ele estava chorando.

Ele volta para dentro.

Ela fica parada na entrada de carros, congelando por trinta e seis minutos. Discutindo com ela mesma.

Por que ela achava que também estava apaixonada por ele. E havia duas maneiras dela ser uma tola apaixonada no momento.

E ela escolheu o mais difícil.

E bateu na porta.

Ele estava ao telefone novamente quando abriu a porta. Seus olhos estavam vermelhos. – vou tentar. Ele diz, e desliga. Ficando parado parecendo muito mal.

- vamos tentar isso novamente. Janie disse, zangada com as mãos no quadril. – com quem você estava falando no telefone agora, Cabe? As palavras dela rasgavam o ar gelado.

- meu chefe.

Ela pensou por um momento. – você quer dizer o seu traficante? Cafetão? O sarcasmo rolou pela casa escura.

Ele fechou os olhos. – não.

Ela ficou parada. Incerta.

Ele abriu os olhos. Retirou os óculos e limpou o rosto com a manga. A voz dele havia perdido toda a esperança. – tem alguma chance. Ele disse. – de você vir comigo para um passeio? Meu chefe esta interessado em conversar com você.

Ela piscou. E fica nervosa. – por que? Ela pergunta.

- não posso te contar. Você precisa acreditar em mim.

Janie dá um passo para trás. As palavras soavam familiares em seus ouvidos. Ela pedira a mesma coisa para ele uma vez.

Ela pensa.

- vamos em carros separados. Ela disse baixinho.

04h45min

Ela segue o carro dele para o centro de Fieldrige. Ele entra em um grande estacionamento que ficava na entrada dos fundos da biblioteca, correios, departamento de polícia, Bar e grelhados do Frank, a padaria de Fieldridge e um pequeno grupo de apartamentos e condomínios. Ele para em uma vaga. Ela para próximo a ele.

Ele caminha em direção aos prédios, e usando uma chave, entra em uma porta sem identificação.

Ela o segue para dentro.

Eles descem um lance de escadas, e um aposento se abre a frente deles, com uma dúzia de cubículos e um escritório separado com a porta fechada.

Meia dúzia de pessoas olharam para eles quando se aproximaram.

- Cabe. Alguns deles acenaram. Ele acenava em resposta, e bateu levemente na porta do escritório.

Na janela em letras pretas, dizia. “ capitã Fran Komisky.”

A porta abriu. Uma mulher de cabelos bronze os apressa para entrarem. Seu cabelo era cortado curto, e contornava sua pele escura. Ela estava usando uma saia e casacos pretos, e uma blusa branca. – sentem. Ela disse.

Eles sentaram.

Ela sentou atrás da mesa, que estava lotada de papeis e tinha três telefones e dois computadores.

A capitã olha os dois visitantes por um tempo. Ela descansa os cotovelos na mesa, fazendo uma tenda com os dedos, e os pressiona contra a boca. Ela tinha pequenas rugas de idade ao redor dos olhos.

Ela abaixou as mãos.

- então, senhorita Hannagan não é isso? sou Fran Komisky. Todos me chama de Capitão. Ela se reclinou sobre a mesa e pegou a mão de Janie. Janie se moveu para frente e sacudiu a mão da Capitã.

- é um prazer conhecê-la, Capitã. Janie disse mecanicamente. Ela olhou para Cabel. Ele estava olhando para o próprio colo.

- o mesmo. A capitã disse para Janie. – Cabe você parece uma droga. Vamos resolver isso de uma vez?

- sim senhor. Cabel disse.

Janie olhou para cima, imaginando se Cabe pretendia chamar a capitã daquela maneira. Mas não parecia incomodar a mulher.

- Janie. Ela disse em uma voz dura. – o Cabe aqui me disse que ele prefere desistir do emprego a perder você. Eu devo dizer que ele é um jovem incrível. Enfim. Ela continuou. – desde que isso me afeta, eu a convidei para vir aqui para discutirmos esse pequeno problema. E você precisa saber que eu prefiro perder minha perna, do que perder Cabe nesse estagio do jogo.

Janie engoliu. Se perguntando o que diabos estava acontecendo.

A capitã olhou para Cabe. – Cabe disse que posso confiar um segredo a você. Isso é verdade?

Janie começou. – sim senhora... Senhor. Ela disse.

A capitã sorriu. Quebrando um pouco a tensão.

- então. Você esta aqui por que esse querido garoto tem mentido para você, e eu tenho obrigado ele a fazer isso, e ele tem medo de que você não vai acreditar em nenhuma palavra que ele dirá. Senhorita Hannagan você acha que pode acreditar em mim?

Janie assentiu. O que mais ela poderia fazer?

- bom. De alguma maneira eu tenho uma lista de coisas que reuni coisas que eu devo contar para você, e acredito que se você tiver outras perguntas, Cabe poderá respondê-las para você. E você ira acreditar dele.

Aquilo soava como uma ordem.

A capitã procurou através dos papéis e colocou os ósculos. Seu telefone tocou, e ela levou a mão automaticamente ao botão, o silenciando. – aqui esta. Primeiro. Ela olhou para Cabel, e então novamente para o papel. – Cabe não esta envolvido com a Shay Wilder. Ela olhou para cima sobre os óculos. – eu não posso realmente provar isso, senhorita Hannagan, mas o vi quase desistindo depois de passar uma noite em companhia dela a pouco tempo. Você esta satisfeita com isso?

Janie assentiu. Ela sentia como se estivesse em um sonho estranho de outra pessoa.

- eu disse, você esta satisfeita com isso? A voz da Capitã ressoou.

- sim senhor. Janie disse. Ela se sentou rígida na cadeira.

- bom. Segundo. Cabe não é um traficante de drogas, um aliciador, usuário, ou outra coisa dessas na vida real. Ele esta apenas interpretando um. Ela parou, mas não esperou por uma resposta dessa vez.

Terceiro. Ela se recostou colocando o papel na mesa, e começou a bater com a caneta contra os dentes. – estamos muito próximos. Ela levantou seus indicador e dedão um centímetro separados. – muito perto de desmascarmos um chefe do trafego em norte Fieldridge, na parte alta. Se essa tarefa for estragada por que você contou uma palavra para alguém, e eu quero dizer para qualquer pessoa, vou te responsabilizar por isso. Senhorita Hannagan. Alem do mais o Cabe e o diretor Abernethy são os únicos que sabem sobre isso. Estamos claros?

Janie assentiu, com olhos arregalados. – sim, sim senhora.

- ótimo. A capitã se virou para Cabe. Seu rosto se suavizando levemente.

- Cabel. Ela diz. – meu querido rapaz. Você esta comigo ou não? Preciso que você esteja concentrado no jogo. Agora. Ou essa coisa vai toda para o inferno.

Cabel olhou para Janie e esperou. Janie se espantou. Ele estava desistindo por ela. Ela assentiu.

Ele se sentou rígido na cadeira, e olhou a capitã nos olhos. – sim senhor, estou no jogo.

A capita concordou, e sorriu aprovadoramente para os dois. – bom. Terminamos aqui?

Janie se mexeu desconfortável.

E então olha para Cabel assustada.

- merda. Ela sussurra, e crava as unhas no descansa braço da cadeira.

05h14min

Janie cai em um cofre de banco, onde um policial de cabelo preto esta sentado no chão, amarrado. Ele luta com as cordas ao redor dos pulsos e a mordaca em sua boca.

05h15min

Ela estava de volta a sua cadeira, ao lado de Cabel, exceto que Cabel estava caminhando atrás dela, voltando em direção a sua cadeira. A porta agora estava fechada. Ele voltou a sentar.

- obrigado. Ela sussurrou, e limpou a garganta. – não vi essa chagando.

A capitã a estava encarando, os olhos semi-serrados. Ela olhou de Janie para Cabel e novamente para Janie. Ela limpou a garganta. Esperando.

O rosto de Janie ficou branco.

Cabel arregalou os olhos.

- você precisa de ajuda medica senhorita Hannagan? A capita finalmente disse.

- não senhor. Estou bem, muito obrigado,

- cabe?

- ela esta bem, senhor.

A capitã começou a bater com a caneta na mesa, pensando. Ela falou lentamente. – tem mais alguma coisa que vocês dois queiram falar sobre o que acabou de acontecer?

Cabel olhou para Janie. – a decisão é tua. Ele disse baixinho.

Ela hesitou.

Olhou a capitã nos olhos.

- não senhor. Ela disse. – apenas... É que... Um de seus oficiais esta dormindo na mesa dele e ele esta tendo um sonho ruim. Parece um assalto a banco que deu errado para os policiais. Ele esta amarrado em um cofre. Senhor.

O rosto da capitã não mudou. Ela batia a caneta em seus lábios agora, e ela estava segurando o lado errado. Tinta azul deixou uma pequena marca de baixo do nariz dela.

- qual oficial, Janie? A capitã perguntou lentamente.

- eu... Eu não sei o nome. Cabelo preto e curto. Talvez uns quarenta e poucos anos? Encorpado. Ele estava com cordas enroladas ao redor de seus tornozelos e pulsos, e havia um pano branco em sua boca. Pelo menos quando eu vi. As coisas mudam.

- Rabinowitz. A capitã e Cabel falaram juntos.

- você poderia checar esses fatos para mim, Cabe?

- senhor, sem ofensa senhor, mas eu não preciso. Eu acho que o senhor gostaria de perguntar para ele pessoalmente.

A Capitã moveu sua cabeça lentamente pensativamente. Ela puxou o cabelo para trás. – vocês dois não saiam daqui. Ela olhou para ambos de uma maneira forte e dura, antes de sair. Um olhar que dizia. – é melhor vocês não estarem brincando comigo. Quando a capitã abriu a porta e saiu, Janie agarrou a cadeira por antecipação. – deixe aberta Cabe. Ela se engasgou e ficou sega.

E ela estava novamente no cofre.

Eles estavam sem ar. O policial lutava para se soltar. Ele tentava tirar seu telefone do cinto. Janie sabia que ele queria ligar para a esposa. Ela tentou chamar a atenção dele. Ele olhou nos olhos dela, e ela se concentrou em suas pupilas. Peça ajuda. Ela pensou da maneira mais forte que pode. Mesmo sem saber como ele seria capaz de falar com a mordança em sua boca.

Ela escuta um pedido abafado, e percebe que era o suficiente. – sim! É isso. Ela solta a mordança, e percebe que havia falado em voz alta. Legal. – agora. Ela olhou para ele novamente. – este é o teu sonho. Ela disse. – você pode mudar ele. Se liberte.

Ele olhou para ela, seus olhos arregalados.

- se liberte. Ela o encorajou novamente.

Ele lutou e gritou.

E seus braços e pernas se soltaram.

Ele pegou seu telefone e ligou para 911*. Fechou os olhos, e a tranca do cofre apareceu magicamente na parte de dentro do cofre. Um pedaço de papel flutuou do nada com a informação de como abri-lo.

Ele o abriu instantaneamente.

E tudo fica escuro.

17h19min

Janie esta de volta com Cabel. Ele estava tocando seu braço. – você esta bem, Hannagan? Ele saiu e voltou, a entregando um copo de papel cheio de água, e ela o bebeu avidamente.

Ela estava tremendo somente ligeiramente, mais de adrenalina do que outra coisa. – eu consegui. Eu o ajudei. Ela disse. – oh, deus, isso foi legal! A primeira vez em um sonho difícil como esse. Ela sorriu.

Cabel sorriu cansado. – você vai ter que explicar isso depois. Ele disse. – se você ainda estiver falando comigo.

- oh, Cabe. Eu...

A Capitã voltou para a sala e fechou a porta.

- me diga o que você viu, senhorita Hannagan. Por favor se você puder. Rabinowitz disse que esta tudo bem.

Janie piscou. Ela não podia acreditar que a capitã a estava levando a serio. Ela contou tudo o que havia testemunhado no cofre.

Ouve uma longa.

Longa.

Pausa.

Maldição! A capitã disse finalmente.

Ela jogou seus óculos na mesa. – como você faz isso? Você... Você...

Ela hesitou.

E continuou quase como se fosse para ela mesma, com uma voz tingida com algo. Poderia ser temor. – você é como Matha Stubin.

18h40min

Cabel e Janie estavam comendo hambúrgueres engordurados e batatas fritas no Bar e Grelhados do Frank, vizinho ao departamento de policia. Eles estavam sentados no balcão em bancos vermelhos e redondos, vendo os cozinheiros fritando os hambúrgueres á um metro e meio de distancia. Era um daqueles lugares a moda antiga, onde você conseguiria um Milk Shake maltado.

Eles comeram com vontade, suas mentes girando.

20h04min

Eles estavam de volta a casa de Cabel. Cabel mostrou os dois aposentos que ela não havia conhecido: o quarto dele, e a sala do computador. Ele tinha dois computadores, três impressoras, um radio banda do cidadão*, e um radio da policia.

- inacreditável. Ela disse olhando ao redor. – espere. Espere um minuto...
Você mora aqui sozinho?

- eu moro agora.

- como...

- eu tenho dezenove. Eu estava uma classe à sua frente até a nona série.
Você deve se lembrar.

Janie lembrava dele falhando nas aulas. – isso foi antes de eu te conhecer.
Ela lembrou.

- meu irmão aparece de vez em quando, apenas para ver se estou me
mantendo longe de problemas. Ele e a esposa moram a alguns quilômetros
daqui. Por sorte eles se mudaram quando eu fiz dezoito.

- por sorte?

- é realmente uma casa muito pequena. Com paredes finas. Recém casados.

- ah. E os teus pais?

Cabel se ajeitou no sofá. Janie sentou em uma cadeira próxima. – minha
mãe mora na Florida. Em algum lugar. Eu acho. Ele resmungou. – papai
nos criou. De alguma maneira. Acho que na verdade meu irmão é que me
criou.

Janie se encolheu na cadeira enquanto o observava. Ele estava distante. E
ela esperou.

- papai esteve no Vietnam, já no final. A mente dele foi prejudicada. Cabel
olhou para ela. – quando minha mãe foi embora. Ele nos batia muito...
Cabel olhou para a mesa. – ele morreu. Á alguns anos atrás. Esta tudo bem.
Você entende? Superei isso. Acabou. Cabel saiu do sofá e se espreguiçou.

Janie se levantou. – me leve de volta para lá. Ela disse.

- o que?

- me mostre. O barracão no quintal.

Ele mordeu o lábio. – tudo bem... Ele hesitou. – eu não, você sabe. Estive lá atrás á algum tempo. Era... Costumava ser... Meu esconderijo.

*CB Radio.É em muitos países um sistema de radio comunicação de curta distancia entre indivíduos, com uma seleção de 40 canais de 27 MHz.

Ela acenou. Pegou o casaco. E jogou um casaco para ele. Eles saíram pela porta dos fundos.

Esmagando a grama congelada.

Provando o ar a procura de neve.

Quando eles se aproximaram, ele diminuiu o passo.

- você vai em frente. Ele disse. Parando na borda de um pequeno jardim abandonado.

Janie olhou para ele. Ela estava com medo. – tudo bem. Ela disse. A grama ficava mais alta e rangia enquanto ela caminhava.

Janie desapareceu na escuridão e da visão de Cabel quando entrou atrás do barracão. Ela parou e olhou para o barracão, acostumando seus olhos á escuridão. Ela viu seu lugar, onde ela se escondia durante os sonhos, e parou ali.

Olhou para e esquerda.

E esperou pelo monstro.

Mas agora ela sabia que o monstro havia morrido junto com o pai dele.

Ela passou pelo canto, para ver o lugar de onde ele vinha.

Ela podia ver. Vividamente.

Cabel, saindo da casa. Batendo a porta.

O homem nos degraus, gritando. O seguindo.

O soco no rosto de Cabel.

O fluido de isqueiro na barriga dele.

O fogo e o grito.

A transformação.

E o monstro, correndo na direção dela, com facas no lugar de dedos.
Grunhido.

Ela começou a se apavorar na escuridão.

Respirou fundo.

Ela precisava, desesperadamente precisava escutar que aquilo havia sido somente um sonho.

Ele estava sentado nos degraus da porta dos fundos. Quietamente.

Ela caminhou até ele. Pegou sua mão. E o guiou para dentro.

A casa estava escura. Ela procurou pelo interruptor e quando o acendeu, a lâmpada lançou sombras na parede ao fundo. Ela fechou as cortinas. Pegou o casaco dele, e o dela, e os pendurou em cadeiras na cozinha, e ele ficou parado, a observando.

- me mostre. Ela disse. Com a voz um pouco tremida.

- mostrar o que? Acho que você já viu tudo. A risada dele era oca, incerta. Tentando ler a mente dela.

Ela seguiu em frente, abrindo a camisa dele, lentamente. Ele respirou fundo. Fechou os olhos por um minuto. Então os abriu. – Janie. Ele disse.

A camisa dele estava no chão.

Ela puxou a camiseta para cima. Apenas um pouco. Ela observou os olhos dele. Ele implorava para ela com seus olhos.

Janie deslizou os dedos por de baixo da camiseta. Tocando a pele quente do lado da cintura dele. Sentiu a respiração dele ficar mais rápida. Levou suas mãos mais para cima.

Sentiu as cicatrizes.

Ele soltou a respiração e virou sua cabeça para o lado. Sua sombra tremeu na parede. Seu pomo de adão pulava. – o deus. Ele disse. Sua voz estava entrecortada. E ele estava tremendo.

Ela levantou a camiseta dele, e puxou sobre sua cabeça.

As cicatrizes de queimaduras eram marcadas como casca de amendoim. Elas se espalhavam por seu estomago e peito.

Ela as tocou.

Então seguiu seu contorno.

Então as beijou.

E ele ficou lá. Chorando. Seu cabelo arrepiado pela estática do inverno. Seus cílios como aranhas na luz fraca. Ele não podia agüentar aquilo.

Ele se curvou para frente.

Se curvando como um inseto na neve.

Se protegendo.

Caindo no chão.

- pare. Ele disse. – por favor. Apenas pare.

Ela parou. Ela alcançou a camisa para ele.

Ele limpou o rosto com ela.

E a colocou de volta.

- você quer que eu vá embora? Ela perguntou.

Ele balançou a cabeça. – não . Ele disse, e estremeceu em soluços emocionados.

Ela sentou ao lado dele no chão, se recostando no sofá. Puxou ele na direção dela. Ele deitou a cabeça no colo dela e se encolheu no chão enquanto ela acariciava seu cabelo. Ele agarrou a perna dela como se fosse a um ursinho.

23h13min

Janie o acordou gentilmente, passando os dedos no cabelo dele. Ela caminha com ele para o quarto. Deitando ao lado dele na cama, apenas por alguns minutos. Coloca os óculos dele na mesinha de cabeceira.

O abraça. Beija seu rosto.

E vai para casa.

BUSTING OUT ALL OVER

6 de dezembro 2005

12h45min

Ela esperou na mesa dele na Biblioteca.

Ele a encontrou lá.

- eu tenho que trabalhar hoje à noite. Ela sussurrou.

- depois? Ele perguntou.

- sim. Mas vai ser tarde.

- vou deixar a porta da frente destrancada. Ele disse.

Ela vai para sua mesa usual.

E ele imaginou um novo sonho para ela.

18h48min

Um homem parou na mesa da recepção do lar Heather. Ele olha ao redor, se familiarizando. Ela o reconhece apesar dele ter o cabelo grisalho agora. Estava mais velho. Com o rosto mais marcado.

- vou te mostrar. Ela disse. Ela liderou o caminho para o quarto do senhor Mcvicker.

Bateu levemente na porta. E a abriu.

O velho Johnny Mcvicker se virou em direção da porta.

Vê seu filho.

Pela primeira vez em quase vinte anos.

Sua mão escorrega do andador.

Sua bandeja do jantar e talheres caem no chão. Mas ele não notou. Ela estava encarando o filho.

E disse bem rápido. – eu estava errado, Edward. Você estava certo. Sinto muito. Eu te amo filho.

Edward para em seu caminho.

Tira seu chapéu. E passa a mão lentamente por sua cabeça.

Amassa o chapéu nas mãos.

Janie fechou a porta voltando para a recepção.

23h08min

Ela estaciona seu carro em casa, e abre caminho na neve até a casa dele.

Ela estava animada. Ela disse entrando na casa. – você deveria ter me visto com os penicos.

Ele esperou por ela. E a abraçou. A levantando. Ela riu.

- você pode ficar? Ele perguntou. Implorando.

- se eu for para casa pela manha. Ela disse. – antes da escola.

- qualquer coisa. Ele disse.

Janie terminou seu trabalho de casa, colocou tudo dentro da mochila, e foi encontrá-lo. Ele estava dormindo. Ele não estava usando camisa. Ela subiu na cama e se maravilhou licenciosamente com seu peito e estomago. Ele respirava profundamente. Ela se acomodou.

Por enquanto pelo menos.

Ele sabia que ela poderia ter que ir embora.

Fugir de seus sonhos, para poder dormir.

Mas quando ele sonha, o sonho do fogo, e a encontra atrás do barracão, beijos e choros, pedidos de ajuda, ela procura pelos dedos dele, em seu estado de cegueira e fraqueza e o lava com ela para o sonho, para que ele pudesse observar a ele mesmo.

Ela mostra para ele como mudar.

É o seu sonho, ela lembra ele.

E ela mostra para ele como transformar o homem nos degraus, o homem que carregava a lata de fluido de isqueiro e o cigarro, no homem na escada cujas mãos estão vazias, e a cabeça balançado. E diz. – sinto muito.

Quando ambos acordam, o sol estava entrando pela janela.

Era 11:21 de uma quarta feira.

Eles começam a rir alto e por muito tempo. Por que não havia nenhum pai ou mãe para eles se preocuparem.

Ao invés eles ficaram em um beanbag* gigante na sala do computador, conversando, e escutando musica.

Eles brincaram de verdade ou desafio.

Mas era tudo verdade.

Para os dois.

Janie: - por que você disse que queria me ver no primeiro domingo depois de Starford, e então não apareceu?

Cabel: - eu sabia que teria que ir aquela festa. Eu iria voltar cedo. Não sabia que iríamos fazer uma batida de mentira. Fui mandado para a cadeia durante a noite, apenas para parecer real. Eu fiquei arrasado. A capitã só me deixou sair às seis da manhã seguinte. Foi quando deixei o bilhete na Ethel.

Janie: - você já vendeu drogas?

Cabe: - sim. Maconha. Na nona e décima serie. Eu estava, uh... Com problemas, naquela época.

Janie: - por que você parou?

Cabel: - fui pego, e a capitã me fez uma proposta melhor. Janie: - então você tem sido um informante desde quando? Cabel: - eu estremeço com a sua maneira de falar. A maioria dos informantes são policiais jovens colocados em escolas para pegar estudantes. A capitã teve uma idéia diferente. Ela não esta atrás dos estudantes, ela esta atrás do fornecedor. Que é o pai da Shay. E ele pensa que essa é uma boa maneira de... Desde que ele começou a vender drogas nas festas para os garotos. E perceber que achou uma mina de ouro em algum lugar. Eu tenho que fazer com que ele fale isso no microfone.

Janie: - então você é um agente duplo?

Cabel: - claro. Isso soa sexy.

Janie: você é sexy. Ei Cabe?

Cabe: sim?

Janie: você realmente rodou na nona serie?

Cabe: não. (pausa). Eu estava no hospital, à maior parte do ano. Janie: (silencio) e então, as drogas.

Cabe: - sim... Elas ajudavam com a dor. Então acabei me metendo em algumas, bem, situações. E a capitã entrou na minha vida no exato momento antes do meu primeiro ano, antes que eu estivesse com muitos problemas. E isso soa estranho, ela se tornou uma espécie estranha e sem noção de mãe que eu precisava tão desesperadamente. Aquela era a época gótica, quando eu achei que nunca teria a garota dos meus sonhos por causa das cicatrizes. Sem mencionar o estilo do meu cabelo. (pausa).

- Mas então ela bateu com a maçaneta da porta em minha barriga. E quando uma garota faz isso em um garoto, significa que ela gosta dele.

Janie: (risos).

Cabel: então aquilo me fez sentir melhor. Por que ela não se importava com o que as pessoas pensavam se ela falasse comigo. Antes de eu mudar. (pausa).

Janie: (sorrindo) por que você mudou? A sua aparência, eu quero dizer.

Cabel: ordens da capitã. Para o trabalho. E aquele não é meu carro também, por falar nisso. Faz parte da imagem. Acho que vou ter que devolver depois de um tempo. (pausa).

Ei, Janie?

Janie: - sim?

Cabel: o que você vai fazer depois da escola?

Janie: (suspiro) ainda esta no ar, eu acho. Em dois anos, eu mal juntei dinheiro suficiente para o primeiro semestre na Universidade de M... Deus, isso é loucura... Então, a menos que eu consiga uma bolsa de estudos decente, vou ter que ir para a universidade comunitária.

Cabel: então você vai ficar por aqui?

Janie: sim... Eu, uh, preciso estar perto o suficiente para poder manter os olhos em minha mãe, você sabe? E... Eu acho que com o meu “problema”, vou ter que continuar morando em casa. Ou nunca vou conseguir dormir.

Cabel: Janie?

Janie: sim?

Cabel: - eu vou para a U. M.

Janie: você não vai.

Cabel: justiça criminal. Então vou poder manter meu emprego aqui. Janie: como você sabe? Você recebeu uma carta de aceitação mais cedo? Como você vai pagar por isso?

Cabel: um, Janie?

Janie: simm, Cabel?

Cabel: eu tenho outras mentiras para confessar.

Janie: oh, deus. O que é?

Cabel: na verdade eu sei qual é o meu GPA.

Janie: e?

Cabel: e. Eu tenho uma bolsa de estudos completa.

Cabel é empurrado violentamente para fora da cadeira. Levando um tapa. E diz repetidamente que ele é um bastardo.

Ele diz a Janie que ela provavelmente ira ganhar uma bolsa escolar também, com as notas dela. A menos que se envolva com traficantes.

E então ouve alguns beijos.

10 de dezembro 2005

O final de semana estava arruinado. Cabel estava cortejando Shay novamente, e Janie trabalhando na sexta a noite, e sábado e domingo nos primeiros turnos no asilo.

Mas Carrie encontrou Janie. E Janie preocupada que uma batida á procura de drogas fosse acontecer no final de semana, não queria Carrie mistura com isso. ela perguntou se Carrie queria estudar para as provas. Elas relutantemente concordaram no sábado a noite na casa de Janie.

Carrie apareceu ás dezesseis horas, e já estava bêbada. Janie revisou suas anotações de qualquer maneira. – você quer ir para a faculdade ou não? Ela perguntou rude.

- bem, claro. Carrie disse. – eu acho. A menos que o Stu queira casar.

- ele quer?

- eu acho. Talvez. Algum dia.

- e você quer? Janie perguntou, depois de um momento.

- claro, por que não. Isso iria me levar para longe dos meus pais.

- os teus pais não são tão ruins assim. São?

Carrie estremeceu. – você deveria ter visto eles antes.

- antes do que?

- antes de nos mudarmos para a casa ao lado.

Janie hesitou. Tentando decidir se aquela era a hora certa para perguntar. – hei Carrie?

- o que?

- quem é Carson?

Carrie encarou Janie. – o que você acabou de falar?

- eu disse quem é Carson?

O rosto de Carrie ficou alarmado. – como você sabe sobre Carson?

- eu não sei. Se soubesse eu não estaria perguntando. Janie estava caminhando em uma linha muito fina. Uma que ela não podia ver.

Carrie estava obviamente chateada, caminhou pela cozinha. – mas como você sabe para perguntar isso para mim?

- você disse o nome dele uma vez. Janie disse com cuidado. – enquanto dormia. Eu só estava curiosa.

Carrie colocou um pouco de vodka em um copo. Sentou. E começou a chorar.

Oh merda. Janie pensou.

E então Janie despejou a história.

- Carson... Tinha quatro anos.

O estomago de Janie se revirou.

- ele se afogou. Nós estávamos acampando perto de um lago... Era... Carrie parou e bebeu um gole de sua bebida. – ele era meu irmão menor. Eu tinha dez anos. Eu estava ajudando meus pais a arrumar o acampamento.

Janie fechou seus olhos que ardiam. – oh merda. Carrie.

- ele caminhou até o lago... Nós não notamos. E ele caiu da doca. Nós tentamos... Nós tentamos... Carrie colocou as mãos nos rosto. E respirou profundamente. – nos mudamos um ano depois. Sua voz ficou mais baixa. – para recomeçar. Nós não falamos sobre ele.

Janie colocou seu braço ao redor de Carrie e a abraçou. Sem saber o que falar. – eu sinto muito.

Carrie assentiu, e então sussurrou em uma voz quebrada. – eu deveria ter cuidado melhor dele.

- oh querida. Janie sussurrou. Ela abraçou Carrie mais perto por um momento, até Carrie gentilmente se afastar.

- esta tudo bem. Carrie fungou.

Janie se sentia completamente inútil, e foi pegar um rolo de papel higiênico no banheiro. – eu não tenho nenhum lenço... Carrie? Por que você não me contou?

Carrie retorceu as mãos. Assuou o nariz. Espirrou. – eu não sei Janie. Eu pensei que isso fosse ir embora. Eu estava tão cansada... Tão cansada de estar triste. Eu não podia mais agüentar o silêncio, e os olhares de pena.

- o Stu sabe?

Carrie balançou a cabeça. – eu provavelmente deveria contar para ele.

Elas ficaram em silêncio por um longo tempo.

- eu acho que talvez. Janie murmurou depois de um tempo. – que as coisas ruins nunca vão embora. E não é culpa de ninguém.

Carie respirou estremecendo e soltou o ar lentamente. – ah, bem. Veremos huh? Ela sorriu através das lágrimas. – obrigado Janie. Você é uma verdadeira boa amiga. Ela parou, e completou com uma voz suave. – apenas continue sendo normal agora, tudo bem? Um olhar triste e estou fora daqui, eu juro por Deus.

Janie sorriu. – você terá isso. Garota.

11 de dezembro de 2005

02h41min

Quando Carrie sonhou, dessa vez Janie sabia o que fazer.

A floresta, o rio, o garoto se afogando. Sorrindo.

Carrie olha para Janie. Apenas alguns minutos antes do tubarão aparecer.

Carrie grita. – o ajude! Salve ele!

Janie se concentrou, olhando Carrie nos olhos. – me peça Carrie. Peça minha ajuda.

Ele estava se debatendo e afundando, havia aquele estranho sorriso no rosto dele.

- o ajude! Ela chora para Janie novamente.

Carrie! Janie pensa com toda a sua vontade. Eu não posso ajudá-lo. Peça para mim. peça para ajudar... Você.

Na manha, Carrie lembrou durante o café da manha. – eu tive um sonho estranho. Era um desses pesadelos que eu sempre tenho sobre o Carson, mas dessa vez, tudo mudou e se transformou em um estranho... Alguma coisa. Foi surreal.

- é? Janie falou. – legal. Deve ser o Feng Shui* daqui, ou algo assim.

- você acha?

- eu não sei. Tente arrumar o seu quarto, e então à noite, diga para você mesma que você vai mudar o seu pesadelo de agora em diante, para funcionar com as coisa harmoniosas ao seu redor.

Carrie olhou para ela desconfiada. – você esta brincando comigo?

- claro que não.

12 de Dezembro 2005

17h16min

Janie dirige lentamente para casa, depois de uma longa tarde no lar Heather. Com as festas se aproximando, as assistentes tentavam encaixar algum tempo para a decoração, além de seus deveres regulares. E Janie conseguiu ajudar três residentes a achar paz em seus sonhos. Havia sido um dia decente.

Por capricho ela passa pela casa de Cabel, e se surpreende quando vê o carro dele na entrada da casa. Ela diminui e entra no pátio, deixando Ethel funcionando.

Ela caminha para a porta da frente e bate.

A porta se abre, e Cabel a manda um olhar. – ei Janie, o que á? Ele estava fazendo sinais com os olhos quando Shay apareceu por trás dele e espiou por sobre o ombro de Cabel. Ela passou os braços ao redor da cintura dele possessivamente.

- oi Janie. Shay diz, com um olhar de triunfo nos olhos.

Janie sorri, pensando rapidamente. – oh oi, Shay. Sinto incomodar. Cabel, eu estava me perguntando se você tinha aquelas anotações que você disse que eu podia pegar emprestado para o exame de amanhã?

Os olhos de Cabel mandaram uma mensagem de gratidão. – sim. Ele disse. – já volto. Você gostaria de entrar?

- não. Meus sapatos estão molhados de neve.

Cabel reapareceu e a entregou um punhado de papeis, enrolados e presos com um elástico. – nós estamos de saída para uma festa. Ele disse. – mas eu meio que preciso dos papeis de volta hoje à noite, já que os exames são amanhã. Até que hora posso passar para pega-los?

Shay se mexia por sobre o ombro dele, com intenção de ver e ser vista. Janie notou que Cabel havia lentamente mudado sua postura e estava parado em sua altura total, e Shay precisava pular para ver acima dele. Janie escondeu uma gargalhada. – vou ficar acordada até tarde, mas eu posso colocar os papeis na caixa de correio antes de ir dormir. Obrigado Cabel. Se divirtam na festa! Estou com tanta inveja.

Janie caminhou de volta a Ethel e foi para casa, apenas um pouco triste pela sena que ela havia acabado de testemunhar. Ela levou os papeis para dentro, trocou de roupa, e pegou seus livros.

Ela folheou os papeis que Cabel a havia entregue, torcendo para que ele não houvesse dado nada importante, já que ela na verdade não precisava daquilo. No meio da pilha, uma nota:

Sinto sua falta como louco.

Amor, Cabe.

Ela sorriu, sentindo a falta dele. Querendo que aquela confusão estivesse acabada. Ela pensou em como ele estava disposto a desistir do trabalho,

destruindo meses de progresso que os detetives haviam conseguido, apenas para fazer as coisas funcionarem com ela.

A capitã estava certa. Ele é um cara legal.

Janie estudou até depois da meia noite, em parte esperando que Cabe aparecesse. Pela uma da manhã, ela estava cochilando sobre seu trabalho. Ela encerrou a noite, pegou os papéis de Cabe e os colocou na caixa de correio. No caso dele aparecer para pega-los. Em caso da Shay estiver com ele, e ele teria que fingir.

Ela escreve um recado e esconde no meio dos papéis, então os enrolou e os colocou dentro da caixa de correio.

Ela está feliz por poder dormir, mas checkou seu despertador duas vezes para ter certeza que ele irá disparar. O primeiro teste começava às 10:30 da manhã.

E ela precisava tirar dez.

Para conseguir uma bolsa de estudos.

Por que sem isso, U.M será apenas um sonho inalcançável.

13 de dezembro 2005

02h45min

Quando o telefone tocou, Janie pulou. Por um momento confuso ela pensou que fosse o despertador, mas pelo quarto toque ela estava correndo para ele.

Esperando que fosse Cabel.

Querendo que ele estivesse do lado de fora, esperando para ver ela.

- alo. Ela falou, e limpou o sono de sua voz.

Ela escutou fungadas. – Janieeee. Uma voz chorou.

- quem é?

- Janieeee, sou eu.

- Carrie? O que a de errado? Onde você esta?

- oh que merda Janie. Carrie choramingou. – eu estou em uma enrascada.

- onde você esta? Você precisa de uma carona? Carrie, se acalme, garota. Você esta bêbada?

- meus pais vão me matar.

Janie suspirou.

Esperou.

Escutou os soluços.

- Carrie onde você esta?

- estou na cadeia. Ela disse finalmente, e os soluços começaram novamente.

- o que? Aqui em Fieldridge? O que diabos você fez?

- você pode apenas vir aqui me pagar?

Janie suspirou. – quanto Carrie?

- quinhentos dólares. Ela disse. – vou te pagar. Cada centavo. Mais juro. Eu prometo, muito. Ela parou. – oh e Janie?

- sim?

- Stu esta aqui também. Janie podia sentir Carrie fazer uma careta ao telefone.

Janie fechou os olhos e passou os dedos no cabelo. Ela suspirou novamente. – vou estar aí em trinta minutos. Pare de chorar.

Carrie murmurou os obrigadas, e Janie a cortou desligando o telefone.

Janie procurou em suas roupas para achar o esconderijo do dinheiro que estava esperando para depositar no fundo para a faculdade. Ela tinha vinte

dólares a menos. – merda. Ela resmungou. Ela sai do quarto e vai a procura da mãe, entre todas as pessoas.

- aquilo foi o telefone? A mãe dela estava com os olhos opacos.

- sim... Janie hesitou. – eu tenho que ir pegar a Carrie. Ela foi presa. Alguma chance... Alguma chance de você ter vinte dólares sobrando, mãe? Eu te pago amanhã.

A mãe de Janie olhou para ela. – é claro. Ela diz. Ela vai ate o quarto e volta com os vinte. – você não precisa me devolver querida.

Se Janie tivesse uma hora para pensar sobre aquela troca, ela talvez chegasse à conclusão de que havia uma ou duas coisas mais estranhas do que entrar nos sonhos dos outros.

03h28min

Janie subiu os degraus da entrada da frente da delegacia de policia, e é empurrada para dentro. Estava nevando furiosamente. Ela olhou ao redor, e o oficial acenou para ela passar pelo detector de metais e pela checagem de segurança. Ela o reconhece. É Rabinowitz. Ela sorriu, sabendo que ele não sabia quem ela era.

- através da porta. Apenas pagamento á dinheiro ou cartão. Nada de cheques. Ele disse, como havia dito milhares de vezes antes.

Janie os escutou antes de empurrar a porta. Havia uma pequena fila de pais sonolentos na frente dela. Alguns deles estavam agindo mais pateticamente que Carrie no telefone. Ela olha no corredor para ver as barras das celas.

Ela se perguntou se ele estava ali. A batida. E então ela vê Melinda, sendo levada por um policial e pelo pai. Seu rosto estava manchado de maquiagem e lagrimas, e ela parecia terrível. Seu pai a segurava pelo braço parecendo brabo e a levou para fora. Janie olhou para o chão quando Melinda passou. Ela sentiu pena de Melinda.

Os próximos três estudantes ela também conhecia, e ela podia ver a humilhação. Finalmente Janie era a ultima pessoa junto à mesa. Ela pega os mil dólares em dinheiro e os conta.

- por quem você esta aqui? Falou o guarda.

- Carrie Brandt e Stu, ah... Ela procurou em sua memória pelo sobrenome de Stu. – Gardner.

- identidade, por favor.

Janie pegou sua carteira de motorista e a entregou ao guarda, que a olhou de perto.

Ele olhou para ela pela primeira vez.

- você não tem dezoito.

O estomago de Janie se apertou. – não... Ao menos não até o próximo mês. Ela disse.

- sinto muito garota. Tem que ter dezoito anos.

- mas...

Merda.

O guarda a ignorou. Ela ficou lá. Pensando em todas as coisas que ela sabia, mas não podia revelar. Ela suspirou e sentou em uma das cadeiras para pensar. Ela encostou a cabeça nas mãos. Ela se atreveria em tentar se aproximar de Rabinowitz, e ver se ele poderia ajudá-la? Mas não... A capitã disse para não falar nenhuma palavra para ninguém. Isso não excluía outros policiais.

- posso pelo menos ir até lá atrás, para que ela saiba que eu pelo menos tentei? Janie pediu.

O guarda olhou para cima. – você ainda esta aqui? Tudo bem, ótimo. Ele disse. – dois minutos. Janie sorriu agradecida e caminhou em direção das celas.

E ela os vê. Sentados ou deitados nos bancos.

Carrie e Stu. Juntos.

Shay Wilder e seu irmão. Parecendo muito irritados, bêbados, drogados, cansados, qualquer coisa.

O senhor Wilder. Parecendo fodido em mais maneiras do que uma.

E Cabe. Que estava deitado no banco como se vivesse ali. E Shay, Janie notou feliz, estava o mais distante de Cabel que conseguiu.

Ela mordeu os lábios.

Carrie correu para as barras.

Janie olhou para Carrie. – querida. Ela sussurra. – eles não me deixaram pagar a fiança. Não tenho dezoito, até o mês que vem. Estou trabalhando nisso, tudo bem? Ela prometeu. – vou pensar em algo, mesmo se eu tiver que arrastar minha mãe até aqui.

Carrie começou a choramingar. – oh, é tão terrível ficar trancada aqui. Ela reclamou.

Janie que havia ficado sem simpatia cerca de um minuto depois do telefone tocar, apenas olhou para Carrie. – nossa Carrie. Cale a boca de uma vez. Ou sou capaz de te deixar aqui.

- não! Soou a voz bêbada de Shay, seu irmão, e Stu. Stu e Carrie começaram a discutir.

Janie olhou rapidamente para Cabel, que a estava observando, com um leve sorriso no rosto. Ele pisca e acena, sempre discretamente, na direção do senhor Wilder.

Janie olhou.

Ele estava balançando.

Caindo.

Dormindo.

Ela sentiu uma onda de adrenalina. – eu, uh, tenho que voltar para as cadeiras, Carrie, mas vou tirar você daqui assim que puder tudo bem? Janie não olhou outra vez para Cabe.

Ela sentou na cadeira próxima as celas, fora da visão do policial na mesa da frente. Ela mal podia ver os pés de Cabel no banco. Suas pernas estavam cruzadas nos tornozelos. E ela lembrou dele na época quando seus jeans

eram muito curtos, parado sozinho esperando o ônibus, a menos de dois anos atrás.

Ela podia escutar Carrie e Stu discutindo, e Shay e seu irmão falando mais alto, dizendo para ela superar aquilo e calar a boca.

E então ela estava girando e cega, agarrando a cadeira, torcendo para que ninguém passasse por ali. Ela não pode ver Cabel se levantando, usando a distração de Carrie para se aproximar do limite da cela tentando olhá-la nos olhos. Tentando lhe contar algo.

Ela só conseguia ver o que estava nos medos e esperanças do senhor Wilder. Ou seriam suas memórias?

O sonho se intensificou e se transformou em pesadelo. Janie fora jogada ao redor dentro do pesadelo.

Jogada e soprada.

E ela estava tentando ver tudo. Através dos olhos e da mente de um criminoso.

Ela não viu Cabel durante aquelas duas horas de sonho, ele caminhava, afundava a cabeça nas mãos. Ela não o viu a observando, aterrorizado, enquanto ela caía de lado para fora da cadeira, como morta. Batendo o rosto contra o canto de um carrinho de café.

06h01min

A cabeça dela estava latejando.

Ela estava pegajosa. Fria.

Filetes de sangue desciam de seu rosto no piso frio.

Ela achava que seus olhos estavam abertos, mas a visão estava levando muito tempo para retornar.

Ela não conseguia mover o corpo.

Distante ela escuta Cabel, chamando por seu nome, e gritando pelo guarda.

Carrie estava gritando.

Para Janie tudo estava escuro como a noite.

06h08min

Janie estava sendo erguida para uma maca. Ela se concentrou. Tentando acordar. Sua cabeça latejava.

Eles a levaram para o saguão da delegacia.

- pare. Ela grasnou.

Limpou sua voz, e falou novamente.

- parem.

Dois paramédicos olhavam para ela. Ela abriu os olhos. Apenas um se abriu. Mas ela podia ver sombras.

- estou bem. Ela disse, e lutou para sentar. – eu tenho convulsões às vezes. Estou bem. Vêem?

Ela levantou uma das mãos para provar que estava bem.

E vê sangue.

Seus olhos se arregalaram quando ela se esforça para sua visão retornar ao normal.

Ela sente seu rosto. O sangue estava gotejando, fluindo de sua sobrancelha para seus cílios.

- oh, merda. Ela disse. – escutem você não tem apenas algumas gazes esterilizadas? Serio?

Os paramédicos se olharam, e então para ela.

Ela tentou uma tática diferente. – eu não tenho nenhum seguro, rapazes. Não posso pagar por isso. Por favor.

Um dos médicos acenou. – é Janie certo? Escute, você estava tendo espasmos no chão. Rígida. Inconsciente. Você bateu a cabeça no canto de um carrinho de metal enferrujado.

Janie os enganou. – estou em dia com minha vacina antitetânica, tenho um teste de matemática daqui a pouco, e meu futuro acadêmico depende disso. Estou falando, eu recuso atendimento. Agora me deixem sair daqui.

Lentamente os paramédicos se afastaram para ela poder levantar. Ela balançou suas pernas pesadas e adormecidas pela lateral da maca justamente quando a capitã Komisky passou pela segurança.

- o que diabos está acontecendo aqui? Ela perguntou alto. – o que, ó senhorita Hannagan. Você está chegando ou saindo?

Janie olhou ao redor na maca, e pega um punhado de gaze, tentando achar a fonte do sangue. – estarei saindo dessa coisa a qualquer segundo agora. Janie resmungou.

Ela respirou fundo.

Pulou para fora da maca.

E ficou em pé como se fosse uma prova olímpica.

A capitã estava observando, um olhar divertido no rosto. Ela ofereceu o braço para Janie. – venha querida. Ela disse. – parece que você esteve ocupada hoje à noite. Ela acenou para os paramédicos os mandando embora, e eles foram como um raio.

Janie sorriu agradecida e segurou a gaze sobre o olho. Sua camiseta estava manchada de sangue. Parecia que ela estava usando sapatos de cimento, e sua cabeça parecia um balão.

- liguei do caminho e fui informada. Ela explicou quando os paramédicos saíram. – acho que precisamos ter uma conversa em meu escritório?

- eu... Claro. Que horas são? Janie havia esquecido de colocar o relógio quando saiu de casa, e ela ficava perdida sem ele.

- seis e quinze, ou perto. A capitã falou. – imagino que o senhor Strumheller já teve o bastante por agora, não acha?

Janie estava tendo problemas para se concentrar. Ela sabia que precisava comer. Ela deu uma risada estremecida. – acho que isso depende da senhora. Ela murmurou.

E então ela lembrou.

Carrie e Stu.

- capitã. Ela disse nervosa. – vim até aqui há algumas horas para tentar liberar minha amiga e seu namorado. Eu tenho o dinheiro da fiança, mas só vou completar dezoito no mês que vem. Há alguma chance de você...

- é claro.

Janie suspirou aliviada. – obrigado.

- Antes de entrarmos. A capitã falou. – vamos lembrar de que você não me conhece. Certo?

- sim senhora. Ela disse.

- boa garota. – vá pegar seus amigos.

06h30min

Carrie corre para fora da cela como se ela estivesse cheia de gás venenoso. Stu a seguiu. Carrie vê Janie coberta de sangue e quase desmaia, mas Stu e Janie ignoram seu drama.

- vocês terão que ir andando. Sinto muito. Janie disse firme. – tenho que preencher alguns papéis idiotas por causa do acidente ou algo do tipo. Ela apontou para seu olho e fez parecer como se fosse a última coisa que gostaria de fazer. Ela balançou a cabeça, fingindo estar irritada. – policiais estúpidos.

Stu apertou o ombro de Janie. – obrigado Janie. Ele a olhou de maneira agradecida. – você é uma boa amiga. Para nós dois.

Janie sorriu, e Carrie pareceu envergonhada. – obrigado Janie. Ela disse.

- estou feliz por você ter ligado para mim, Carrie. Janie disse. – agora vão embora.

06h34min

Janie vai até o banheiro, com a gaze ensangüentada pressionada contra sua sobranalha inchada. Ela olha no espelho. Era um bonito corte. Estava bem acima de sua sobranalha, do arco até onde ela desaparecia, e era reto e limpo. Um dia, ela vai desejar ter levado pontos. Mas se ficar cicatriz será em um lugar bem sexy.

Ela vira do avesso sua camiseta para esconder a ridícula quantidade de sangue que saíra do pequeno corte, e lava seu rosto e mãos. Ela pega um punhado de toalhas de papel marrom, as umedece, e volta a fazer pressão sobre o corte. Então ela lava com água.

06h47min

Janie saiu do banheiro, e Cabel estava lá, a puxando para o vestiário. Ele parecia cansado. E aliviado em vê-la.

- me deixe ver. Ele disse.

Ela tirou o papel toalha e mostrou para ele seu ferimento.

- é bem impressionante. Ele disse, e então ficou serio, seus profundos olhos castanhos preocupados. – quando vi que você iria cair, eu... Ele parou e suspirou. – eu te observei. A maior parte daquelas duas horas, toda vez que eu podia sem parecer suspeito. Me deixou maluco que eu não podia ir até você.

Janie, que agora estava tremendo e ficando tonta, apenas se recostou contra ele.

Ele acariciou as costas dela, descansado o queixo na cabeça dela. – você tem certeza que esta pronta para uma conversa com o chefe? Ele perguntou.

Janie assentiu contra o peito dele.

- vou ver uma coisa para você comer assim que sairmos daqui. Tudo bem?

Ela sorriu. – obrigado Cabel.

- me encontre na entrada dos fundos, tudo bem? Você se lembra qual é a porta? Vamos precisar nos separar.

- sim, tudo bem, bem pensado. Ela murmurou. Cabel caminhou casualmente para uma escada e desceu. Janie caminhou na direção da entrada da frente e caminhou metade de um quarteirão para chegar à parte de trás das lojas, e prédios. Quando ela chegou na porta sem nome, ela estava soando frio. Ela bateu levemente. A porta se abre, e ela segue Cabel pelas escadas.

O lugar estava zumbindo, e Cabel recebeu alguns tapas nas costas e na cabeça pelo trabalho da noite passada. – ainda não chegamos lá. Ele disse modestamente.

Ele bateu na porta da sala da capitã, e ela mandou. – entrem. Cabel e Janie entram.

- vocês dois tem provas hoje, não é? Temos tempo para isso agora?

- dez e trinta, capitã. Temos tempo de sobra.

A capitã olhou de perto para Janie. – Jesus, Maria e Jose. Ela disse. – você vai ter uma droga de um hematoma até o fim do dia. Você desmaiou?

- eu... Uh... Janie deu de ombros. – eu não faço idéia.

- sim, eu acho que ela desmaiou. Cabel cortou. – vou precisar cuidar dela hoje o dia todo. E provavelmente a noite também. Ele adicionou. Muito serio.

A capitã jogou uma borracha nele e o mandou buscar café. – e traga algo para essa pobre garota comer, enquanto você estiver fora, antes que ela se quebre em duas. Ela abriu a gaveta da mesa e procura algo dentro dela. Pegou um kit de primeiro socorros e jogou sobre a mesa um saco de amendoins. – você pode deslizar para cá? Ela disse. Janie arrastou a cadeira ao redor da mesa.

- Jesus. A capitã resmungou novamente, e espalhou creme antibiótico sobre o corte. Ela abriu um pacote de bandagens anticépticas e rapidamente fechou o corte. – isso esta melhor. Ela disse. – se a tua mãe, ou pai tiver alguma pergunta sobre o que aconteceu, diga para eles me ligarem. Eu gostaria de um aviso se eles estiverem dispostos a nos processar. Ela deslizou o pacote de amendoins para Janie. – coma.

- sim senhora. Ela disse, agradecida, abrindo o pacote. – a senhora não vai receber nenhuma ligação.

Cabel voltou com três cafés, um pequeno copo com leite, um pacote de muffins* e doughnuts*. Ele casualmente coloca o leite e um muffin na frente da Janie e coloca três porções de creme e açúcar no café dela.

Ela bebeu o leite, sua mão tremia, e sentiu o leite deliciosamente gelado em seu caminho para baixo. – excelente. Ela disse, e respirou fundo.

- então. A capitã começou. – você tem algo para me reportar Cabel?

- sim senhor. Nós chegamos à festa às dezenove e dez horas, maconha já estava sendo vendida, e pelas vinte e três e trinta horas, a cocaína estava no vidro. Cinco menores e vários adultos cheirando carreiras. O senhor Wilder me chamou, e discutimos sobre nossa parceria, ele estava feliz pelo andamento dos negócios. Ele estava semi coerente, mas drogado, e ele me disse que tem um estoque que estava pronto para “ser colocado no mercado”, pelas palavras dele. Aparentemente isso é o suficiente para Baker e Cobb, mas estou furioso por não termos o local do estoque. Eles chegaram depois de três minutos e entraram no lugar, pegando apenas aqueles que foram muito estúpidos para irem pacificamente. E é claro, o senhor Wilder e seus dois filhos. A senhora Wilder não estava presente. E eu realmente não acho que ela esteja mistura com isso. Ele olhou de lado para Janie e se desculpou. – Carrie estava muito bêbada e acabou brigando. Sinto muito sobre isso.

Janie sorriu. – talvez a experiência coloque algum juízo nela. Ela disse.

- pelas duas da manhã, nós estávamos todos no que eu gosto de chamar, meu lar longe do lar. Cabel continuou. – a Janie aqui, veio tentar pagar a fiança de Carrie o do namorado, e por sorte, o senhor Wilder estava mal o suficiente para cair no sono no banco. E Janie se preparou para a viagem. Ele voltou a se sentar, terminando seu relatório.

A capitã assentiu. – bom trabalho Cabe, como sempre. Ela se virou para Janie. – Janie. Um alerta. Você não foi contratada por nós, e não pedimos para você ajudar nas investigações. Você não tem obrigação de compartilhar o que aconteceu antes de você bater sua cabeça em nosso adorável pedaço de merda chamado carrinho de café, o qual vou jogar no lixo logo depois dessa reunião. Mas se você deseja, e acha que tem algo importante para adicionar, eu dou as boas vindas. Ela escreveu alguma coisa em um bloco de anotações e colocou no bolso, e então ela continuou. – parece que Cabe esta um pouco aborrecido por não termos a localização do bolo, e pessoalmente gostaria de ter essa informação para podermos ir para a sentença máxima. À alguma chance de você ter captado algo sobre essas linhas? Ela riu sobre seu próprio trocadilho. – leve o tempo que quiser querida.

Janie estava pensando mais claramente agora, repassando o pesadelo do senhor Wilder em sua cabeça. Ela fechou os olhos em um ponto e sacudiu a cabeça, confusa. Então olhou para cima.

- isso pode parecer bobo, mas o senhor Wilder tem um iate?

- sim. Cabel disse lentamente. – fica em um depósito em algum lugar, durante o inverno. Por quê?

Ela ficou quieta por um longo tempo. Ela não acreditava o suficiente na própria intuição para falar, mesmo sabendo que ela não tinha nada a perder.

- salva vidas laranja? Ela disse hesitante.

A capitã se inclinou para frente, intrigada, e sua voz era mais suave do que o normal. – não tenha medo de estar errada, Janie. Uma pista é uma pista. A maioria delas acaba estando erradas, mas nenhum crime é resolvido sem elas.

Janie assentiu. – vou poupar vocês do sonho sem fim a menos que queiram escutar tudo. Mas a maior parte que me chamou a atenção, e que fico repetindo é isso

- estávamos em um iate, e estava ensolarado e bonitos no oceano. O que parecia uma linda ilha tropical a distancia, e o senhor Wilder estava indo para ela. A senhora Wilder estava tomando banho de sol no deck do barco, na parte da frente, você sabe? E então rapidamente o tempo ficou nublado e com vento, e uma tempestade começou, batendo contra o barco, eu quero dizer com força, como um furacão, com o vento...

Ela parou, fechou os olhos, e ela estava no sonho. Em transe. – e o senhor Wilder estava ficando com medo, por que toda vez que ele chega perto da costa da ilha, um daqueles ventos reverses nos empurra para longe. Como naquele filme em que o Tom Hanks é um naufrago em uma ilha com uma bola de vôlei como bicho de estimação?

Cabe riu. – acho que o filme se chama Naufrago, Hannagan.

- sim. Tanto faz. Enquanto isso, a senhora Wilder ainda esta sentada no deck, lendo um livro, indiferente a tempestade. Estranho, eu sei. Ele grita para ela entrar na cabine e pegar os salva vidas, mas ela não consegue escutá-lo. E então o barco começa a girar e bate contra um recife, e todos

saíram voando para a água. O iate estava em pedaços, e todas as coisas que estavam dentro da cabine flutuava ao redor, sendo carregadas pelas ondas.

- a senhora Wilder esta se debatendo e afundando na água, e o senhor Wilder nada ao redor juntando coisas na água. Ele vê a esposa lutando, e ele pega um salva vidas... Á pelo menos uns quinze flutuando por ali, e ele havia pego uns oito ou nove deles nos braços. Ele começa a nadar na direção dela...

Janie fechou os olhos e engoliu. A voz dela estava tremida. – e eu achei que ele iria salva-la...

Cabel mordeu o lábio.

A capitã ofereceu uma pausa.

Ela balançou a mão, tentando não perder a concentração, e continuou.

- ele começou a nadar na direção dela com os coletes salva vidas. Mas ao invés de salva-la, ele disse... Um... Ele disse, “ você pode apodrecer no inferno, sua cadela velha”. E então ele nadou passando por ela, em direção da praia, com todos aqueles coletes salva vidas. Ela respirou. – como se eles fossem à coisa mais importante na vida dele. E...

Ela parou.

E continuou com uma voz estranha. – e os coletes não estavam mais flutuando... Eles estava afundando na água. O puxando para baixo. E ele não os largava.

Janie abriu seus olhos e olhou solenemente para a capitã. – acho que os pacotes que vocês estão procurando podem estar costurados dentro de coletes salva vidas, senhor.

A capitã já estava no telefone tentando conseguir um mandato para o iate.

A boca de Cabel estava aberta.

A cabeça de Janie latejava. – você tem algum excedrin*? Ela sussurrou.

10h30min

Janie e Cabel estão no exame de matemática.

10h55min

Janie fecha seu livro de respostas em branco, lágrimas salgadas e silenciosas desciam por sua bochecha, ela se levanta, entrega a prova, e sai da sala de aula, todos na sala a encararam enquanto ela saiu. Cabel escreve mais algumas respostas, espera alguns minutos, e entrega a prova também. Inicialmente ele procura no estacionamento por ela, quando vê o carro dela, sendo lentamente coberto pela neve, ele respira aliviado, que ela não está dirigindo na tempestade de neve. Ele volta para dentro da escola e procura pelas salas.

Ele finalmente a encontra, desmaiada na mesa da biblioteca.

Ele a pega.

A leva para a emergência.

No caminho ele liga para a capitã. E conta o que está acontecendo. Sugerindo que agora não seria uma boa hora para Janie ser sugada no sonho de alguém em uma sala de espera de hospital.

Quando eles chegaram à emergência, foram levados para uma sala particular. Cabel sorriu. – eu adoro esse trabalho. Ele murmurou.

Janie estava desidratada. Era tudo.

Eles a colocaram no soro, e então Cabel a levou para a casa dele. Ela dormiu por um longo tempo. Ele dormiu também, no sofá.

Ela colocou a culpa na água salgada.

Gloria e esperança
16 de dezembro de 2005

16h30min

Cabel e Janie estão sentados no escritório da capitã.

A capitã entrou.

Fechou a porta.

Sentou atrás da mesa e tomou um gole do café. Cruza as pernas. Se reclina na cadeira e olha para os dois adolescentes.

- nós pegamos. Ela disse. Ela sorriu, e então gargalhou, como se tivesse ganhado na loteria.

E joga um envelope na direção da Janie.

Dentro:

Um contrato.

Uma oferta de bolsa escolar.

Um cheque.

- leia isso. Me avise se estiver interessada. A capitã disse.

E parou.

- bom trabalho Janie.

25 de dezembro 2005

23h19min

Janie limpa o ultimo pedaço do bolo congelado no lar Heather, faz a ronda, dando um adeus silencioso para os residentes adormecidos, e dá um abraço de agradecimento na diretora. Ela pega um balão de Helio vermelho da mesa do bolo, se vira, e caminha pela porta pela ultima vez, lentamente agora, atravessa o estacionamento na direção de Ethel.

Dirige para casa, e abre caminho na neve ate a casa dele.

Abre a porta.

E entra.

Ele estava esperando, em seu sonho, por ela.

Ela desliza na escuridão contra o corpo dele. Ela beija o ombro dele. Ele pega a mão dela. Entrelaça os dedos nos dela. A segurando com força.

E eles estão fora, através do link dos dedos.

Olhando para eles mesmo, juntos.

Apanhando seus sonhos.

Fim